

PENITENCIÁRIA DE COIMBRA

PERMEABILIDADE E INSERÇÃO NO ESPAÇO URBANO

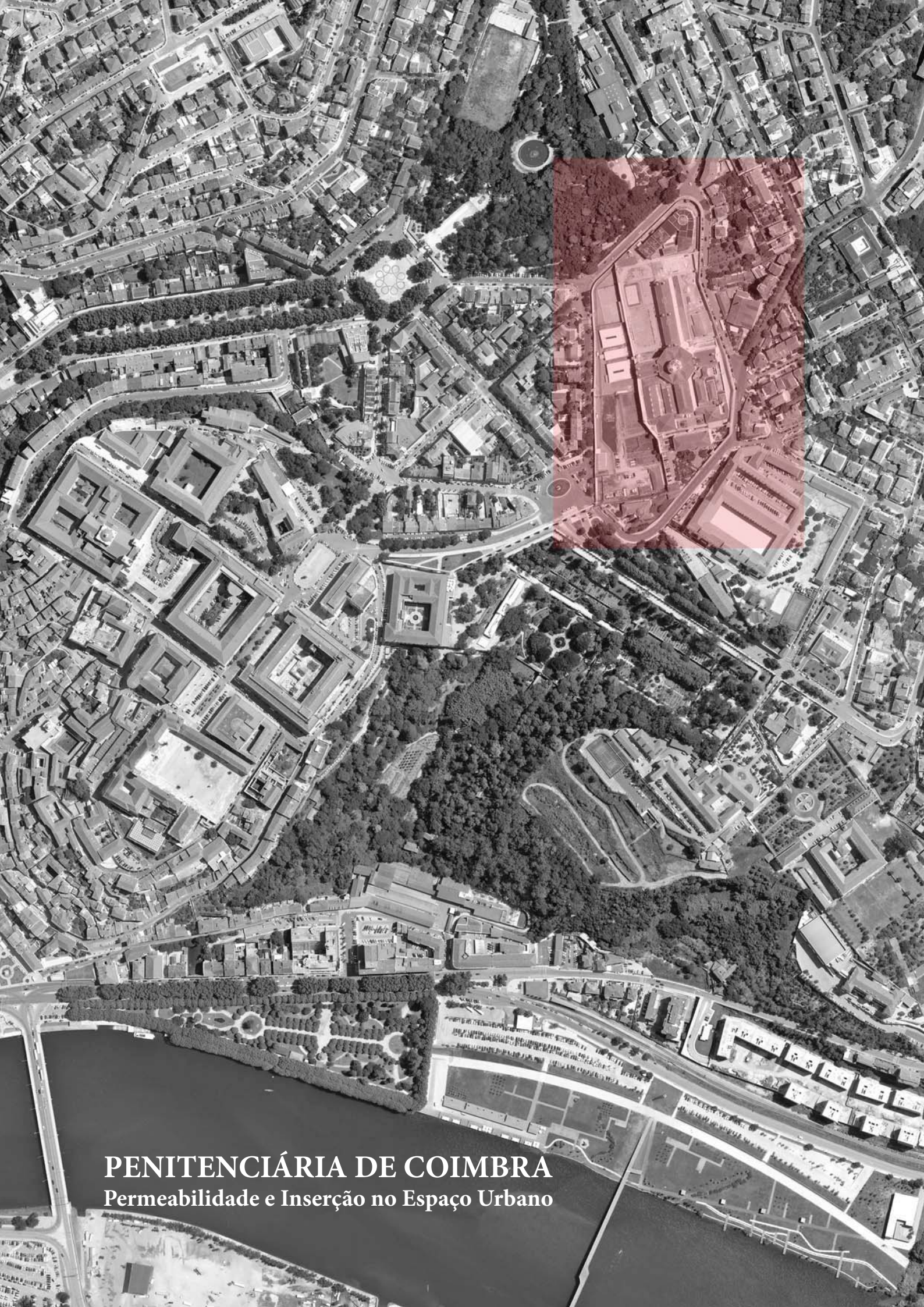


JOSÉ MIGUEL MONTEIRO MARTINS

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITECTURA
Sob a orientação do Professor Doutor António Lousa

Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra
DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA

Coimbra, Julho 2011



PENITENCIÁRIA DE COIMBRA

Permeabilidade e Inserção no Espaço Urbano

Agradecimentos

Ao Professor Doutor António Lousa, meu orientador, o meu respeito e gratidão.

A todos os que contribuíram de alguma forma neste meu percurso, o meu reconhecimento.

Índice

Resumo.....	04
Abstract.....	06
Introdução.....	08
1 Contexto histórico da Arquitectura Prisional.....	14
1.1 Os primeiros exemplos penitenciários.....	15
1.2 Sistemas e Modelos penitenciários.....	23
1.2.1 Sistemas penitenciários.....	23
1.2.1.1 Sistema de Filadélfia ou Pensilvânia.....	23
1.2.1.2 Sistema de Auburn.....	24
1.2.1.3 Sistemas progressivo Inglês e Irlandês.....	24
1.2.1.4 Sistema de Montesinos.....	25
1.2.2 Modelos penitenciários.....	26
1.2.2.1 Pavilhonar.....	26
1.2.2.2 Poste Telegráfico.....	26
1.2.2.3 Panóptico de Bentham.....	27
2 Reabilitação da Penitenciária.....	29
2.1 Intervir no edifício panóptico.....	31
2.1.1 Presídio de Koepel, Arnhem, Holanda.....	31
2.1.2 Museu de Arte Contemporânea de Vigo, MARCO.....	33
2.1.3 Museu Extremeño e Iberoamericano de Arte Contemporáneo Badajoz, Espanha.....	35

2.2	Novos conceitos de Prisões.....	36
2.2.1	Novo Estabelecimento Prisional de Santarém, Portugal....	36
2.2.2	Estabelecimento Prisional Justizzewtrum Leoben, Áustria.	37
2.2.3	Penitenciária de Witzwill, Suíça.....	38
2.2.4	Her Majesty’s Prison High Down, Sutton, Inglaterra.....	40
2.2.5	Estabelecimento Prisional San Pedro, Bolívia.....	41
2.2.6	Prisão de Baixa segurança, Ilha de Bastoey, Noruega.....	42
3 	Penitenciária de Coimbra.....	43
3.1	Contexto histórico e memória de lugar.....	45
3.2	Cadeia Geral Penitenciária de Coimbra.....	45
3.2.1	Instalação da Cadeia.....	45
3.2.2	Enquadramento urbano.....	47
3.2.3	Descrição.....	48
3.2.4	Arquitetura e Tipologia.....	51
4 	Projecto _ Penitenciária de Coimbra.....	55
4.1	Reflexão crítica do local.....	56
4.2	Memória descritiva.....	57
4.3	Proposta _ peças desenhadas.....	59
Conclusão.....		73
Desenhos		
Bibliografia.....		75
Fontes de imagens.....		83
Anexos.....		87

“A vida pode mudar a arquitectura.
No dia em que o mundo for mais
justo, ela será mais simples.”

OSCAR NIEMEYER

Resumo

A presente Tese de Dissertação tem como objecto de estudo o Estabelecimento Prisional de Coimbra, propondo uma reflexão crítica deste edifício, com valor ímpar para a cidade e para a história das penitenciárias em Portugal.

A investigação foca-se na problemática da reestruturação e influência das penitenciárias no centro urbano das cidades, propondo, assim, um novo conceito de prisão, que visa a permeabilidade do edifício penitenciário com o cidadão comum.

Este edifício emblemático da cidade, tem um valor patrimonial de excelência, pese embora a sua condição *intramuros*, que cria uma barreira e uma descontinuidade na malha urbana. Interessa também para o estudo, fazer esta analogia de descontinuidade, entre o recluso e a sua futura reinserção social.

Atendendo a estes condicionalismos e a toda a história da Penitenciária, pretende-se, neste âmbito, corrigir, contornar e criar condições para que a cidade tire partido deste edifício, tanto ao nível formal, como pelos serviços prestados à comunidade.

Para tal, a metodologia que servirá de suporte a este ensaio, assentará no contexto histórico da arquitectura penitenciária, na sua evolução, nas premissas inerentes aos processos de intervenção neste tipo de equipamento e perceber, no âmbito nacional e internacional, as reformas feitas na abordagem aos estabelecimentos prisionais.

Desta feita, privilegiar a preservação do edifício enquanto “máquina de justiça”, enquanto valor simbólico da cidade, procurando uma solução sensata e firme de projecto, para um novo conceito de penitenciária de baixa segurança, inserida no espaço urbano, contribuindo para uma acção regeneradora da condição social de recluso.

Palavras-chave:

Penitenciária de Coimbra, permeabilidade, inserção urbana, recluso, Penitenciária de baixa segurança, prestação de serviços,.

Abstract

This thesis dissertation has as its subject the Penitentiary of Coimbra, offering a critical reflection of this building, which holds a unique value for the city and the history of prisons in Portugal. The research focused on the problem of restructuring and on the influence of prisons in the urban core of cities, offering a new concept of prisons, aimed at building the permeability of the prison with ordinary citizens.

This emblematic building of the city has a patrimonial value of excellence, despite its status *within walls*, which creates a barrier and a discontinuity in the urban fabric. This analogy of discontinuity, between the prisoner and their future reintegration into society, is also of interest to the study.

Given these constraints and the history of the penitentiary, it is intended, in part, to correct, go around and create conditions for the city to take advantage of this building, both formally, as well as through the services it may provide the community with.

To this end, the methodology that supports this thesis, sits on the historical context of the prisons architecture, on its evolution, on the assumptions inherent to the processes of intervention in this type of equipment and on the understanding, nationally and internationally, of the reforms made in addressing these facilities.

In this manner, favoring the preservation of the building as a "machine of justice", as a symbol of the city, looking for a sensible and firm project for a new

concept of low-security prison, inserted in the urban space, contributing for the regenerating of the social conditions of prisoners.

Keywords:

Penitentiary of Coimbra, permeability, urban integration, prisoner, low-security penitentiary, services provision.

Introdução

Este trabalho reflete a mira do Arquitecto, traduz o seu livre-arbítrio, a sua vontade de modelar, de intervir, de corrigir, de melhorar, de transformar, de se exprimir por palavras, desenhos ou acções.

Ao longo do curso de Arquitectura, vamos enriquecendo os nosso saberes, as nossas experiências e vontades, vamos tomando consciência do ser Arquitecto, do valor e dever social intrinsecamente ligado à nossa profissão, com os nossos valores pessoais e, ao mesmo tempo, vamos fazendo escolhas, decidindo rumos, abrindo e fechando portas. Neste percurso, vamos observando objectos, edifícios, cidades, já com uma consciência mais apurada e quase definida. Tentamos pôr o nosso cunho pessoal no que nos rodeia, muito embora, às vezes, apenas em experiências ou pensamentos, contudo vamos ganhando mestria e traçando o nosso trajecto.

A escolha do tema “Penitenciaria de Coimbra. Permeabilidade e inserção no espaço urbano.”, passa por toda a vivência na cidade, a curiosidade no edifício, o tentar perceber o que se passa para lá da cerca, os métodos, a experiencia humana enclausurada e a vontade de ver o edifício aberto à cidade, rompendo esta barreira imposta pelos muros. Outro ponto não menos importante, tem haver com a consciencialização de dever do Arquitecto e o desafio de “cuidar” do ser humano, através dos espaços, em busca da qualidade espacial, que nos influencia a todos.

A Penitenciária de Coimbra, para qualquer habitante desta cidade, suscita sentimentos díspares, seja pelos seus mais de 120 anos de existência, ou seja, para muitos é um edifício que sempre lá esteve, que nos leva a um sentimento de conformidade por um lado, podendo gerar a nossa indiferença, ou, pelo contrário, despertar-nos interesse, inquietude, interrogações ou curiosidade.

Além do seu indubitável valor arquitectónico e patrimonial, este edifício tem uma curiosa relação com a cidade. Sendo este um edifício panóptico, ou seja, “a sua concepção está intimamente ligada com o engenhoso modelo de vigilância total, directamente deduzido das ideias de Bentham, também o modo como se assume perante a cidade é forte e intenso, de tal modo que há uma analogia, perversa e reversível, que produz um dúplice efeito de vigilância: tal como o guarda observa, do interior do octógono, todos os prisioneiros, também a cidade que envolve a Penitenciária de Coimbra se coloca topograficamente numa posição de vigilância sobre a cúpula, uma posição variável e articulada, segundo o ângulo de visão, mas sempre dominadora, firme e explícita.”¹

Este trecho acima referido, espelha a pertinência deste tema, reflectindo a indubitável importância deste edifício para a cidade de Coimbra. Este assunto tem vindo a terreiro, por parte de várias entidades, bem como tem sido alvo de discussão por vários arquitectos, suscitando o interesse de muitos e a inquietação de outros. Hoje, as sensibilidades relativas à estratégia urbana ou à especificidade programática continuam ausentes e procura-se, caso a caso, dar respostas expeditas às poucas solicitações que vão surgindo. O edifício da Penitenciária de Coimbra, «é um espaço com uma forte identidade patrimonial, com um programa radicalmente específico – um panóptico -, uma verdadeira máquina judiciária, cujo modelo, concebido em pleno Iluminismo, gloseia o próprio conceito de funcionalidade.»².

¹ BANDEIRINHA, José António (2009), “Poderá a arquitectura servir para justificar as funções às quais se destina?” Em linha]. [Consult. 18 Janeiro 2011] Disponível em <http://feirados23.wordpress.com/2009/02/12/estabelecimento-prisonal-de-coimbra/>

² BANDEIRINHA, José António (2003), “Revista NU #12 Onde está Coimbra?”, p.25

A contínua degradação deste edifício é evidente. Este tem sofrido várias alterações ao longo dos tempos, com o intuito de suprir as necessidades populacionais do estabelecimento. Têm sido acrescentados módulos pré-fabricados, sem o mínimo de condições para o recluso. Aqui denota-se a iminente necessidade de reabilitação deste espaço, no sentido de proporcionar melhores condições para a população prisional.

Há muito que este tema dos Estabelecimentos Prisionais vem sendo abordado, porém ainda é um tema perverso da actualidade, cujas transformações têm sido escassas, tanto no âmbito da reforma burocrática dos sistemas prisionais, como ao nível dos próprios edifícios. Na condição internacional, tem-se presenciado algumas transformações e soluções mais ousadas, assertivas ou não, tem-se actuado no sentido de alcançar um novo conceito de edifício prisional.

Ainda assim, este é um tema que está longe de ser resolvido, devido à sua complexidade, bem como à perversidade existente *intramuros*, porém todas as tentativas, discussões, intervenções, são válidas no âmbito de um sistema prisional melhor, continuando assim, a alimentar as mentes dos críticos ligados às várias disciplinas que estudam o Homem e a sua condição Social enquanto privados da sua liberdade.

Todos estes aspectos despertaram-nos particular interesse e serviram de mote ao tema da dissertação.

Outro aspecto directamente relacionado com este trabalho, passa pela vontade e crença, que este edifício inserido no espaço urbano, pode contrariar a tendência do que se tem feito actualmente. Por um lado, em alguns casos, tem-se desvirtuado o edifício enquanto equipamento prisional e reconvertê-lo em espaço Cultural, sejam Museus, Bibliotecas e, por outro, a sua demolição impera e o equipamento prisional é deslocado para as periferias das cidades.

Este facto acarreta vários handicaps, visto que traz mudanças significativas para os funcionários da penitenciária, as visitas aos reclusos passam a ser condicionadas pelo transporte e pela sua longa distância, todo o abastecimento se torna mais difícil e dispendioso.

Um exemplo deste processo é a Penitenciária de Coimbra. A Autarquia quer retirá-la do centro urbano da cidade, com o intuito de a deslocar, primeiro para a zona do Botão e agora, para um local ainda não conhecido, na certeza de ser fora do perímetro urbano, indo de encontro ao já referido, todos estes condicionalismos são evidentes.

Assim, esta dissertação visa subverter o estereótipo de segregação social reflectida na população prisional, por meio de um projecto que integre condições que quebrem esta barreira, por um lado, psicológica - respeitante aos reclusos, por outro lado física – referente aos muros que encerram o edifício à cidade (*hortus conclusus*), privando a mesma da interacção com este espaço, que por si só se torna um ponto de descontinuidade da malha urbana.

Assim, a título académico, determinamos que este seria um tema com particular interesse para a cidade em que habitamos e ousamos fazer uma proposta que contrarie este movimento, propondo-nos a nós mesmos este desafio.

No âmbito da investigação, vários foram os recursos tomados que serviram de suporte a esta tese.

Foram feitas pesquisas bibliográficas, documentos e imagens, junto aos Arquivos Históricos Nacionais, Bibliotecas, Departamento de Arquitectura,, Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Arquivos dos Serviços Prisionais, fichas de inventário, Jornais de época, enfim, todos os recursos possíveis foram usados no sentido de enriquecer esta pesquisa e sustentar todo este ensaio.

Por sua vez, a visita à Penitenciária de Coimbra foi fundamental para o seu entendimento enquanto edifício panóptico prisional, bem como para perceber toda a atmosfera real para lá daqueles altos muros que encerram todo o complexo penitenciário. A passagem através dos gradões que separam as alas prisionais, criou-nos um sentimento especial e enriqueceu a nossa percepção do espaço. O octógono central despertou-nos ainda mais entusiasmo por este monumental edifício e engrandeceu todas as emoções que só o próprio local desencadeia.

Também a oportunidade de conversar o Sr. Director da Penitenciária e a visita acompanhada e esclarecida por parte de uma Técnica e um Guarda do serviço prisional, foram imprescindíveis e uma mais valia na elaboração do trabalho.

As palavras de antigos funcionários da Penitenciária de Coimbra e a conversa com um psicólogo ligado ao círculo prisional, serviram também de estímulo e orientação ao rumo do trabalho.

Todos estes contributos ampararam toda a concepção deste projecto.

A tese compreende quatro capítulos fundamentais.

O primeiro capítulo prende-se com o contexto histórico das prisões, desde a sua história até ao aparecimento das primeiras instituições punitivas, entendendo, também, a relação do homem em penitência e a prisão. Foca-se nas ideias, concepções e modelos penitenciários no âmbito nacional e internacional. Este estudo é apoiado nas ideias e protótipos dos mentores e mestres da arquitectura prisional.

No segundo plano, destaca-se a reflexão e entendimento de exemplos pertinentes, que tenham pontos comuns com o objecto de estudo, permitindo, assim, fazer uma composição crítica da intervenção neste edifício panóptico, marcando a contemporaneidade respeitando os seus valores patrimoniais e de função. Fazer o cruzamento desta prisão panóptica com outros exemplos e modelos de reconhecida relevância, é também parte integrante deste capítulo.

No terceiro capítulo, interessa então estudar a Penitenciária de Coimbra, a sua construção, a relação da área de implantação com a cidade, traçando o seu percurso desde o seu aparecimento no séc. XIX, até à actualidade. Aqui, é fundamental um encontro e percepção directa com a evolução da malha urbana da Penitenciária desde o Colégio de Tomar, passando pela sua demolição e consequente construção da actual Penitenciária de Coimbra. Também toda a área envolvente como os jardins da Sereia e Botânico, o Quartel General Militar, os quarteirões habitacionais se tornam alvo de estudo, para um entendimento responsável de toda aquela zona de Coimbra.

Por fim, no último capítulo, será apresentada uma reflexão teórico-crítica, explicando e justificando o projecto, bem como a memória descritiva da proposta. O projecto tem como premissas principais, a sua relação e inserção directa no espaço urbano e a sua permeabilidade enquanto edifício. Propomos uma Penitenciária de baixa segurança, em que os reclusos, numa acção activa com a comunidade, prestam serviços a esta, na relação entre o seu trabalho nas oficinas e a venda ao público em lojas abertas à cidade. O carácter híbrido do edifício, híbrido no sentido de haver cruzamento de espaços comuns entre os reclusos e a população civil, seja por meio do Museu Prisional proposto, ou mesmo pelo arquivo da Biblioteca comum, é outro factor relevante.

Posteriormente, será apresentada a proposta de projecto, sob a forma de peças desenhadas e fotomontagens.

Com esta Dissertação, pretendemos fomentar reflexões críticas sobre os locais onde passamos, através de uma proposta crítico-constructiva deste tão emblemático edifício da cidade de Coimbra.

1 | Contexto histórico da Arquitectura Prisional



Figura 1 | Exemplo de calabouços e torturas



Figura 2 | Convento que servia de cativoiro

1.1 | Os primeiros exemplos penitenciários

A pena é uma instituição muito antiga, cuja origem permanece através dos séculos. A sua aplicação remonta aos primórdios da civilização, já que em cada época da história, o seu povo sempre enfrentou a problemática do crime, da pena e das prisões. Tendo em conta a vida em sociedade, a necessidade do aprisionamento sempre foi um facto comum desde os tempos mais remotos. Sendo que essa necessidade imperava, a prisão surgia localizada nos palácios dos reis, dependências dos templos e fortalezas que cercavam as cidades, nos castelos senhoriais, em fossas baixas, buracos e em gaiolas de madeira, onde os acusados eram amarrados.³

Recuando no tempo, é possível afirmar que desde 1700 a.C-1280 a.C. existiam já cativeiros para que os egípcios pudessem manter sob custódia os seus escravos. Por volta de 525 a.C., os lavradores eram chamados para construir as obras públicas e cultivarem as terras do faraó.⁴ Todavia, aquele que não conseguisse pagar os impostos ao faraó, em troca de construção de obras de irrigação e armazenamento de cereais, tornava-se escravo. Ou seja, no Egito, tal como na Grécia, Pérsia e na Babilónia, o acto de aprisionar tinha como objectivo o manter sob custódia e tortura os que cometiam faltas, ou praticavam o que para a antiga civilização fosse considerado delito ou crime⁵. As “prisões” da época iam desde calabouços a aposentos em ruínas, espaços insalubres de castelos, torres ou conventos abandonados, locais onde era possível que o acusado permanecesse até ao dia do julgamento ou execução. Esta postura prolongou-se durante a idade média, não se reconhecendo até então, a arquitectura prisional.

A lei penal na Idade Média tinha como objectivo provocar o medo e durante todo este período, a ideia de pena como privação da liberdade não existia e as

³ LIMA, Suzann Flávia Cordeiro de – Arquitectura da penitenciária: a evolução do espaço inimigo [Em linha]. [Consult. 4 Março 2011] Disponível em WWW:<URL:http://www.suzanncordeiro.com/arquitetura-penitenciaria-a-evolucao-do-espaco-inimigo>

⁴ O Faraó era o proprietário de toda a terra do Egito e de toda a riqueza.

⁵ MISCIASCI, Elizabeth – A primeira prisão e como surgiram os presídios [Em linha]. [Consult. 10 Janeiro 2011] Disponível em WWW: <URL: http://www.eunanet.net/beth/news/topicos/nasce_os_presidios.htm>

sanções criminais estavam submetidas ao arbítrio dos governantes. No entanto, nesta época surge a prisão de Estado e a prisão eclesiástica. Na prisão de Estado, eram encarcerados os inimigos do poder, real ou senhorial, que tivessem cometido delitos de traição ou os adversários políticos dos governantes. Apresenta duas modalidades: a prisão-custódia onde o réu esperava a execução da verdadeira pena aplicada, ou como detenção temporal ou perpétua, ou ainda até receber o perdão real. A prisão eclesiástica, por sua vez, destinava-se aos Clérigos rebeldes e o internamento tinha um sentido de penitência e meditação. Recolhiam os infractores numa ala do mosteiro para que, por meio de penitência e oração, se arrependessem do mal causado e obtivessem a correcção ou emenda, implementando, assim, o sistema de solidão e de silêncio.

Durante os séculos XVI e XVII, a Europa foi assolada por um alarmante estado de pobreza que alastrou a diversos Países. Esta situação contribuiu para o aumento da criminalidade: os distúrbios religiosos, as guerras, as expedições militares, as devastações de países, a extensão dos núcleos urbanos com a migração da população dos campos para as cidades, a crise das formas feudais e da economia agrícola, etc. Este facto forçou a construção de várias prisões, onde o trabalho era entendido como disciplinador e correctivo, especialmente para crimes cometidos contra o património, que não se solucionariam com a pena de morte. Assim, no século XVI, aparecem na Europa prisões destinadas a recolher mendigos, prostitutas e pessoas de comportamento imoral, com o fim de segregá-los por um período. Posteriormente, no século XVII, surgiram instituições chamadas House of Correction ou Casas de Correcção⁶. No entanto, é importante salientar que as pessoas que estavam nestes estabelecimentos não eram condenadas judicialmente por prática de crimes, mas apenas tidas como de má conduta social. A primeira instituição penal foi o Hospital de San Michele, em Roma, e era destinada a encarcerar "jovens delinquentes", dando início ao aparecimento das Casas de Correcção. A primeira Casa de Correcção

⁶ MISCIASCI, Elizabeth – A primeira prisão e como surgiram os presídios [Em linha]. [Consult. 10 janeiro 2011] Disponível em WWW: <URL: http://www.eunanet.net/beth/news/topicos/nasce_os_presidios.htm>



Figura 3 | Hospital de San Michele (Roma)



Figura 4 | White Tower (Londres)

destinada a recolher criminosos foi construída em Londres, entre 1550-1552 e este modelo foi alastrando por todo o mundo, difundindo-se de modo marcante no século XVIII e desenvolvendo o seu carácter desumano.

Entre a Idade Média e o final do século XVIII, o crime era considerado uma afronta ao poder do soberano e por isso eram aplicados castigos em praça pública, com a função de deixar uma marca indelével naquele que praticou o acto criminoso. Ou seja, o castigo teria uma função social, constituindo o triunfo da força do poder do soberano, devidamente testemunhado por todos. Ocorreu, então, uma inversão no sistema punitivo: o julgamento, que outrora era velado, passa a ser público, e a aplicação da pena, que antes era em praça pública, torna-se oculta.

Assim, a prisão tornou-se um tipo de pena autónoma, cujas primeiras experiências se registaram na Europa. Nos séculos XVII e XVIII surgiu um grande número de estabelecimentos de detenção, não obedecendo a nenhum princípio penitenciário, normas de higiene e de moral. Eram geralmente prisões subterrâneas, insalubres, masmorras de desespero e de fome, repletas de condenados que ali eram abandonados. As febres infecciosas propagavam-se dizimando os reclusos e quando eram transmitidas para fora, causavam significativos danos à população livre.

Durante o século XVIII verificou-se uma importante mudança na concepção filosófica e doutrinal da Pena e um melhoramento significativo e profundo da condição da vida prisional.

No entanto, e na sequência de um exercício de comparação entre as prisões e as suas condições antes e após as obras dos reformadores penitenciários, George Ives afirma que se as antigas prisões “eram sobrelotadas, esqualidas, infectas, e imundas; as novas deveriam ser limpas e higiénicas. Nos velhos edifícios o deboche e o vício eram ordinários e galopantes; no meio da humidade e da miasmática escuridão eram ouvidos juramentos e obscenidades dos mais abandonados sexos, juntamente com o arrastar dos seus pesados grilhões, cujo som poderia ser ouvido de tempos a tempos pela acentuada cutilada do chicote do carcereiro. As novas prisões eram compostas por celas; existiam enormes fileiras de túmulos, dentro dos quais um recluso solitário e

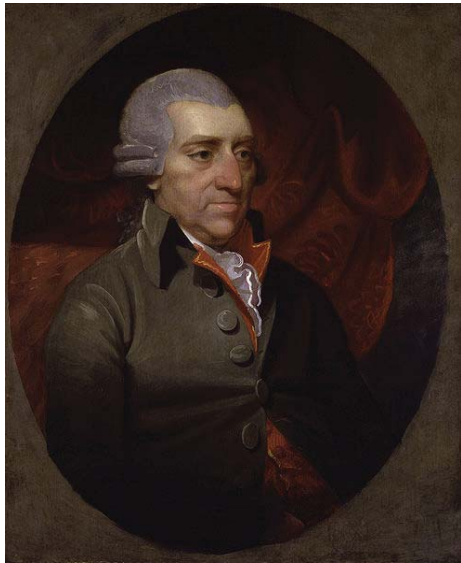


Figura 5 | John Howard (1726-1790), viajante, reformador e filantropo inglês e literato italiano



Figura 6 | Cesare Bonesana, Marquês de Beccaria (1738-1794) jurista, filósofico, economista

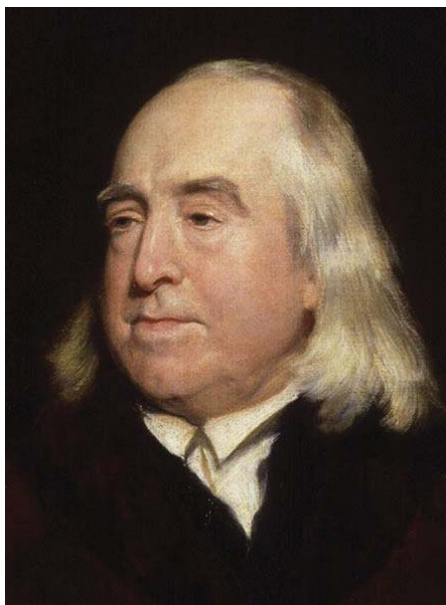


Figura 7 | Jeremy Bentham (1748-1832), filósofo e juriconsulto inglês

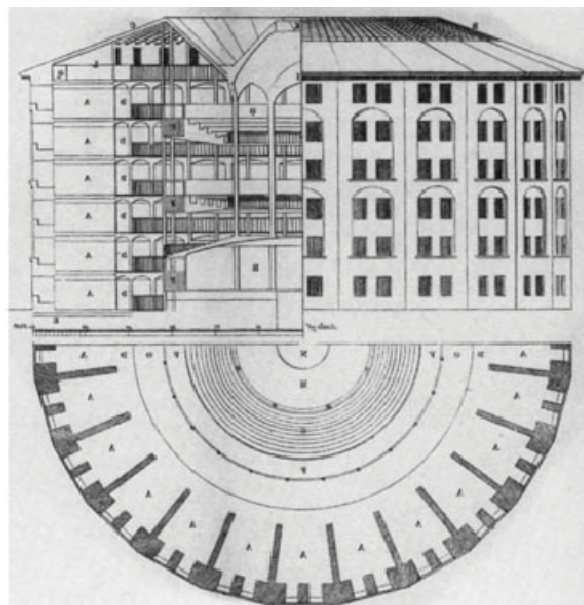


Figura 8 | Sistema Panóptico de Jeremy Bentham. Penitenciária com 6 pisos (alçado, corte e planta), 1891

indolente frequentemente morria. Um profundo silêncio reinava, mas por vezes figuras fantasmagóricas, sempre vigiadas, e usando máscaras, possivelmente com medo de que se reconhecessem uns aos outros, eram apressadas através de passagens típicas de adega, não se atrevendo a virar a cabeça para olhar à sua volta, nem tão pouco a levantar os olhos para um rápido soslaio em busca de uma outra máscara eventualmente presente.”⁷

De facto, existia ainda um longo caminho a percorrer mas, apesar do ponto de partida parecer aos olhos de hoje censurável ou repreensível, o mesmo marcou o início da Ciência Penitenciária moderna.

De entre os pensadores e reformadores penitenciários que se destacaram é importante salientar nomes como John Howard, Cesare Beccaria e Jeremy Bentham.

Viajante e filantropo inglês, John Howard dedicou a sua vida ao melhoramento das condições de vida nas prisões, defendendo que para tal era imperativa uma ampla reforma penitenciária. Após algumas viagens, Howard sentiu-se horrorizado com as condições em que viviam os presos, tendo ele próprio vivenciado e sentido na pele essas terríveis condições. Quando se dirigia a Portugal por ocasião do Terramoto de 1755, com intenção de auxiliar as populações portuguesas, o barco onde seguia foi capturado por corsários franceses que o aprisionaram em Brest.

Impulsionado pelo horror e pela degradação que encontrou durante o seu périplo pela Europa, escreveu a obra “The State of the Prisons in England and Wales, with Preliminary Observations and an Account of Some Foreign Prisons”, onde descreveu a aversão, a promiscuidade e a imundície das prisões europeias.

Naquela época vigorava o chamado Sistema de Comunidade, em que se colocavam nas prisões todo o tipo de delinquentes, sem qualquer critério, nem separação, uma vez que apenas se pretendia retirá-los da sociedade e fazê-los pagar pelos seus crimes. Os reclusos viviam amontoados em espaços exíguos devido à sobrelotação e o contágio físico e moral era diário. Se por um lado a

⁷ IVES, George - **A History of Penal Methods: Criminals, Witches, Lunatics**. Montclair: Patterson Smith, 1970. P.171-172.

higiene era inexistente e a denominada febre carcerária, da qual morreu Howard, alastrava livremente pelas prisões, por outro, a falta de critério (juntava-se o reincidente com o recluso primário, o recluso saudável com o recluso doente, o condenado por crimes graves com o condenado por crimes leves, etc) conduzia a que o crime fosse ensinado e aprendido dentro das prisões e a correcção fosse impossível.

Para Howard a principal função da execução da pena de prisão era a reeducação e, nesse contexto, tais condições de vida eram absolutamente intoleráveis. Assim, Howard propôs uma ampla reforma penitenciária, cujas bases eram as seguintes: educação religiosa, trabalho regular organizado, condições alimentícias e de higiene humanas, isolamento parcial para evitar o contágio moral e inspecções periódicas.

No entanto, as suas ideias não foram acolhidas no seu país devido ao grande esforço orçamental que se mostrava necessário e a deportação surgiu como uma alternativa muito mais atraente – não só era mais barata, como também prometia reduzir o crime pelo simples facto de afastar os criminosos. Não obstante, os ideais de Howard tiveram um importante impacto nos Estados Unidos da América, onde a Sociedade de Filadélfia, adoptando as suas ideias, decidiu criar em 1797 a primeira prisão celular – Newgate Prison. A obra de Howard, que foi considerado como “o apóstolo da humanização das prisões” foi continuada, em parte, por Jeremy Bentham.

Outro pensador importante da cultura penal europeia foi Cesare Bonessana, Marquês de Beccaria, para quem mais valia prevenir os delitos que puni-los.

Para Beccaria, era imperativo implementar um novo sistema de Direito Penal e preconizava a abolição da pena de morte, da tortura e das penas desumanas que faziam parte do quotidiano da sua época. Segundo este pensador, a pena devia revestir-se de algumas características essenciais, para que não tivesse um carácter cruel e arbitrário. Nesse sentido, e segundo as suas próprias palavras, “para que toda a pena não seja uma violência de um ou de muitos contra um cidadão particular, deve ser essencialmente pública, pronta, necessária, a mais pequena possível nas circunstâncias dadas, proporcional

aos delitos, fixada pelas leis”⁸ Este pensador defendia, também, que uma das melhores maneiras de travar os crimes não era a crueldade da pena mas sim a sua infalibilidade, ou seja, a certeza de um castigo mesmo que moderado, atemoriza mais do que o receio de um castigo pior aliado à esperança de impunidade.

A privação da liberdade foi, igualmente, alvo da atenção e da reflexão do Marquês de Bonessana. Sobre os presos e as prisões do seu tempo dizia que não passavam de mansões onde se propagava a miséria e a fome, locais despovoados de compaixão e de sentimento de humanidade. Considerava a privação da liberdade uma pena e, por isso, ela não devia “preceder a sentença senão quando a necessidade o exigisse”⁹.

Defendia, ainda, que no que toca ao rigor da vigilância dos detidos, o mesmo não pode ser senão o necessário, ou para impedir a fuga ou para não apagar as provas dos delitos. E se o defendeu no plano teórico, melhor o fez no plano prático pois, enquanto magistrado político defendeu e propôs pequenas, mas humanitárias alterações para melhorar a sorte dos condenados.

Entre as obras de John Howard e de Cesare Beccaria existe, uma certa complementaridade. A obra de Beccaria teve cariz político e jurídico e o seu campo de acção foi de grande amplitude, pois ambicionava a reforma do Direito Penal em vigor à época. Já a obra de Howard teve um fim filantrópico e humanitário e o seu campo de acção teve limites mais apertados, materializando-se na humanização do regime das prisões e na sua organização visando uma finalidade correcional. Por um lado, Beccaria levou a cabo a sua obra através da pena e do papel, na paz do seu gabinete de trabalho. Por outro, Howard visitou um grande número de prisões europeias, vendo de perto o seu drama, tendo para tanto empreendido longas e perigosas viagens a países distantes, manteve um estreito contacto com os presos e arriscou a sua saúde e sua vida expondo-se ao contágio das doenças carcerárias, que vieram a causar a sua morte. Beccaria foi um pensador, Howard foi um homem de acção.

⁸ BECCARIA, Cesare. *Dos Delitos e das Penas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998. P.163

⁹ BECCARIA, Cesare. P.103

Como foi referido anteriormente, o trabalho de John Howard foi, em grande medida, seguido por Jeremy Bentham, seu contemporâneo. Nascido em 1748, em Londres, no seio de uma família conservadora, Bentham viria a professar esses ideais durante uma parte da sua vida.

Senhor de múltiplos interesses, Bentham interessou-se, então, pela reforma do sistema prisional, tendo sido este um dos seus temas de reflexão preferidos. Na sua obra “The Constitutional Code”, publicada em 1830, Bentham defendeu a necessidade da prevenção e da punição dos delitos. No entanto, recusava a pena de morte e por isso defendia acerrimamente a prisão. Assim, apresentou um regime penitenciário que assentava essencialmente em três pilares - a doçura, o rigor e a severidade - e defendeu, ainda, a separação dos reclusos por sexo, a manutenção adequada da higiene e do vestuário dos detidos, o fornecimento de uma alimentação apropriada e a aplicação rigorosa do regime disciplinar. O objectivo de Bentham era “reformatar e corrigir os presos, para que quando saíssem em liberdade não constituíssem uma desgraça para (...) a sociedade.”¹⁰

Por outro lado, Bentham preocupou-se, também, com a questão arquitectónica e apresentou uma nova concepção de edifício prisional a que chamou Panóptico. Em termos arquitectónicos, o Panóptico consistia num edifício circular, onde as celas ocupavam a periferia e, no centro, uma torre de vigília permitiria aos guardas visualizar, a qualquer momento, sem serem vistos, as actividades desenvolvidas pelos presos. Assim, os ocupantes das celas estavam separados uns dos outros e eram sujeitos a um escrutínio simultaneamente colectivo e individual feito por um observador a partir da referida torre, permanecendo este invisível.

É possível, então, afirmar-se que Bentham foi o precursor mais proeminente dos sistemas prisionais, tendo congregado intimamente a ideia penitenciária com a ideia arquitectónica. Criou uma arquitectura penitenciária e colocou-a ao serviço de um regime penitenciário. Além disso, as ideias de Bentham exerceram uma profunda influência sobre a teoria da arquitectura penitenciária

¹⁰ GARRIDO GUZMAN, Luis. Manual de Ciencia Penitenciaria. Madrid: Editoriales de Derecho Reunidas (Edersa), 1983. P.93

que se materializou em edifícios, em cujas linhas gerais se torna evidente o claro peso do seu projecto.

Mais à frente, no ponto dedicado aos modelos penitenciários, a questão do Panóptico voltará a ser abordada e aprofundada.



Figura 9 | Prisão de Walnut Street, Filadélfia, Pensilvânia

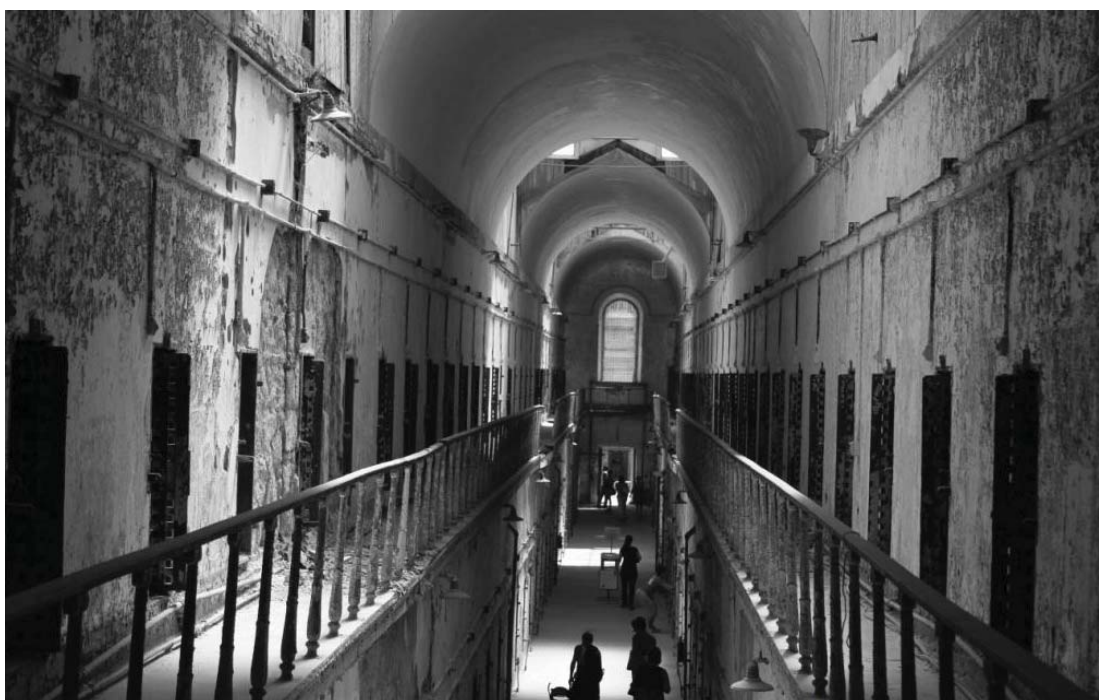


Figura 10 | Eastern State Penitentiary da Filadélfia, Pensilvânia

1.2 | Sistemas e Modelos penitenciários

Neste segundo ponto, é fundamental perceber como surgem os principais sistemas penitenciários e modelos de arquitectura prisional, muitos deles que nos chegam até aos dias de hoje.

1.2.1 | Sistemas penitenciários

1.2.1.1 | Sistema de Filadélfia ou Pensilvânia

Este modelo surgiu em 1790 com a prisão de Walnut Street. Este modelo começou sob a influência da sociedade *quaker*¹¹ e de alguns dos mais respeitáveis cidadãos da Filadélfia. Partindo das ideias de John Howard e Beccaria e dos conceitos religiosos aplicados pelo Direito Canônico, o objectivo principal era a reforma das prisões.

Baseado na clausura solitária em celas individuais, sem trabalho nem visitas, este modelo procurava o arrependimento através da solidão e da leitura da bíblia. Outro pressuposto importante era evitar o aspecto corruptor das prisões, prevenindo que os presos se contagiassem mutuamente. Este novo modelo inspirou várias prisões nos Estados Unidos e especialmente na Europa.

No entanto, este sistema fracassou, uma vez que deu origem a “uma série de seres alienados, cheios de complexos, anti-sociais vítimas do isolamento”¹².

¹¹ Quaker - é o nome dado a vários grupos religiosos, com origem comum num movimento protestante britânico do século XVII. Os quakers são chamados também de Sociedade Religiosa dos Amigos (em inglês: *Religious Society of Friends*), ou simplesmente Sociedade dos Amigos ou Amigos. Eles são conhecidos pela defesa do pacifismo e da simplicidade.

¹² MAGARIÑOS, Faustino Gudín Rodríguez - Historia de las prisiones. [Em linha]. [Consult. 20 Março 2011] Disponível em <http://ocw.innova.uned.es/ocwuniversia/derecho-constitucional/derechos-de-los-reclusos/pdf/ESTUDIO0.pdf>

1.2.1.2 | Sistema de Auburn

O Sistema de Auburn surgiu em 1816, depois do fracasso do Sistema de Filadélfia. Procurando superar as limitações e os defeitos do sistema de Filadélfia mas sem abandonar os seus ideais de austeridade, neste novo modelo “a acção de socialização existe fundamentalmente durante o dia, associada à meditação nocturna.”¹³

Neste sistema, os prisioneiros eram divididos em categorias, sendo que aqueles que possuíam um potencial maior de recuperação eram isolados apenas durante o período noturno, e era permitido que trabalhassem juntos

durante o dia.

Assim, o sistema auburniano procurava, também, adequar a mão de obra penitenciária aos intentos do sistema capitalista, submetendo o recluso ao seu regime político-económico, aproveitando-o como força produtiva. Acreditavam que o trabalho era, por si só, um instrumento reabilitador do preso, considerando-o como um agente de transformação e reforma da pessoa humana.

O fracasso deste sistema deveu-se ao facto de se constituir num regime disciplinar excessivamente rigoroso, com a aplicação de castigos cruéis e excessivos. Também com o passar do tempo, o trabalho nas prisões passou a representar uma forte competição ao trabalho livre e constituiu, por outro lado, uma das bases do sistema progressivo, ainda aplicado hoje na maioria dos países.

1.2.1.3 | Sistema Progressivo Inglês e Irlandês

Coincidindo com a ideia da consolidação da pena privativa de liberdade como instituto penal e da necessidade da busca da reabilitação do preso, em 1846 surge o Sistema Progressivo Inglês que se baseava no restabelecimento do equilíbrio moral do réu e da sua reintegração na sociedade civil.

A ideia de um sistema penitenciário progressivo surgiu no final do século XIX, no entanto, a sua utilização só se generalizou depois da I Guerra Mundial. A

¹³ MAGARIÑOS, Faustino Gudín Rodríguez - Historia de las prisiones. [Em linha]. [Consult. 20 Março 2011] Disponível em <http://ocw.innova.uned.es/ocwuniversia/derecho-constitucional/derechos-de-los-reclusos/pdf/ESTUDIO0.pdf>

base deste regime consistia em distribuir o tempo de duração da condenação em períodos, ampliando-se em cada um deles os privilégios que o recluso poderia desfrutar, de acordo com a sua boa conduta e o avanço alcançado pelo tratamento reformador. Outro aspecto importante era o facto de possibilitar ao recluso reintegrar-se na sociedade civil antes do fim da condenação. Em suma, o sistema progressivo tinha dois pressupostos importantes: estimular a boa conduta do recluso e obter a sua reforma moral para uma futura vida em sociedade.

Posteriormente foi implantado o Sistema Progressivo Irlandês. Com os mesmos fundamentos e partilhando, também, a mesma ideologia, este novo sistema apenas acrescentava uma etapa intermédia ao sistema inglês, que passa pela preparação do recluso para a vida em liberdade, através da integração em prisões especiais. Neste período intermédio, o preso trabalhava ao ar livre e em prisões especiais, preferencialmente agrícolas. O recluso não usava uniforme, não sofria castigos corporais, podia comunicar-se com a população livre e ainda dispunha de uma parte da remuneração do seu trabalho.

1.2.1.4 | Sistema de Montesinos

Em Espanha surge o Sistema de Montesinos, no ano de 1934. Este sistema não se diferenciava muito do sistema irlandês e a sua grande contribuição foi a filosofia de que o poder disciplinar numa prisão deve reger-se pelo princípio da legalidade, e que não devia ser aplicado ao preso qualquer medida ou tratamento de natureza infame ou que atentasse contra a sua dignidade.

Assim, as principais características deste novo sistema passavam pela importância do sentido regenerador da pena, entendendo que esta deveria ter um carácter eminentemente ressocializador, efectivado principalmente através do trabalho do recluso. No entanto, este trabalho deveria servir não como meio de exploração da mão de obra, mas sim como meio de ensinamento.



Figura 11 | Prisão de Lewisburg, Pavilhonar (Estados Unidos)



Figura 12 | Prisão de Fresnes, Poste Telegráfico (França)

1.2.2 | Modelos penitenciários

1.2.2.1 | Modelo Pavilhonar

A prisão de Lewisburg (1932) do arquitecto Alfred Hopkins, adopta um novo estilo arquitectónico em termos de composição espacial. Este novo modelo caracteriza-se pela adição de pavilhões isolados que tinham a vantagem de isolar núcleos de revoltosos mas, ao mesmo tempo, tinham a desvantagem de dificultar o acesso, a manutenção e a segurança dos pavilhões.¹⁴ Esta tipologia, permitia também, a adição de mais um núcleo para suportar a população prisional.

1.2.2.2 | Modelo Poste Telegráfico

O modelo de Poste Telegráfico ou também designado por Espinha de Peixe, foi uma organização espacial criada pelo arquitecto Francisque Henri Poussin para a prisão de Fresnes, em França, em 1989. Baseado numa filosofia penitenciária de tratamento e recuperação individual do preso, este novo modelo espacial caracteriza-se pela disposição de vários módulos de celas, isolados e paralelos entre si, ao longo de um corredor de circulação fechado, estruturador de toda a composição arquitectónica. Numa extremidade deste corredor situa-se um edifício administrativo e na outra uma capela. Porém, este modelo apresentava um grande problema, pois “permitia que os focos de motins, nascidos nas alas de celas, rapidamente, tomassem as demais alas de celas, de serviços e alcançassem a administração.”¹⁵ Esta situação conduziu a

¹⁴ GAMITO, Ana Maria Baião – Arquitectura Prisional em Portugal. A utopia carcerária. Coimbra : [s. n.], 2001. 128 p. Prova Final de Licenciatura em Arquitectura apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. p.30

¹⁵ LIMA, Suzann Flávia Cordeiro de - Arquitectura penitenciária: a evolução do espaço inimigo. [Emlinha].[Consult. 20 Março 2011]
Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.059/480>



Figura 13 | Prisão Petite Roquette, Panóptico (Paris)

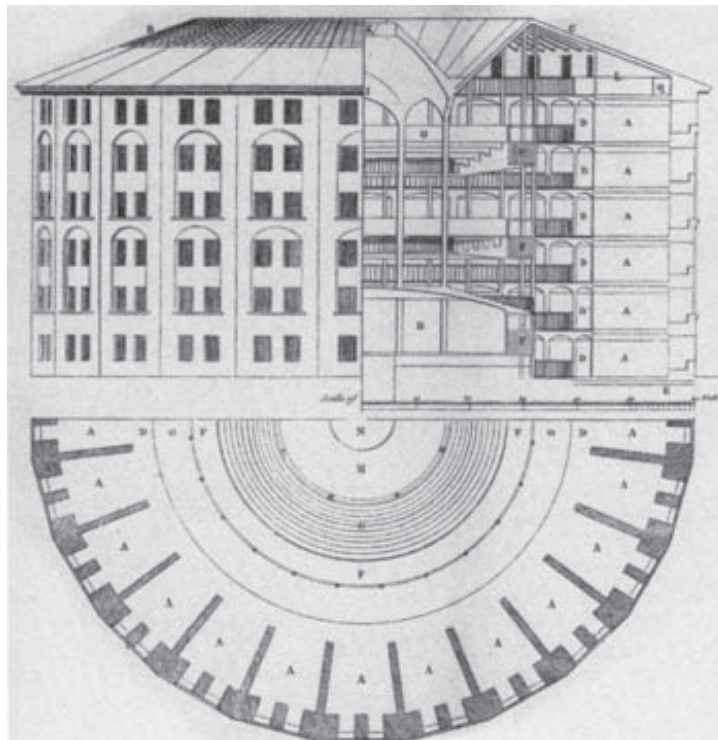


Figura 14 | Sistema Panóptico de Jeremy Bentham
Penitenciária com 6 pisos (alçado, corte e planta), 1891

que, mais tarde, este modelo tivesse evoluído, retirando a administração de dentro da unidade prisional, preservando-a das rebeliões.

A difusão desta nova organização espacial recebeu principal apoio por parte do arquitecto Alfred Hopkins, grande impulsionador e figura de proa nesta matéria na primeira metade do século XX. Este, introduziu nos Estados Unidos o desenho paralelo, também denominado poste telegráfico, partido em espinha ou duplo pente, que harmonizou com um denominado estilo gótico moderno.

1.2.2.3 | Modelo Panóptico de Bentham

O panóptico de Jeremy Bentham representa, para muitos, o modelo ideal de segurança e controle das penitenciárias, sendo uma composição arquitectónica por excelência. Este edifício tem forma de anel com um pátio e uma torre ao centro. Este anel subdivide-se em pequenas celas que dão tanto para o interior como para o exterior. Esta estrutura geométrica permite uma relação de transparência que faz com que a luz atravesse a cela de lado a lado, permitindo que os guardas tenham uma visão total e global do interior das celas. Na torre central está um guarda que controla todos os movimentos nas celas e, através do jogo de luzes, torna-se impossível aos prisioneiros perceber se naquele ponto central está ou não alguém a vigiar. Isolados, os condenados são expostos à observação mas sem saber se a vigilância é ininterrupta ou não, quem os vê ou o que vêem.

No livro “Vigiar e Punir” de 1975, Michel Foucault¹⁶ refere que o princípio da masmorra é invertido e das funções de trancar, privar de luz e esconder, no panóptico só se conserva a primeira, suprimindo-se as outras. Para Foucault o panóptico aparece como “jaula cruel e sábia” e diz, ainda, que neste caso a visibilidade é uma armadilha e que “o sistema panóptico induz ao detento um

¹⁶ Michel Foucault (1926-1984) - importante filósofo e professor francês. Foucault foi o principal representante do estruturalismo. Toda a sua obra é um exaustivo trabalho de arqueologia do saber ocidental, pondo em evidência as estruturas conceptuais que à priori determinam as articulações entre o saber e o poder, estabelecendo o que é interdito e o que é permitido. O pensamento de Foucault explorou os modelos de poder nas várias sociedades, e a forma como este se relaciona com as pessoas.

estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder”¹⁷.

Na realidade, Bentham criou o princípio de que o poder deveria ser sempre visível (o prisioneiro consegue ver a torre) e inverificável (o prisioneiro nunca tem a certeza se está a ser observado). Assim, a partir da inspiração de Bentham, surge uma nova concepção de controlo e castigo, utilizando mecanismos psicológicos como forma de evitar a violência física como meio de segurança, baseando-se essencialmente na centralidade. O panóptico emerge, então, como um marco significativo de organização, tornando possível o florescimento do controle individual. Gradualmente, mais do que uma ferramenta jurídica, este sistema passa a servir outro tipo de instituições como as instituições psiquiátricas, escolas, fábricas, etc. De acordo com Foucault, o panóptico suscitou interesse pelo facto de “ser aplicável a muitos domínios diferentes. Não se tratava apenas de uma prisão. O panóptico, é um princípio geral de construção, um dispositivo polivalente de vigilância, uma máquina óptica universal das concentrações humanas.”¹⁸

Em suma, o panóptico constituiu uma forma de poder no final do séc. XVIII e tornou-se a base de variados projectos por se tratar da forma mais directa de tornar a arquitectura transparente à gestão desse poder, permitindo que a força fosse substituída por uma vigilância sem falhas.

O panóptico é, então, um puro sistema arquitectural óptico cujas aplicações são variadas e “a grande explosão demográfica do século XVIII com a necessidade do aumento da produção faz do panóptico o modelo para a disciplina.”¹⁹

A primeira prisão panóptica foi construída em 1800, nos EUA.

¹⁷ OLIVEIRA, Fernanda Amaral de – Os modelos penitenciários no séc. XIX [Em linha]. [Consult. 12 Fevereiro 2011] Disponível em WWW: <URL: <http://www.virtu.uff.br/artigo%206%20a%201.pdf>>

¹⁸ LOPES, Ana Isabel e SANTOS, Sónia – Da Sociedade disciplinar à Sociedade de controle. [Em linha]. [Consult. 08 Maio 2011] Disponível em www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/momentos/sociedade%20disciplinar/index.htm

¹⁹ GARBELINI, Sandra Mara – Arquitectura prisional, a construção de penitenciárias e a devida execução penal. [Em linha]. [Consult. 08 Maio 2011] Disponível em <http://www.casaprojetoeconstrucao.com.br/artigos-arquitetura-prisional-2.htm>

2 | Reabilitação da Penitenciária

Neste capítulo, faremos referências a intervenções em edifícios panópticos e apresentaremos novos e revolucionários conceitos de Prisões, novas tipologias, e, fundamentalmente, evidenciamos as novas reformas e práticas em equipamentos prisionais, de forma a irmos de encontro e sustentar a nossa proposta de projecto.

Ao longo dos tempos, em quase todas as culturas, este tema relacionado com os Estabelecimentos Prisionais, tem sido alvo de várias reestruturações, tanto no âmbito de regeneração social, relacionadas com a intervenção directa com os reclusos, como também ao nível da arquitectura dos edifícios. Porém, na maioria dos casos, o que tem acontecido, é a deslocação das prisões para fora do perímetro urbano, construindo-se um equipamento prisional de raiz. Na caso dos edifícios que albergavam as prisões terem valor patrimonial e arquitectónico, o edifício, normalmente, é reutilizado e passa a ocupar um novo programa. Programa esse, habitualmente relacionado com a cultura e hotelaria, muitas das vezes desvirtuando por completo o espaço.

Todas as seguintes exposições, auxiliarem-nos na intervenção na Penitenciária de Coimbra, num âmbito formal, enquanto edifício panóptico de uma forte riqueza arquitectónica, como também, na fase de programa, servindo-nos de suporte ao nosso trabalho.



Figura 15 | Axonometria, Proposta de Reforma Presídio de Koepel, Holanda



Figura 16 | Presídio de Koepel, Holanda



Figura 17 | Centro do Panóptico, Presídio de Koepel, Holanda

2.1 | Intervir no Edifício Panóptico

Neste ponto abordamos edifícios de modelo Panóptico, retratando casos férteis de intervenção, muito embora e, como já foi referido, a maioria desses edifícios passa pela reconversão do espaço, alterando as suas valências, passando na sua maioria, a ocupar programas relacionados com a cultura e hotelaria. Todavia são exemplos de peso para a história dos Panópticos, que contribuem e alicerçam o nosso estudo.

2.1.1 | Presídio de Koepel, Arnhem, Holanda | Rem Koolhaas

No projecto inicial de Koepel, construído em 1882, o princípio do modelo panóptico de Jeremy Bentham, foi a ideia geradora de projecto e o fio condutor para a forma arquitectónica adoptada. Por outro lado, a proposta apresentada por Koolhaas parte da recusa da forma e “em vez de um prédio propriamente dito, o que se propõe é uma espécie de urbanização do espaço — eixos internos que não afloram como volumes na superfície, mas que passam a articular uma série de novas facilidades, num arranjo semelhante ao de ruas subterrâneas.”²⁰

Em 1979, Rem Koolhaas apresenta uma proposta de reforma e ampliação do presídio com base em duas premissas: o desmantelamento do modelo panóptico devido ao seu excessivo autoritarismo e a criação de novos espaços que promovessem o convívio entre os reclusos.

Intrinsecamente aliado a esta noção de urbanização do espaço, surge a ideia de ‘não-edifício’. Mais do que salas dispostas ao longo dos corredores, o projecto de Koolhaas encontra vida na ideia de cidade, com os eixos a

²⁰ AGOSTINI, Flávio – Ampliação de uma prisão panóptica. [Em linha]. [Consult. 2 Outubro 2010] Disponível em <http://www.m3arquitectura.com.br/textos/AGOSTINI,%20Flavio.%20Ampliacao%20de%20uma%20prisao%20panoptica.pdf>

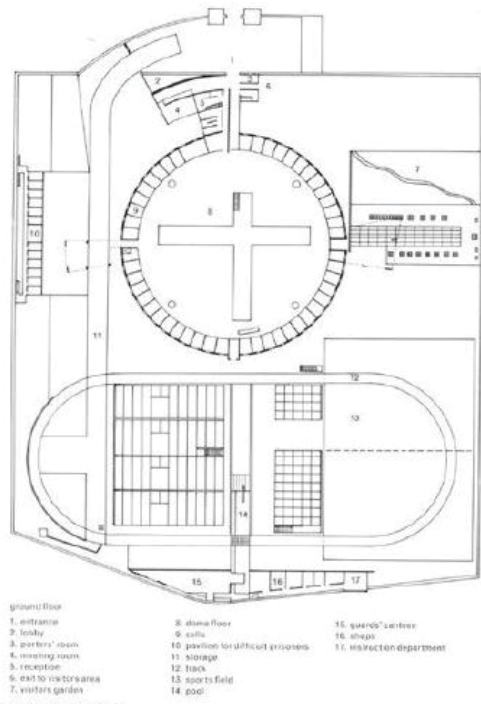


Figura 18 | Planta piso de contacto, Presídio de Koepel, Holanda

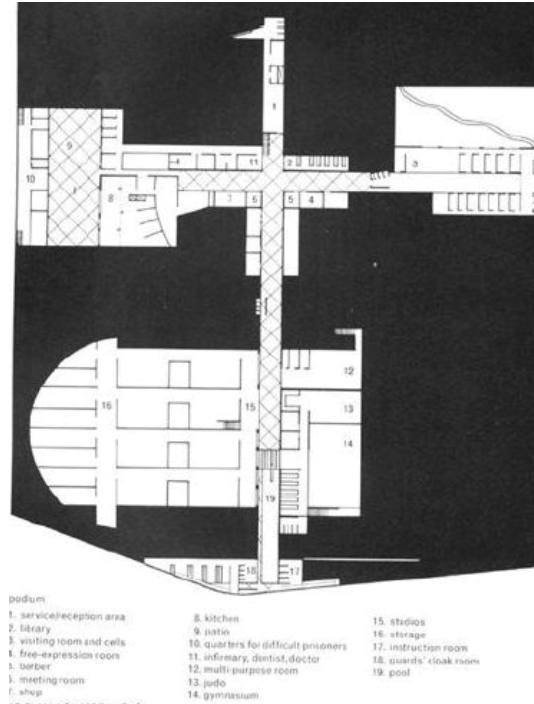


Figura 19 | Planta piso subterrâneo, Presídio de Koepel, Holanda

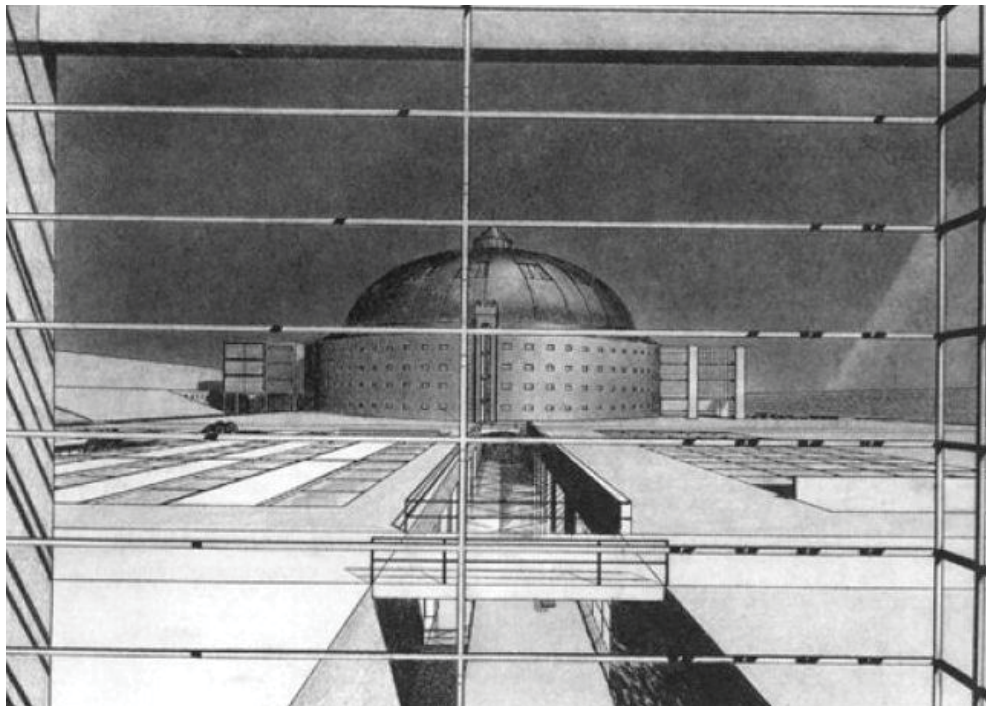


Figura 20 | Perspectiva do Presídio de Koepel, Holanda

desenharem as suas ruas e os espaços a desenharem os seus edifícios. Assim, “como ruas de uma cidade, procurou-se uma sectorização de actividades que configurassem tanto uma centralidade no ponto de cruzamento, como uma diversificação de usos e carácter, à medida que estas se afastam.”²¹ Por outro lado, esta ideia de ‘não-edifício’ contribui para a sua flexibilização e a inexistência de uma volumetria forte e que se manifeste externamente, gera também um desprendimento em relação a uma forma específica.

Partindo, então, dessas premissas, Koolhaas propõe uma solução em que retira o centro de vigilância (marca do panóptico) e constrói dois eixos de circulação no sub-solo, perpendiculares entre si, que seriam para albergar o novo programa (oficinas, biblioteca, ginásio, salas de visita, etc.). Quanto ao antigo centro de vigilância, este marcaria a intersecção dos dois eixos e teria um carácter oposto ao proposto por Bentham. Surgindo apenas como símbolo histórico e contrário à ideia de confinamento solitário, o centro destes eixos é o ponto de partida para espaços complementares destinados às actividades comuns. Koolhaas propôs, ainda, uma área descoberta no piso térreo, para a prática de desporto, e que comunicaria com o programa do sub-solo através de pátios e aberturas zenitais, para iluminação e ventilação.

Outro pormenor relevante neste projecto, é o desenho proposto por Koolhaas para o espaço desportivo. Fugindo à simplicidade da busca gratuita de uma forma interessante, Koolhaas propôs um desenho baseado na “capacidade de conciliar o conflito entre a demanda por grandes áreas comuns e a limitação do espaço físico.”²²

De facto, este projecto de reforma e ampliação é um exemplo marcante da conciliação entre dois períodos da história da Arquitectura e surge como “uma

²¹ AGOSTINI, Flávio – Ampliação de uma prisão panóptica. [Em linha]. [Consult. 2 Outubro 2010] Disponível em <http://www.m3arquitectura.com.br/textos/AGOSTINI,%20Flavio.%20Ampliacao%20de%20uma%20prisao%20panoptica.pdf>

²² AGOSTINI, Flávio – Ampliação de uma prisão panóptica. [Em linha]. [Consult. 2 Outubro 2010] Disponível em <http://www.m3arquitectura.com.br/textos/AGOSTINI,%20Flavio.%20Ampliacao%20de%20uma%20prisao%20panoptica.pdf>

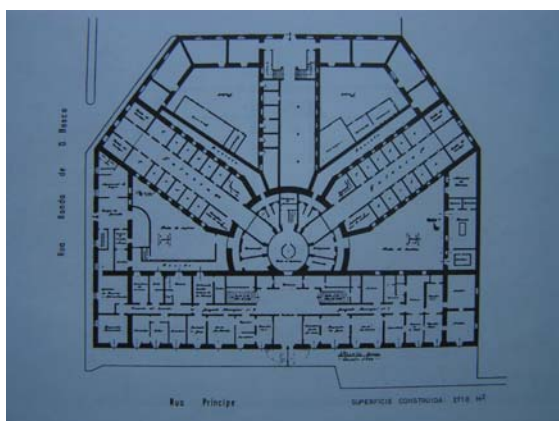


Figura 21 | Planta original da Prisão de Vigo

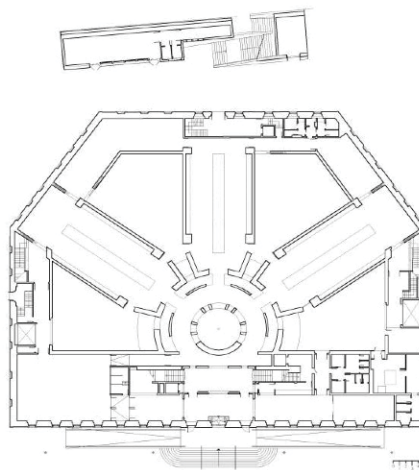


Figura 22 | Planta do actual Museu de Vigo _ MARCO



Figura 23 – Fachada da antiga Prisão de Vigo



Figura 24 – Fachada do actual Museu de Vigo _ MARCO



Figura 25 | Ala da antiga Prisão de Vigo



Figura 26 | Ala do actual Museu de Vigo _ MARCO

sobreposição de valores, congregando num mesmo espaço tudo o que se relaciona tanto ao positivismo de Bentham quanto ao seu oposto — monumentalidade e anonimato, ortodoxia e ambiguidade, purismo e complexidade, determinismo e flexibilidade.”²³

Koepel congrega em si ideias antagónicas e “mais do que um edifício que foi modernizado, podemos dizer que o Koepel é hoje um híbrido”²⁴, marcando uma ruptura com o passado sem, no entanto, se desenraizar.

Se originalmente Koepel se baseia no ideal positivista em que o purismo e a clareza são marcantes, o projecto de Koolhaas traz soluções e espaços inesperados e pouco previsíveis. Um exemplo disto mesmo é a inversão do ponto central: no projecto original, o edifício volta-se para o interior, para aquele centro panóptico; na proposta de Koolhaas, os eixos conduzem-nos do centro para o exterior. Imagem deste caminho inverso é o facto de alguns espaços estarem afastados do antigo centro e “o que antes era enterrado passa a ser cortado por aberturas zenitais e pátios de iluminação.”²⁵

2.1.2 | Museu de Arte Contemporânea de Vigo _ MARCO

O Museu de Arte Contemporânea de Vigo, MARCO, antigo edifício prisional e de justiça, foi protagonista de uma intervenção de reconversão, passando a albergar um equipamento cultural.

Este é um exemplo de um edifício panóptico, que mereceu a nossa atenção, visto ter pontos comuns ao nosso objecto de estudo.

Este está situado em pleno centro urbano de Vigo, e foi alvo de tentativa de demolição por parte da autarquia, dado o seu estado degradado e as suas valências obsoletas. O Arquitecto Álvaro Siza Vieira e o Arquitecto espanhol

²³ AGOSTINI, Flávio – Ampliação de uma prisão panóptica. [Em linha]. [Consult. 2 Outubro 2010] Disponível em <http://www.m3arquitectura.com.br/textos/AGOSTINI,%20Flavio.%20Ampliacao%20de%20uma%20prisao%20panoptica.pdf>

²⁴ AGOSTINI, Flávio – Ampliação de uma prisão panóptica. [Em linha]. [Consult. 2 Outubro 2010] Disponível em <http://www.m3arquitectura.com.br/textos/AGOSTINI,%20Flavio.%20Ampliacao%20de%20uma%20prisao%20panoptica.pdf>

²⁵ AGOSTINI, Flávio – Ampliação de uma prisão panóptica. [Em linha]. [Consult. 2 Outubro 2010] Disponível em <http://www.m3arquitectura.com.br/textos/AGOSTINI,%20Flavio.%20Ampliacao%20de%20uma%20prisao%20panoptica.pdf>



Figura 27 | Antiga Prisão panóptica de Vigo



Figura 28 | Museu de Vigo _ MARCO (antigo centro panóptico da Prisão de Vigo)

Javier Saenz de Oíza manifestaram o seu desagrado, visto tratar-se de um edifício com franco valor patrimonial e um bem de interesse cultural.

Este edifício foi construído no fim do séc. XIX, pela necessidade de uma prisão pública, cómoda e salubre na cidade de Vigo.

O projecto é da autoria do Arquitecto espanhol José Maria Ortiz y Sanchez e as suas obras foram concluídas em 1880.

É um panóptico radial, de planta hexagonal irregular, com quatro pátios interiores, três pisos e a fachada principal destaca-se pelas suas equilibradas proporções.

A planta hexagonal desenvolve-se sobre um eixo de simetria central e perpendicular à fachada. É formada por um volume frontal rectangular, três naves radiais que partem de um corpo central circular e por volumes laterais que encerram por sua vez os pátios.

No interior do edifício destacam-se as galerias e o centro do panóptico, onde se situava a capela (como no caso da Penitenciária de Coimbra), pois a religião para a sociedade e para o recluso da época era um factor importante durante a penitência.

A reconversão da prisão em museu cabe ao projecto dos Arquitectos Salvador Fraga Rivas, Francisco Javier García-Quijada Romero e Manuel Portolés Sanjuan, sendo inaugurado em 2002.

O projecto de reabilitação do edifício respeita a fisionomia original, mantendo o esquema radial. A fachada posterior foi modificada, com o intuito de dotar o edifício de comunicações directas ao exterior.

O Museu divide-se em quatro pisos e foi construído um volume anexo. O panóptico central é rematado com uma cúpula envidraçada de onde partem radialmente as três galerias e os antigos quatro pátios.

O piso principal alberga a zona de livre acesso às salas de exposições e é composto também pela cafetaria, restaurante, lojas e auditório. Já o segundo piso é destinado exclusivamente às exposições e centro de documentação. Por fim a zona de escritórios e administração é localizada no ultimo piso.

Este é um exemplo de sucesso, no que diz respeito ao aproveitamento deste edifício em pleno centro urbano de Vigo, em que a sensatez da não demolição do mesmo, concretizou-se num ganho para a comunidade.



Figura 29 | Antiga Penitenciária de Badajoz, Espanha



Figura 30 | Actual Museu Extremeño e Iberoamericano de Arte Contemporáneo



Figura 31, 32 | Actual Museu Extremeño e Iberoamericano de Arte Contemporáneo

Os Arquitectos souberam atribuir à obra, um novo carácter funcional, primando pela estética, não corrompendo o edifício ao nível formal para que foi concebido. Provando que o sentido de permanência vigilância e autoritarismo que caracteriza o edifício panóptico, é passível de ser subvertido, dando origem a um espaço funcionalmente confortável.

2.1.3 | Museo Extremeño e Iberoamericano de Arte Contemporáneo

A antiga Prisão de Badajoz, foi projectada segundo a tipologia do panóptico de Bentham em 1941, sendo terminada a sua construção em 1958. Era uma típica prisão panóptica de torre central e seis naves radiais.

Este exemplo de reconversão da antiga Penitenciária de Badajoz, Espanha, desencadeou-nos críticas distintas.

Se por um lado, o acto do Arquitecto em preservar o panóptico central, numa atitude simbólica pelo seu valor e pela sua história, por outro, a demolição das naves radiais que compunham este edifício de carácter penitenciário, suscitou-nos a dúvida da preservação ou não, do elo caracterizador do espaço. Manifestamente que qualquer atitude tomada em prol da cidade, enquanto movimento catalisador da mesma, se torna uma mais valia para a comunidade. Contudo, neste caso, a nova função do equipamento, prevaleceu em detrimento da forma inicial, directamente relacionada com a máquina da justiça. Todavia, este Museu, da autoria do Arquitecto espanhol José António Galea, acaba por salvaguardar a identidade do lugar, os conteúdos e o âmbito vocacional de referência, respondendo fundamentalmente à necessidade de criarem um museu, no sentido de recuperarem o património disperso.

Contudo o novo projecto, acaba por estar intrinsecamente relacionado com o edifício panóptico em cruz grega ou latina. O edifício desenvolve-se de forma axial, em que um dos edifícios é destinado à zona de exposição, outro à administração e os dois restantes a uma zona ajardinada, em que o centro preservado é o local de distribuição destas funções, conferindo-lhe assim, o carácter inicial.



Figura 33, 34 | Futuro Estabelecimento Prisional de Santarém

Este é um exemplo claro de que, embora a transformação do edifício seja de facto marcante formal e funcionalmente e, à primeira vista, a adulteração do espaço nos pareça evidente, os seus conteúdos e vivências passadas, ficarão sempre na memória do lugar.

2.2 | Novos conceitos de Prisões

2.2.1 | Novo Estabelecimento Prisional de Santarém

O futuro Estabelecimento Prisional de Santarém, traz novas particularidades, tanto ao nível formal do edifício, como no âmbito de reformas penitenciárias, num pensamento direccionado ao recluso, à sua condição social e futura reinserção.

Com vista à realocização do actual estabelecimento prisional, foi desenvolvido um estudo prévio, que teve por base critérios funcionais e de segurança, com o objectivo de criar, através de novas formas de arquitectura, ambientes que favorecessem activamente a reinserção e reeducação dos reclusos.

Neste âmbito, foi realizada a investigação de uma nova tipologia de estabelecimento prisional, onde as preocupações fundamentais são os requisitos de dignidade, segurança e durabilidade, de maneira a serem criados espaços humanizados e agradáveis para o recluso. A qualidade espacial e a flexibilidade são então as condições essenciais para a coexistência pacífica entre as diversas actividades e as populações prisionais, de forma a encorajar a reeducação e reintegração na sociedade.

De forma a responder às mudanças na estrutura da população e do sistema prisional, este estabelecimento foi concebido de acordo com um sistema modular flexível, permitindo-se o aumento da sua capacidade através da adição de módulos.

O desenho proposto para o estabelecimento, preconiza a criação de diversas situações espaciais para diversas actividades, explorando a plasticidade e a transparência das zonas de circulação e transição. A sequência espacial de diversos pátios com diferentes tratamentos paisagísticos e a conjugação de materiais resistentes e confortáveis, criam ambientes mais confortáveis e estimulantes.

Em primeiro lugar estão as zonas de contacto com o exterior, zonas administrativas, de direcção e zonas comuns aos funcionários. Seguem-se as zonas de serviços, zonas de visitas e as zonas de contactos com os reclusos. Por fim, a zona prisional propriamente dita, organiza-se de forma cruciforme, permitindo a criação de diversos blocos, blocos estes que se desenvolvem em dois e três pisos, correspondendo a diferentes funções.

Combinando e ampliando estes elementos de forma flexível (módulo) é possível aumentar a capacidade da população prisional.

Neste exemplo, denotam-se as reflexões e crescentes preocupações para com o penitente, servindo a arquitectura para auxiliar este processo.

2.2.2 | Estabelecimento Prisional Justizzentrum Leoben, Áustria

Com pouco mais de 25 mil habitantes, a cidade de Leoben, na Áustria, tem ganho notoriedade por dispor de um complexo da justiça, cujo edifício segue o mais alto padrão de arquitetura, design e conforto.

Surge então o estabelecimento prisional Justizzentrum Leoben, da lavra do arquitecto Josef Hohensinn.



Figura 35



Figura 36



Figura 37



Figura 38



Figura 39

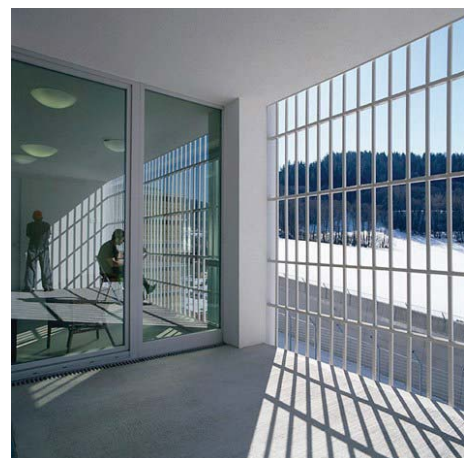


Figura 40

Estabelecimento Prisional Justizzentrum Leoben, Áustria

O complexo tem jardins, ginásio, área desportiva, quartos bem equipados e paredes em cortina de vidro, este estabelecimento prisional parece, à primeira vista, “um hotel, um moderno conjunto habitacional, ou até um edifício de escritórios vanguardista”²⁶, rompendo com a estética asfíxiante de uma prisão tradicional. Este projecto causou alguma polémica por causa do suposto luxo do edifício, descrito pelo jornal Daily Telegraph como “equivalente a um caro bed&breakfast.”²⁷

Para o arquitecto, a privação da liberdade representa uma pena suficientemente dura e considera que a qualidade da construção pode melhorar significativamente a reinserção social. O seu conceito passa pela ideia de manter os reclusos num ambiente agradável, cómodo, onde eles possam desfrutar de áreas de lazer, atribuindo-lhes uma liberdade parcial. Ainda como parte dessa rotina, eles cumprem diariamente uma carga horária de trabalho dentro do complexo. O Estabelecimento tem também a particularidade de ter um tribunal no complexo, facilitando o trabalho de julgamento e a deslocação do recluso.

Como já foi referido, este espírito vanguardista tem acarretado inúmeras críticas, contudo o índice de reinserção social dos reclusos tem sido bastante satisfatório.

2.2.3 | Penitenciária de Witzwill, Suíça

Na Suíça existe um outro exemplo a salientar. A penitenciária de Witzwil é considerada uma espécie de hotel de 5 estrelas e oferece piscina, campo de ténis, futebol, basquete, voleibol, uma sala de musculação e terapia.

²⁶ ARQUITECTURA:Justizzentrum Leoben (Áustria). [Em linha]. [Consult. 18 Dezembro 2010] Disponível em

<http://georden.blogspot.com/2006/11/arquitectura-justizzentrum-leoben.html>

²⁷ Arquitectura: Diseñar una cárcel: El reto profesional y ético de un arquitecto [Josef Hohensinn]. [Em linha]. [Consult. 18 Dezenbro 2010] Disponível em <http://www.arq.com.mx/noticias/Detalles/10015.html>



Figura 41 | Vista aérea da Penitenciária de Witzwill, Suíça



Figura 42, 43 | Espaços exteriores, Penitenciária de Witzwill, Suíça

Defendendo este exemplo prisional, o vice-director do estabelecimento afirma: "Aqui os reclusos treinam para uma vida sem crimes fora desses muros. Um exemplo: participar de uma equipa de futebol, com todas as suas obrigações, ensina as pessoas a lidar com os seus problemas. A agressividade acaba por ser discutida em grupo."²⁸

Diferente do estereótipo de penitenciária tradicional, esta prisão não tem torres de observação com guardas armados e, a este respeito, o vice-director René Faietti refere, "aqui qualquer um pode fugir. Ninguém está armado e eu nunca preciso ter medo de andar através dela."²⁹

Este estabelecimento prisional nasceu em 1895 e é hoje um centro penal moderno, com capacidade para 189 reclusos. Funciona em regime aberto, não dispondo de sistemas de segurança tradicionais (o regime fechado é usado, apenas, em questões de indisciplina), o trabalho é obrigatório e os reclusos só são trancados na cela à noite. O trabalho é duro e pesado e esta prisão é considerada "a maior fazenda da Suíça."³⁰ Isto porque, "nos seus 825 hectares são criados 1.200 porcos, quinhentas cabeças de gado, das quais uma centena de vacas leiteiras assegurando uma produção de 550 toneladas de leite por ano, (...) a área agrícola é de 150 hectares de pradarias e 450 de culturas agrícolas diversas e de plantações de batatas, além de 5 hectares de árvores frutíferas."³¹

A maioria dos produtos é vendida numa loja externa, aberta à população. Nela trabalham, igualmente, reclusos, manipulando a caixa e embalando os produtos. Por outro lado, a penitenciária tem, também, oficinas mecânicas e marcenaria que oferecem serviços para o exterior.

²⁸ THOELE, Alexander - Witzwil: uma penitenciária 5 estrelas. [Em linha]. [Consult. 2 Fevereiro 2011] Disponível em http://www.swissinfo.ch/por/index/Witzwil:_uma_penitenciaria_5_estrelas.html?cid=7419490

²⁹ THOELE, Alexander - Witzwil: uma penitenciária 5 estrelas. [Em linha]. [Consult. 2 Fevereiro 2011] Disponível em http://www.swissinfo.ch/por/index/Witzwil:_uma_penitenciaria_5_estrelas.html?cid=7419490

³⁰ THOELE, Alexander - Witzwil: uma penitenciária 5 estrelas. [Em linha]. [Consult. 2 Fevereiro 2011] Disponível em http://www.swissinfo.ch/por/index/Witzwil:_uma_penitenciaria_5_estrelas.html?cid=7419490

³¹ THOELE, Alexander - Witzwil: uma penitenciária 5 estrelas. [Em linha]. [Consult. 2 Fevereiro 2011] Disponível em http://www.swissinfo.ch/por/index/Witzwil:_uma_penitenciaria_5_estrelas.html?cid=7419490



Figura 44 | Her Majesty's Prison High Down, Sutton, Inglaterra



Figura 45 | The Clink Restaurant,
Her Majesty's Prison High Down, Sutton, Inglaterra

Nesta Penitenciária, os valores de espírito de equipa e entreajuda são cultivados, o trabalho e a preparação para a vida no exterior são a sua mais valia. Esta prática tem permitido a regeneração social do recluso enquanto cumpre a pena, constatando-se então, que é um bom exemplo de doutrina e prática num edifício de penitência.

2.2.3 | Her Majesty's Prison High Down, Sutton, Inglaterra

“The Clink Restaurant”

Em Sutton, Inglaterra, surge um importante exemplo da relevância da inserção social. No estabelecimento prisional HMP High Down, foi criado o primeiro (e único até ao momento) restaurante aberto ao público, dentro de uma prisão britânica.

Sendo a reincidência um problema grave a ter em conta, o restaurante The Clink encerra em si a genuína oportunidade de mudança, oferecendo aos reclusos a hipótese de aprenderem um ofício, que mais tarde lhes trará qualificações e experiência no ramo da restauração e maior facilidade na procura de emprego e conseqüente inserção social.

Este conceito surgiu pelas mãos do Chef Alberto Crisci, cuja gestão está a cargo da instituição The Clink Charity, associada com o HMP High Down, os Serviços Prisionais e o Ministério da Justiça e para fazer face aos encargos financeiros da formação e funcionamento do restaurante, o The Clink, conta com ajudas de particulares e de empresas filantrópicas.

Inaugurado a 11 de Maio de 2009, o ‘restaurante oferece uma experiência invulgar aos seus visitantes. Em termos espaciais, o restaurante conta com uma sala com capacidade para 85 pessoas e uma área adicional, no piso superior, para jantares mais privados, com capacidade para 20 pessoas. A zona da cozinha é aberta para a sala de refeições, o que permite ver a confecção dos alimentos, as mesas e cadeiras foram feitas pelos reclusos e os talheres são todos de plástico. Outro pormenor interessante é o facto de, nos

vidros das janelas do restaurante, existirem frases e pequenas poesias da autoria dos próprios prisioneiros.

Para aceder a este restaurante, é necessário fazer uma entrevista prévia de segurança e ao chegar ao estabelecimento prisional, os visitantes têm de deixar à porta os casacos, telemóveis e qualquer objecto pontiagudo. Os visitantes são então, escoltados através das sólidas portas de aço da HMP High Down, percorrendo os últimos 30 metros até às mesas, rodeados de muros forrados com arame farpado.

Por último, e acreditando no ideal de uma sociedade mais justa e mais segura, o The Clink Charity tem procurado desenvolver mais projectos desta natureza em outros estabelecimentos prisionais da Grã-Bretanha.

Este modelo espelha a vontade de permeabilização e interação do estabelecimento prisional com a comunidade, servindo assim para uma mais valia para ambas as partes. Para o edifício prisional na pessoa do recluso, contribuindo de forma exemplar para a sua disciplina e reinserção social, para o próprio edifício enquanto património e, por fim, para a sociedade.

2.2.4 | Estabelecimento Prisional San Pedro, Bolívia

O Estabelecimento Prisional San Pedro³², na Bolívia, alberga não só os réus mas também as suas famílias, esposas e filhos. Os familiares podem entrar e sair sem qualquer restrição e o estabelecimento conta com cabeleireiro, algumas lojas de venda de alimentos, restaurantes e um salão de bilhar. Não existem guardas nem grades e os reclusos têm de comprar a sua cela com o dinheiro do seu trabalho no interior do estabelecimento. Nesta prisão existem então, várias tipologias de cela e são distribuídas de acordo com o poder aquisitivo do recluso. Os mais pobres partilham a cela, enquanto alguns têm disponível instalação sanitária e cozinha privativas bem como televisão por

³² CALDERÓN, Verónica - La cárcel más singular del mundo. [Em linha]. [Consult. 7 Abril 2011] Disponível em http://www.elpais.com/articulo/internacional/carcel/singular/mundo/elpepuint/20090424elpepuint_2/Tes

cabo. Dentro do estabelecimento existe, ainda, um hotel para visitas, um hospital e uma igreja.

Neste estabelecimento prisional, a quase total liberdade é evidente, uma prática que se vem verificando neste tipo de equipamento por vários países, primando pela autodisciplina dos reclusos.

2.2.5 | Prisão de baixa segurança, Ilha de Bastoey, Noruega

Na Ilha de Bastoey, na Noruega, surge uma das primeiras penitenciárias ecológicas. Esta prisão é de baixa segurança, não tem arame farpado nem portões e usa painéis solares para obter energia, planta a maior parte do que os seus presos e funcionários comem, recicla tudo o que é possível e tenta ao máximo reduzir a emissão de carbono.

Partindo da ideia de que é imperativo ensinar valores importantes aos reclusos, como o respeito pelo ambiente e pelo próximo, o director do estabelecimento, Oeyvind Alnaes, acredita que “a nossa tarefa é criar as melhores oportunidades possíveis para o desenvolvimento do indivíduo, e lançar as fundações para mudanças possíveis.”³³

Fugindo à ideia de tradicional de prisão, com espaços escuros e sinistros e portas pesadas, muros altos e arame farpado, Bastoey conta com muita vegetação, praias e uma reserva natural. Os reclusos vivem em casas e trabalham na agricultura, na pesca e na pecuária.

Esta prisão tem particularidades interessantes. Aqui, todo o processo de despesas cabe aos reclusos, criando neles uma consciência de produzir para viver.

³³ Noruega apresenta presídio ecologicamente correcto. [Em linha]. [Consult. 7 Abril 2011] Disponível em <http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,noruega-apresenta-presidio-ecologicamente-correto,42405,0.htm>

No âmbito da Tese de Dissertação, “Penitenciária de Coimbra. Permeabilidade e inserção no espaço urbano”, este capítulo é o mais importante, interpretando e caracterizando a Penitenciária em todos os seus conteúdos, sustentando a proposta de projecto de reabilitação do edifício a apresentar.

Faremos uma análise abrangente e rigorosa dos aspectos fundamentais da Penitenciária de Coimbra, para uma melhor compreensão e consciencialização do objecto em estudo.

Abordaremos o seu contexto histórico, respeitante também à sua área de implantação e memória de lugar, retrataremos a Penitenciária enquanto edifício panóptico, as transformações sofridas desde a sua construção no fim do séc. XIX e caracterizaremos por fim, o edifício em estudo.

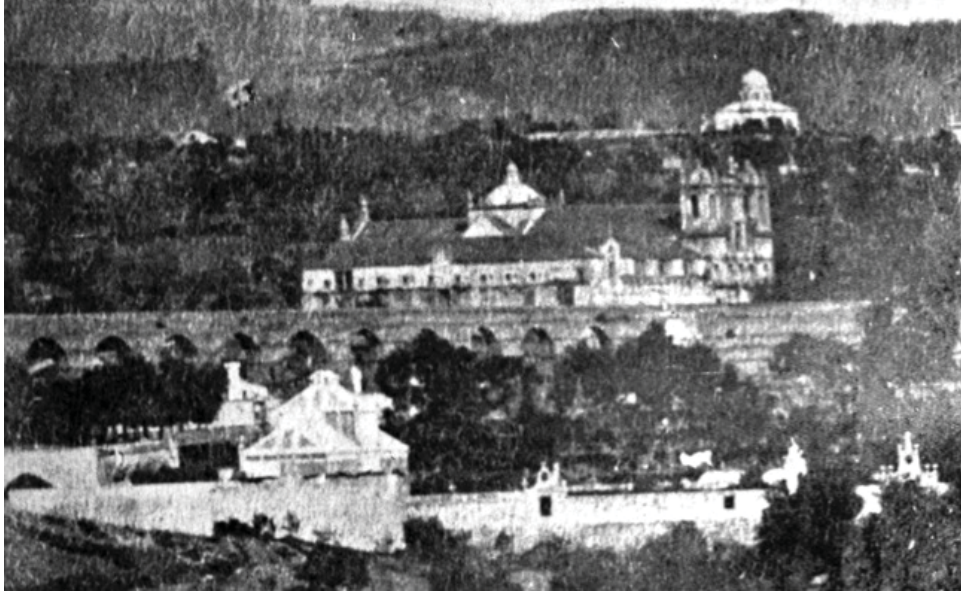


Figura 46 | Fachadas Sul e Oeste do edifício do Colégio de Tomar



Figura 47 | Colégio de Tomar, fachada oriental e setentrional



Figura 48 | Colégio de Tomar,
fachada Ocidental

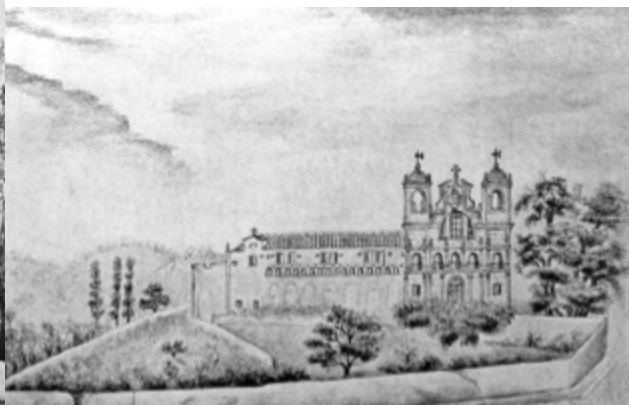


Figura 49 | Colégio de Tomar,
fachada meridional

3.1 | Contexto histórico e memória de lugar

No limite da Quinta de Santa Cruz em Coimbra, onde outrora estava assente o Colégio da Ordem de Cristo ou de Tomar, foi construída a Cadeia Geral Penitenciária de Coimbra no fim do séc. XIX.

Adjacente ao Colégio de Tomar, estava também instalado o Convento Sant’Ana, actual Quartel General Militar, sendo que estes dois edifícios eram expansão da actual universidade.

A sua localização resulta da necessidade de construir edifícios que albergassem os Frades da Ordem Militar de Nosso Senhor Jesus Cristo, no reinado de D. João III. A zona alta da cidade não tinha espaços não construídos para acolher os novos edifícios, assim o local com melhor acessibilidade e com atravessamento privilegiado até ao Paço Real, era o lugar da actual Penitenciária de Coimbra.

A extinção das Ordens Religiosas em Portugal em 1834 e a Implantação da República em 1910, com o estabelecimento de unidades militares do Exército, acaba por ter consequências nestes edifícios. O Colégio de Tomar já abandonado é demolido para a construção da Cadeia Penitenciária e o Convento Sant’Ana recebe as forças militares, permanecendo assim até aos dias de hoje.

3.2 | Cadeia Geral Penitenciária de Coimbra

3.2.1 | Instalação da Cadeia

“Em Coimbra, o Colégio da Nossa Senhora da Conceição da Ordem de Cristo ou de Tomar, situado na mais importante zona de expansão da cidade oitocentista – o Bairro de Santa Cruz – foi vendido em hasta pública, a um

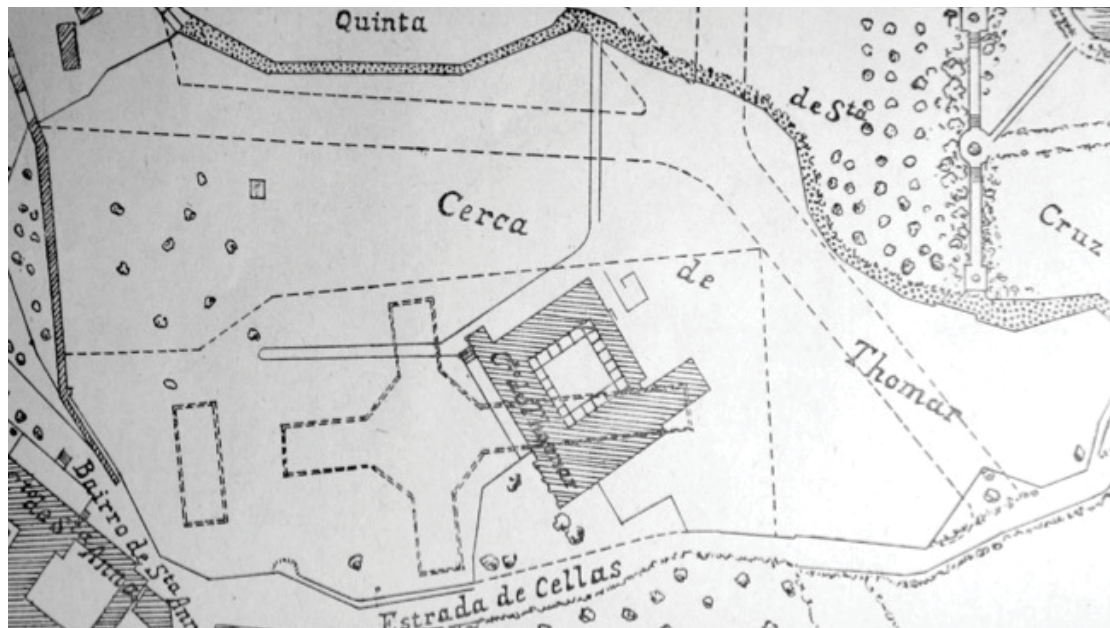


Figura 50 | Planta do edifício do Colégio de Tomar e construções anexas, extraída da planta geral da cidade de Coimbra levantada na escala de 1:500 em 1873 e 1874 por F. Goullard e C. Goullard, reduzida e desenhada na escala de 1:2000 em 1875. As linhas a traço-ponto marcam a posição e espaço ocupado actualmente pelo edifício da Penitenciária e ruas que a envolvem a norte e oeste. O pontuado que divide a cerca de Tomar da Quinta de Santa Cruz, indica caminho existente antes da construção do cerco e reaberto posteriormente a 1845.

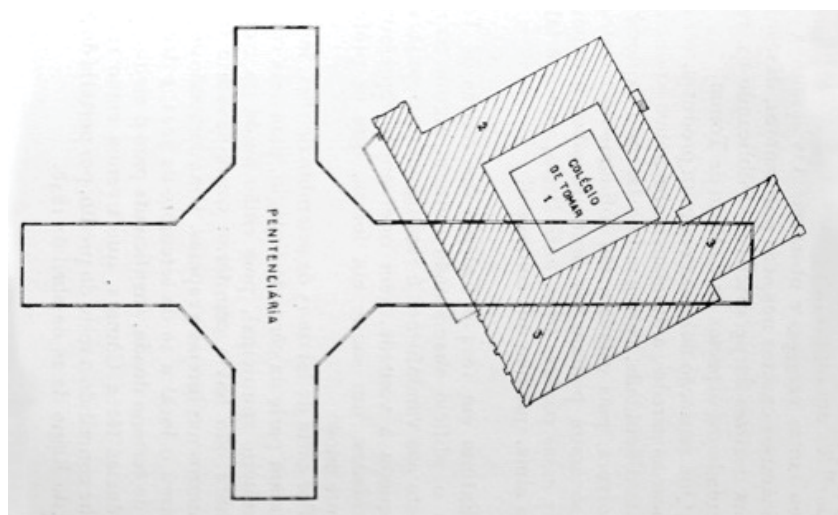


Figura 51 | Planta do Colégio da Ordem de Cristo ou de Tomar
 1-Claustro 2-Dormitório 3-Nave da Igreja, Transepto, Capela-mor e Sacristia
 Sobrepõe-se-lhe a planta da Penitenciaría, a indicar o local onde se erguia o Colégio.

particular, em 1852. Posteriormente, já adquirido pelo município, vem a ser destinado à instalação de uma cadeia.”³⁴

Em 1876, dá-se início à construção do edifício da Cadeia Geral Penitenciária de Coimbra, destinada a condenados a penas correcionais daquele distrito e de distritos vizinhos, seguindo um projecto-tipo de penitenciária-distrital, da autoria do Engenheiro Ricardo Júlio Ferraz. Porém, o projecto da Cadeia Geral Penitenciária de Coimbra, é da autoria de Adolpho Ferreira de Loureiro, confirmado pela obra “Estudos sobre o regimen penitenciário e sua aplicação em Portugal”, de Adelino António das Neves e Mello, onde se pode ler “em Portugal no projecto da de Coimbra, elaborado pelo engenheiro Adolpho Ferreira de Loureiro³⁵, onde o preço por cada cela fica em 600\$000 réis”³⁶, contrariando a maioria dos documentos relativos à construção da Penitenciária de Coimbra que atribuem a autoria ao Engenheiro Julio Ferraz.

Inicialmente, este projecto seria para uma cadeia distrital comarcã mas, por volta de 1884, uma nova legislação que regulamentava o funcionamento de sistemas prisionais veio alterar o cenário. A 29 de Novembro desse mesmo ano é, então, publicado o Regulamento Provisório da Cadeia Geral Penitenciária do Distrito da Relação de Lisboa, o qual estabelece as bases de funcionamento de uma cadeia penitenciária, em moldes semelhantes aos adoptados em Coimbra. O referido Regulamento diz que “o regime penitenciário é de absoluta separação dos condenados entre si, sendo a cada um destinada uma cela em que tenha de habitar (...) e que os presos cumprindo pena de prisão maior celular e que não fossem declarados incapazes, serão obrigados a trabalhar dentro da respectiva cela, ou em compartimentos adequados para esse efeito”³⁷. Por outro lado, era fornecido aos reclusos instrução primária e instrução moral e religiosa, bem como para o exercício de uma profissão fora

³⁴ BANDEIRINHA, José António – “Poderá a Arquitectura servir para justificar as funções às quais se destina?”. [Em linha]. [Consult. 18 Janeiro 2011] Disponível em <http://feirados23.wordpress.com/2009/02/12/estabelecimento-prisonal-de-coimbra/>

³⁵ Ver Figura 52

³⁶ MELLO, Adelino António – “Estudos sobre o regimen penitenciário e sua aplicação em Portugal”

³⁷ AGAREZ, Ricardo – Penitenciária de Coimbra: Ficha de classificação da DGEMN. [Em linha]. [Consult. 18 Janeiro 2011] Disponível em <http://micporcoimbra.blogspot.com/2006/07/penitenciria-de-coimbra-ficha-de.html>

um projecto cujo orçamento excedesse 680\$000 réis a 700\$000 réis por cellula.

Taes são presentemente as ideias dos homens mais competentes a este respeito, e que já têm sido practicamente adoptadas, como succedeu na penitenciaria modelo construida ao norte de Londres, cujo custo não excedeu 702\$000 réis por cellula, e em Portugal no projecto da de Coimbra, elaborado pelo engenheiro Adelino Ferreira de Lourino, onde o preço por cada cellula fica em 600\$000 réis.

Pondo porém de parte a questão economica, e attendendo a que em breve só poderá funcionar a de Lisboa, á vista da morosidade na construcção das dos outros districtos, occorre naturalmente perguntar se poderiam de alguma fórma attenuar-se os inconvenientes das cadeias do antigo regimen, que por muitos annos ainda subsistirão entre nós.

Figura 52 | Trecho do livro “Estudos sobre o regimen penitenciário e sua applicação em Portugal”, de Adelino António das Neves e Mello, 1880

da prisão. Quanto ao exercício físico, este era permitido e deveria ser realizado nos pátios ou dependências da cadeia. No entanto, não era permitido que o fizessem em conjunto e a comunicação entre presos, fosse por escrito, por palavras ou sinais, era completamente vedada.

Por fim, em 1888, a penitenciária é adquirida pelo Governo que “promove as adaptações necessárias ao seu funcionamento como penitenciárias nacionais”³⁸.

No final de 1901 a Penitenciária de Coimbra abre as portas aos primeiros 10 reclusos que iriam cumprir pena naquele estabelecimento.

Oitenta anos volvidos, e várias obras de reabilitação e alterações estruturais feitas no edifício, e a designação do equipamento é alterada para Estabelecimento Prisional de Coimbra.

Um ano mais tarde, em 1982, o estabelecimento conta já com 310 reclusos, condenados a penas superiores a 2 anos.

Em 1997 são construídos três pavilhões pré-fabricados na plataforma inferior do recinto prisional e com acesso independente através da rua de Tomar. Estes pavilhões seriam para instalar, provisoriamente, o Estabelecimento Prisional Regional de Coimbra.

No ano de 2000 são feitas novas obras de remodelação e em 2005 é alterada a classificação de segurança do estabelecimento central para Fechado. Esta nova classificação implica o cumprimento de penas superiores a 3 anos. No mesmo ano, o estabelecimento contava com uma lotação de 421 homens predominantemente ocupados nas oficinas de marcenaria, carpintaria, serração, alfaiataria, sapataria, serralharia, reparação e pintura automóvel, estofaria e encadernação, para além da manutenção e limpeza do complexo.

3.2.2 | Enquadramento urbano

A Penitenciária de Coimbra está implantada no bairro de Sant’Ana, de raiz oitocentista, a Este da Cidade Universitária e do centro histórico da cidade,

³⁸ BANDEIRINHA, José António – “Poderá a Arquitectura servir para justificar as funções às quais se destina?”. [Em linha]. [Consult. 18 Janeiro 2011] Disponível em <http://feirados23.wordpress.com/2009/02/12/estabelecimento-prisional-de-coimbra/>



Figura 53 | Enquadramento urbano Penitenciária de Coimbra



Figura 54 | Panorâmica da Penitenciária de Coimbra

ocupando uma parte substancial de um quarteirão delimitado por três ruas e um Largo (rua de Tomar, rua Pedro Monteiro, rua de Infantaria Vinte e Três e Largo de Sant'Ana).

No quadrante Este-Sul existe um portão de acesso ao estabelecimento prisional central e que confronta com a fachada principal do Antigo Convento de Sant'Ana, actual Quartel-General da Região Militar do Centro. A Oeste, e a cota inferior, localizam-se os espaços verdes da Alameda Doutor Júlio Henriques, seguido pelo Jardim Botânico da Universidade de Coimbra. Outros elementos que caracterizam o espaço envolvente à Penitenciária são: a Norte - o Parque de Santa Cruz ou também conhecido como Jardim da Sereia e a Noroeste - uma malha urbana consolidada de habitação, que se ergue em redor da Praça da República.

Ainda importante a salientar é o troço do Aqueduto de São Sebastião, que secciona este quarteirão e cujo arco do mesmo nome marca o vértice Oeste do estabelecimento prisional e que confina com a Praça João Paulo II. A Sul deste aqueduto e adjacente à parcela da penitenciária, localiza-se a Casa Museu Bissaya Barreto.

3.2.3 | Descrição

O Estabelecimento Prisional de Coimbra é um conjunto de edifícios implantado num terreno de planta irregular, bem no centro do espaço da antiga Cerca do Colégio de Tomar e cuja maior dimensão se localiza no eixo Nordeste-Sudoeste. A entrada principal deste complexo surge no extremo Sudoeste, de frente para o antigo Colégio de Sant'Ana, actual Quartel Militar.

O perímetro exterior é integralmente delimitado por um muro alto, com ameias na face exterior e é pontuado por seis torres de vigilância. No interior deste perímetro existem outras cinco torres que complementam as anteriormente referidas e que estão localizadas em pontos estratégicos do perímetro interior



Figura 55 | Panorâmica da Penitenciária de Coimbra



Figura 56 | Planta do complexo Penitenciário

de segurança. O muro referido é “parte integrante e indissolúvel do conjunto”³⁹ e é ele que “confere um evidente efeito de filtragem em relação ao espaço urbano envolvente: um efeito que não sendo retórico, nem só literal, nem só funcional, é um dos mais fortes traços de carácter que esta tipologia carcerária desenvolveu.”⁴⁰

A Penitenciária era composta por dois estabelecimentos prisionais: o central e o regional. O central funciona no edifício da antiga Penitenciária de Coimbra e o regional estava instalado em pavilhões pré-fabricados erguidos na plataforma inferior, em antigas parcelas de terreno usadas para cultivo por parte daquela instituição. Neste momento só está activo o estabelecimento prisional central, ocupando o edifício principal panóptico da Penitenciária.

O Estabelecimento Prisional Central é composto, por sua vez, por nove edifícios e o acesso principal ao complexo efectua-se através do corpo das antigas casas de função⁴¹, por um portão na rua de Infantaria Vinte e Três. Este edifício tem volume e alçados simétricos, dois pisos e uma planta cujo eixo transversal corresponde à portaria e ao acesso automóvel ao logradouro e, através deste, à zona prisional. O perímetro do referido logradouro é definido, nas suas arestas maiores, pela fachada posterior das antigas casas de função e pelo topo Sudoeste da ala A do edifício central, e nas suas arestas menores por um piso da secção feminina e dos parlatórios e serviços médicos. Quanto ao edifício central, caracteriza-se por um grande octógono central, marcado por uma monumental cúpula, de estrutura em ferro, a partir da qual se desenvolvem quatro alas, desenhando uma planta em cruz latina. No entanto, nos pisos inferiores, as restantes quatro arestas do octógono formam, igualmente, quatro alas, mais baixas e mais curtas, dando corpo, então, a uma disposição radial.

³⁹ BANDEIRINHA, José António – “Poderá a Arquitectura servir para justificar as funções às quais se destina?”. [Em linha]. [Consult. 18 Janeiro 2011] Disponível em <http://feirados23.wordpress.com/2009/02/12/estabelecimento-prisional-de-coimbra/>

⁴⁰ BANDEIRINHA, José António – “Poderá a Arquitectura servir para justificar as funções às quais se destina?”. [Em linha]. [Consult. 18 Janeiro 2011] Disponível em <http://feirados23.wordpress.com/2009/02/12/estabelecimento-prisional-de-coimbra/>

⁴¹ As casas de função, como resulta da própria natureza do conceito, são instalações com fins habitacionais que estão adstritas ao exercício duma actividade profissional e, conseqüentemente são cedidas para o cabal exercício dessa mesma actividade. Definição retirada da internet e disponível em http://www.cm-lisboa.pt/archive/doc/P_139_1.pdf

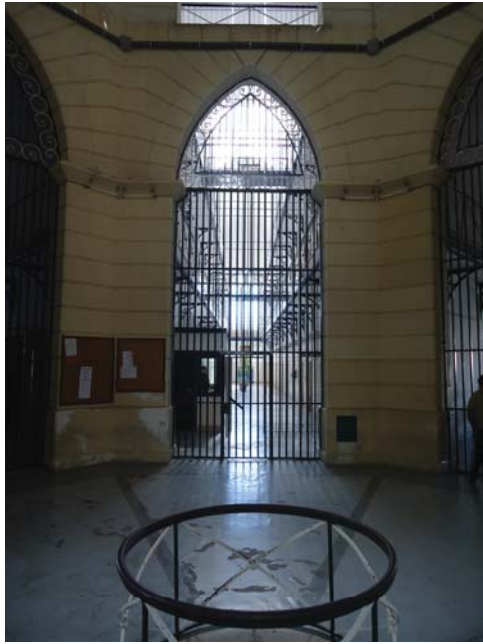


Figura 57 | Centro do Octógono



Figura 58 | Galerias



Figura 59 | Cúpula



Figura 60 | Cúpula e Capela



Figura 61 | Vãos triplos



Figura 62 | Cúpula e Capela

Cada uma das alas tem três pisos, com acesso através de galerias, suportadas por consolas em aço, e os respectivos corredores são panópticos, sendo “rasgados no sentido longitudinal de modo a criar um espaço único de altura integral, facilmente vigiável a partir de qualquer pavimento.”⁴² Os corredores são ladeados por celas exteriores e rematados por vãos de verga em arco quebrado e mainelados⁴³, com a altura correspondente aos três pisos. No que diz respeito às celas, estas têm, na sua generalidade, 4,30m de comprimento por 2,15m de largura e 3,68m de pé-direito.

Como já foi referido, o edifício tem uma planta em cruz latina e o espaço de intersecção entre os dois braços tem um perímetro octogonal, com pé-direito livre de 31,60m e cujas faces correspondem aos topos das 8 alas referidas, com grandes vãos de verga em arco quebrado encerrados integralmente por gradões. Existem, igualmente, quatro outros vãos semelhantes aos descritos, no terceiro piso nas quatro alas maiores. As quatro alas menores são separadas do octógono central por vãos triplos em fresta vertical, para iluminação daqueles compartimentos.

O centro deste edifício é, então, um octógono e o ponto panóptico por excelência. A marcar esta zona existe, também, o volume poliédrico octogonal da antiga capela. Com estrutura metálica, caixilharia de madeira e vidro, este volume é acessível por uma ponte a partir da antiga sacristia (ala H). Por fim, e sobre o tambor do octógono, “ergue-se a cúpula, perfurada por óculos e fechada, a 39m de altura, por lanternim octogonal em ferro e vidro”⁴⁴.

Este panóptico surge, então, por baixo da cúpula central, sob o lanternim, “agarrado aos paramentos por uma estrutura de ferro, sugerindo uma mais que evidente analogia zoomórfica, aracnídea. Está Eufemisticamente apodado de Capela, o posto de vigilância acaba por cumprir o seu papel com uma eficácia

⁴² AGAREZ, Ricardo – Penitenciária de Coimbra: Ficha de classificação da DGEMN. [Em linha]. [Consult. 18 Janeiro 2011] Disponível em <http://micporcoimbra.blogspot.com/2006/07/penitenciria-de-coimbra-ficha-de.html>

⁴³ Mainel - Chama-se mainel à coluna de pedra que divide em duas partes um vão ou uma concavidade, às separações intermédias de um caixilho de uma janela com várias vidraças ou ao parapeito das escadas ou pontes. O emprego do mainel é comum em construções em estilo gótico observando-se também em certas janelas de estilo mudéjar

⁴⁴ AGAREZ, Ricardo – Penitenciária de Coimbra: Ficha de classificação da DGEMN. [Em linha]. [Consult. 18 Janeiro 2011] Disponível em <http://micporcoimbra.blogspot.com/2006/07/penitenciria-de-coimbra-ficha-de.html>

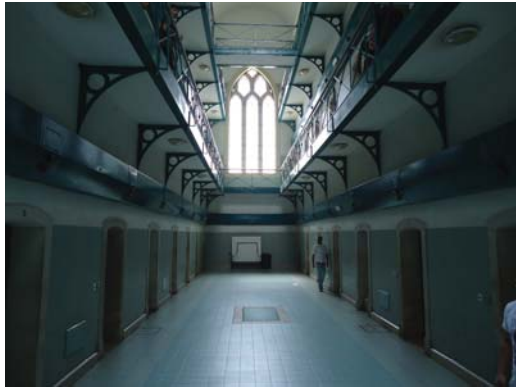


Figura 63 | Galerias



Figura 64 | Último piso Galeria



Figura 65 | Cella



Figura 66 | Vão da cela



Figura 67 | Porta da cela



Figura 68 | Vista da Capela

totalizadora, sendo, com efeito, tentador compará-la com a onnipresença da vigilância divina, tão glosada pelas doutrinas de base católica.”⁴⁵

O complexo da Penitenciária conta, ainda, com um conjunto de edifícios de um piso, utilizados como instalações do RAVE (antiga cadeia comarcã, depois estabelecimento prisional regional) e como refeitório de reclusos e copa (já desactivado, neste momento cada recluso tem as refeições na sua cela), um pavilhão pré-fabricado, um edifício de oficinas, com 3 pisos e com um recinto murado próprio e implantado num plano inclinado.

O Estabelecimento Prisional Regional já desactivado, estava implantado na plataforma inferior e é composto por pavilhões provisórios. Nesta mesma cota localizam-se, ainda, o refeitório dos guardas prisionais e a lavandaria, adjacentes ao muro correspondente ao troço enterrado do Aqueduto de São Sebastião.

3.2.3 | Arquitectura e tipologia

O Estabelecimento Prisional de Coimbra é uma cadeia penitenciária do séc.XIX. e inscreve-se na arquitectura civil judiciária.

Construída segundo o modelo panóptico radial de planta em cruz latina, o estabelecimento conta com “4 alas ortogonais em volumes de predominante horizontal, das quais 1 maior e 3 de média extensão, conjugadas com 4 alas menores inseridas em volume poliédrico octogonal, configuram um conjunto de 8 braços irradiando a partir de um ponto focal ou panóptico, assinalado por espaço de acentuada verticalidade”⁴⁶.

O edifício foi construído predominantemente em ferro madeira e vidro e, formalmente, caracteriza-se por elementos de inspiração neo-gótica

⁴⁵ BANDEIRINHA, José António – “Poderá a Arquitectura servir para justificar as funções às quais se destina?”. [Em linha]. [Consult. 18 Janeiro 2011] Disponível em <http://feirados23.wordpress.com/2009/02/12/estabelecimento-prisional-de-coimbra/>

⁴⁶ AGAREZ, Ricardo – Penitenciária de Coimbra: Ficha de classificação da DGEMN. [Em linha]. [Consult. 18 Janeiro 2011] Disponível em <http://micporcoimbra.blogspot.com/2006/07/penitenciria-de-coimbra-ficha-de.html>

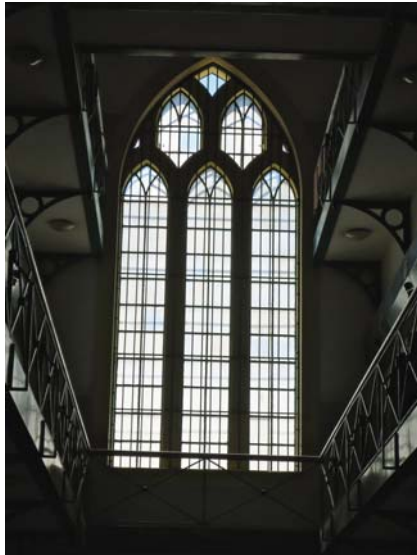


Figura 69 | Vão da ala



Figura 70 | Porta neo-gótica



Figura 71 | Fachada Norte



Figura 72 | Fachada Sul



Figura 73 | Interior Capela



Figura 74 | Estrutura Capela

(platibandas e muros ameiados, vãos com verga em arco quebrado e por vezes mainelados), na linha das correntes revivalistas europeias oitocentistas.

A matriz inglesa dos modelos originais encontra-se muito presente em Coimbra: formalmente, nas características do programa decorativo, utilizando elementos do revivalismo medieval, de conotação vitoriana e construtivamente na “utilização extensiva do ferro, integrando elementos estruturais (lajes, escadas, galerias e coberturas), no cumprimento estrito de funções estáticas ou participando, com desenho por vezes elaborado e em combinação com elementos em madeira ou vidro, no discurso decorativista que contamina, neste período, a maioria dos programas arquitectónicos.”⁴⁷ De facto, o ferro tem um papel muito relevante nesta obra seja na estrutura da cúpula, seja em pormenores de menor escala como as guardas, as clarabóias, os óculos ou mesmo o portão no acesso principal e a matriz predominantemente ornamental vai buscar raízes a Viollet-Le-Duc⁴⁸ e ao compromisso oitocentista entre a indústria e o artefacto.

O Sistema Penitenciário implementado em Coimbra é o regime celular contínuo, com absoluta e completa separação de dia e de noite entre os reclusos, sem comunicação entre eles e com realização de trabalho na cela. Esta regra inclui qualquer tarefa ou acção que o recluso tenha de desempenhar fora da cela, abrangendo o culto ou o exercício físico no exterior.

Neste sentido, o tipo arquitectónico adoptado neste Estabelecimento Prisional, à semelhança do resto dos estabelecimentos em Portugal e na Europa, é o Sistema de Filadélfia.

O edifício reproduz o modelo assente na disposição de corpos paralelepípedicos segundo eixos radiais, desenhados a partir de um foco central único, do qual é possível compreender visualmente todos os corredores e as portas de todas as celas, numa tradução formal do princípio panóptico. De facto, este modelo adoptado em Coimbra “representa um marco no desenvolvimento dos modelos

⁴⁷ AGAREZ, Ricardo – Penitenciária de Coimbra: Ficha de classificação da DGEMN. [Em linha]. [Consult. 18 Janeiro 2011] Disponível em <http://micporcoimbra.blogspot.com/2006/07/penitenciria-de-coimbra-ficha-de.html>

⁴⁸ Viollet-Le-Duc (1814-1879), foi um arquitecto ligado à arquitectura revivalista do século XIX e um dos primeiros teóricos da preservação do património histórico. Pode ser considerado um precursor teórico da arquitectura moderna.

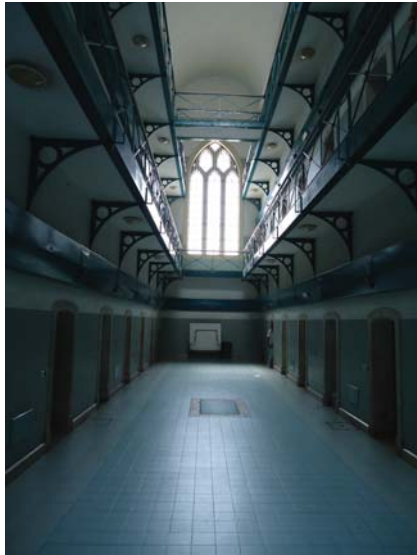


Figura 75 | Galerias

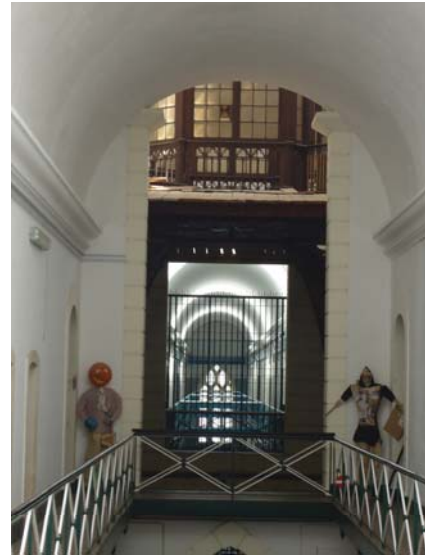


Figura 76 | Vista sobre a ala



Figura 77 | Piso subterrâneo



Figura 78 | Entrada de luz cave



Figura 79 | Prespectiva



Figura 80 | Pátio

trabalhados pelo filósofo e jurista inglês Jeremy Bentham, que cria, a partir de 1787, o princípio do estabelecimento prisional de planta circular, chamado de ‘Panopticon’.⁴⁹ Por outro lado, o panóptico, personificado na cúpula central, assume um papel importante e forte na cidade, de tal modo que é possível fazer uma analogia: tal como o guarda observa, do interior do octógono, todos os prisioneiros, também a cidade que envolve a Penitenciária de Coimbra se coloca topograficamente numa posição de vigilância sobre a cúpula, uma posição variável e articulada, segundo o ângulo de visão, mas sempre dominadora, firme e explícita.⁵⁰

É, igualmente, importante salientar que o Estabelecimento Prisional de Coimbra, é um dos três⁵¹ únicos exemplos de aplicação do modelo de planta radial na arquitectura prisional portuguesa.

Outros traços particulares deste estabelecimento são a sua implantação em posição “eminente e sobranceira à Cidade Universitária, em elevação directamente relacionada com este núcleo por meio do Aqueduto de São Sebastião e do Jardim Botânico, pontos essenciais da malha urbana, (...) a justeza de proporções dos espaços exteriores, pátios e logradouros entre os distintos corpos construídos, com estes praticando um jogo racional de cheios e vazios que destaca a pureza dos volumes parciais (as alas prisionais, o octógono, a cúpula, os pequenos pavilhões ladeando o topo da ala A), (...) a singularidade do túnel ainda existente, concebido para ligação da cave do edifício penitenciário à cerca inferior e para entrada das diligências celulares, a partir do portão sobre a R. de Tomar”⁵² e o octógono, aberto nas oito arestas e marcado pela estrutura da antiga capela suspensa. O octógono surge, então, simultaneamente como um emblema da avidez panóptica e do valor atribuído ao culto na regeneração implícita no regime penitenciário, representando “o

⁴⁹ AGAREZ, Ricardo – Penitenciária de Coimbra: Ficha de classificação da DGEMN. [Em linha]. [Consult. 18 Janeiro 2011] Disponível em <http://micporcoimbra.blogspot.com/2006/07/penitenciria-de-coimbra-ficha-de.html>

⁵⁰ BANDEIRINHA, José António – “Poderá a Arquitectura servir para justificar as funções às quais se destina?”. [Em linha]. [Consult. 18 Janeiro 2011] Disponível em <http://feirados23.wordpress.com/2009/02/12/estabelecimento-prisional-de-coimbra/>

⁵¹ Os outros dois exemplos são Lisboa e Santarém (Santarém é contemporânea)

⁵² AGAREZ, Ricardo – Penitenciária de Coimbra: Ficha de classificação da DGEMN. [Em linha]. [Consult. 18 Janeiro 2011] Disponível em <http://micporcoimbra.blogspot.com/2006/07/penitenciria-de-coimbra-ficha-de.html>

corolário de um modelo arquitectónico integrado, no qual cada parte desempenha uma função clara e, como tal, é indispensável ao todo.”⁵³

⁵³ AGAREZ, Ricardo – Penitenciária de Coimbra: Ficha de classificação da DGEMN. [Em linha]. [Consult. 18 Janeiro 2011] Disponível em <http://micporcoimbra.blogspot.com/2006/07/penitenciria-de-coimbra-ficha-de.html>

4.1 | Reflexão crítica

Tendo em conta a proposta a apresentar, interessa antes interpretar e conhecer a estrutura urbana que envolve o local de intervenção.

Como já foi constatado no capítulo anterior, na descrição do edifício, verificou-se que o Estabelecimento Prisional de Coimbra, passou da posição periférica que ocupava no último quartel do séc. XIX, para uma centralidade determinada pela expansão do tecido urbano na direcção sul da cidade.

A natureza deste equipamento, teve como consequência por razões óbvias de segurança, a opacidade e incomunicabilidade com o exterior, proporcionada pela edificação do muros altos de vedação.

A sua segregação física e autonomia funcional, contrasta hoje com a realidade urbana envolvente em mutação. Esta circunstância adquire alguma complexidade, uma vez que se trata de recriar relações de ordem urbanística e social, com tecido urbano que já viveu o seu apogeu e que carece de intervenções conducentes à sua revitalização e repovoamento.

A frente edificada da rua de Tomar, integrada no Bairro de Santa Cruz de raiz oitocentista, apresenta um conjunto de edificações construídas na transição do séc. XIX para o XX, que interessa preservar e reabilitar. Se algumas destas são mais contidas formalmente, outras apresentam maior intensidade na escala e na forma como organizam indirectamente o acesso à rua, através de logradouros de transição. Outro ponto relevante é o facto destas construções, muitas delas já se encontrarem devolutas.

No troço da Rua de Tomar, se por um lado, a cerca da Penitenciária e a densidade da vegetação impede a percepção do espaço e o torna enclausurado, por outro, já na rua Pedro Monteiro, embora com o mesmo muro de vedação e o carácter sinuoso da rua a tornem pouco interessante, a presença da cúpula da Prisão conquista um carácter importante.

Situado entre o Quartel Militar e a Penitenciária, o Largo de Santana é hoje, pela sua morfologia, mais um ponto de confluência de ruas do que um largo, sendo também um ponto de reflexão da nossa proposta.

O diálogo estabelecido entre o antigo Convento de Sant'Ana, actual Quartel Militar, e os edifícios da Penitenciária, no que diz respeito à sua escala e posição relativa à rua Infantaria 23, são, em nosso entender, o ponto de maior equilíbrio e que revela maior urbanidade.

No sentido descendente, num plano inferior localiza-se o Jardim Botânico em frente ao Aqueduto S. Sebastião e no lado oposto a Casa-Museu Bissaya Barreto, formando um conjunto de grande riqueza formal, contudo carece de



Figura 81 | Rua de Tomar



Figura 82 | Rua de Tomar com Pedro Monteiro



Figura 83 | Casa Museu Bissaya Barreto



Figura 84 | Rua Infantaria 23



Figura 85 | Largo Sant'Ana



Figura 86 | Rua Pedro Monteiro

intervenção, no que se refere aos seus atravessamentos e ligações com a Praça João Paulo II.

A Penitenciária de Coimbra, enquanto Prisão de Alta Segurança no centro da cidade, deixa de fazer sentido em vários aspectos, tornando-se sempre um ponto de interrupção e descontinuidade da malha urbana.

Visando as alterações que a cidade tem sofrido, o futuro metro de superfície que trará uma nova dinâmica a Coimbra, é imperativo actuar no sentido de reabilitação e requalificação do espaço.

Este quarteirão tem fortes potencialidades espaciais, tem relações privilegiadas com o jardim da Sereia e Botânico, a praça João Paulo II necessita ser redesenhada para que ganhe o verdadeiro carácter para que foi concebida. O Aqueduto S. Sebastião, vulgarmente chamado Arcos do Jardim, por sua vez é estrangulado pela cerca da prisão, perdendo-se toda a sua natureza de percurso e continuidade.

O edifício da Penitenciária e o Quartel Militar, construções com notável valor histórico e patrimonial, vêm-se limitados em todos os seus movimentos, este é simplesmente um local de passagem, um espaço de transição, sem que a devida consideração lhe seja conferida. A dignificação destes edifícios tornar-se-ia uma mais valia para a cidade, levando com certeza, a um repovoamento deste lugar, outrora com a sua vivência própria.

Assim, enquanto Arquitectos e cidadãos da cidade de Coimbra, reflectindo numa visão crítico-construtiva deste local, não podemos passar à margem desta urgente necessidade de mexer neste trecho de Coimbra.

4.2| Memória descritiva

Na nossa proposta de intervenção, pretendemos mascar a contemporaneidade, respeitando ao mesmo tempo os valores patrimoniais e com a consciência de conhecimento e estudo do lugar.

A proposta recai sobre um novo conceito de prisão na cidade de Coimbra, uma prisão de baixa segurança, em que a permeabilidade directa e indirecta do edifício, é a premissa principal do projecto.

O conceito reside no trabalho dos reclusos. Os reclusos tornam-se assim, prestadores de serviços à comunidade, em prol da sua regeneração e reinserção social.

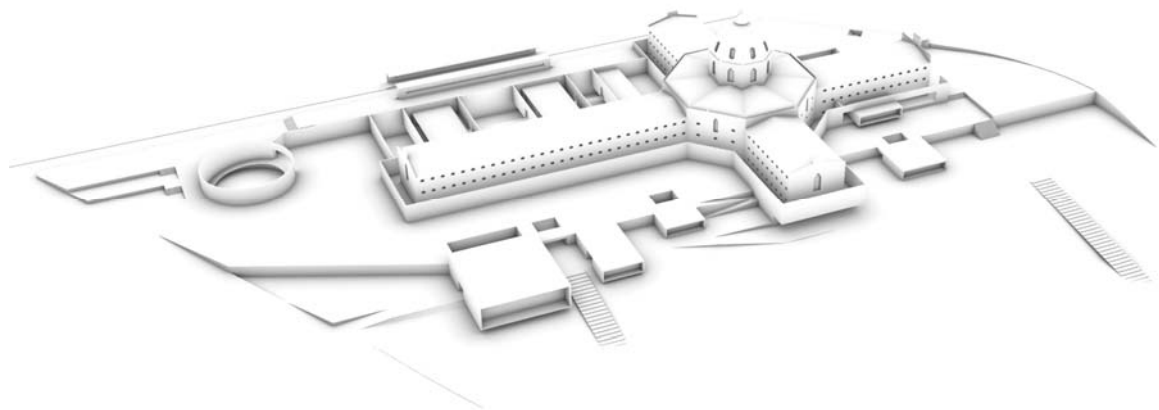


Figura 87 | Maqueta virtual

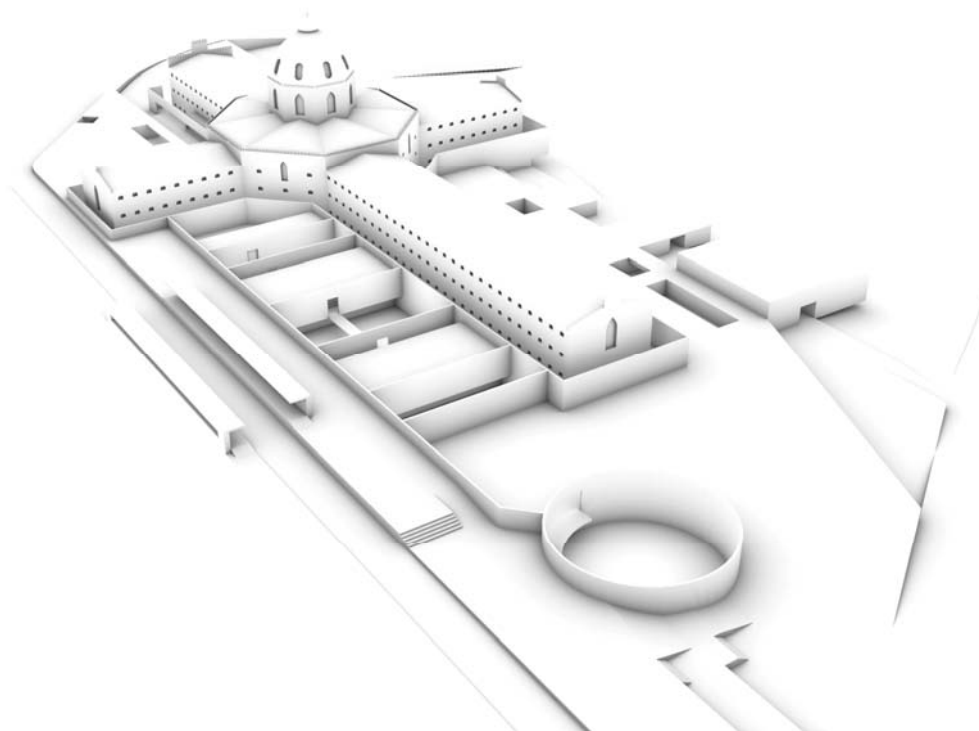


Figura 88 | Maqueta virtual

Propomos alterações nas valências do edifício, para que traga consequências positivas para a cidade.

A inserção da Penitenciária no espaço urbano, retirando as suas cercas e abrindo o edifício à cidade, é outro princípio fundamental do projecto. É proposto também um corredor verde entre o jardim da Sereia e Botânico, que permita a sua ligação.

Primando pela interação edifício-cidade, desenvolvemos um complexo que comporta oficinas, lojas, museu, restaurante e biblioteca, com o intuito de ganhar um carácter menos formal e dissolver a ideia pesada de prisão.

As diferentes plataformas criadas, a de cota mais alta na rua Pedro Monteiro, a intermédia onde assenta o edifício da Penitenciária e a mais baixa, estando a meio nível do corredor verde que se relaciona com a rua de Tomar, proporcionando uma nova amplitude de espaço e uma nova realidade.

Propomos a fixação da paragem do metro de superfície na rua Pedro Monteiro, atribuindo-lhe a dinâmica pretendida de atravessamento de todo o espaço. À cota de assentamento da Penitenciária, pretendeu-se presentear a cidade com o edifício, desenhando também um muro paralelo, contudo não lhe retirando o protagonismo. No alinhamento do cruzamento da rua de Tomar com a Pedro Monteiro, cria-se o volume principal de entrada no Estabelecimento Prisional. Volume esse de forma circular, não se comprometendo com a sua envolvente, servindo de remate à implantação.

A entrada do edifício é feita à cota da cave da Penitenciária, deixando os seus três pisos restantes, emergir num só edifício ao nível da plataforma criada.

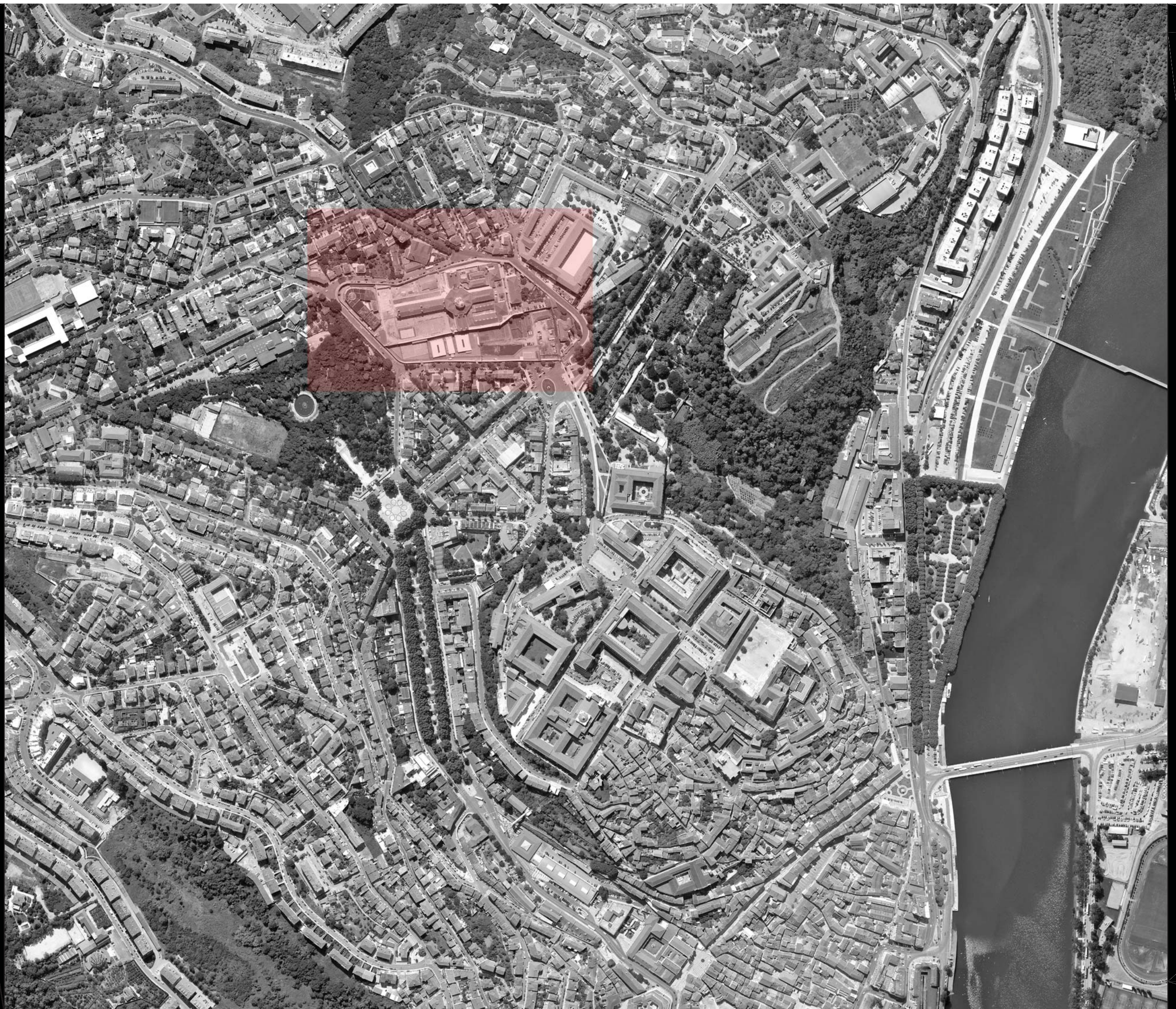
Assim o complexo está definido em quatro pisos. No piso enterrado, piso de entrada, desenvolve-se o grande pátio dos reclusos, cruzando o edifício principal, dando origem às oficinas e por sua vez às lojas. Toda a zona administrativa e de serviços é distribuída pelos volumes criados por cima do grande pátio, perpendicularmente à ala maior da Penitenciária.

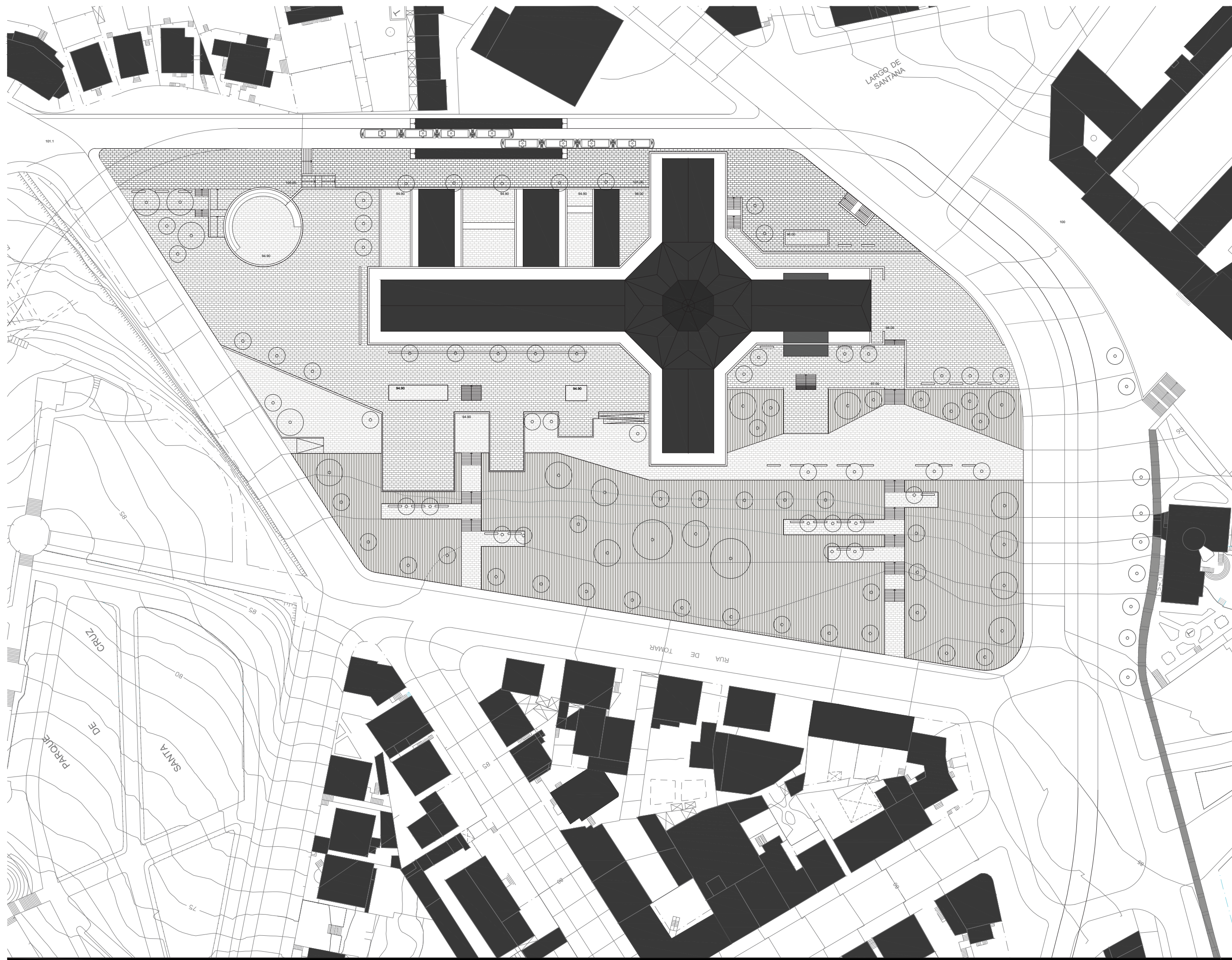
No que diz respeito aos três pisos restantes, três das quatro alas são exclusivamente destinadas à população prisional, já a ala que se confronta com o Quartel Militar, toma um carácter público. Este é composto por restaurante, museu e biblioteca no último piso. O arquivo da biblioteca é comum aos reclusos e ao público, servindo de barreira à zona prisional. Nas outras três alas encontram-se as celas, serviço de enfermaria e salas de formação.

O panóptico central, num acto simbólico do conceito do projecto, é o local de acesso às oficinas.

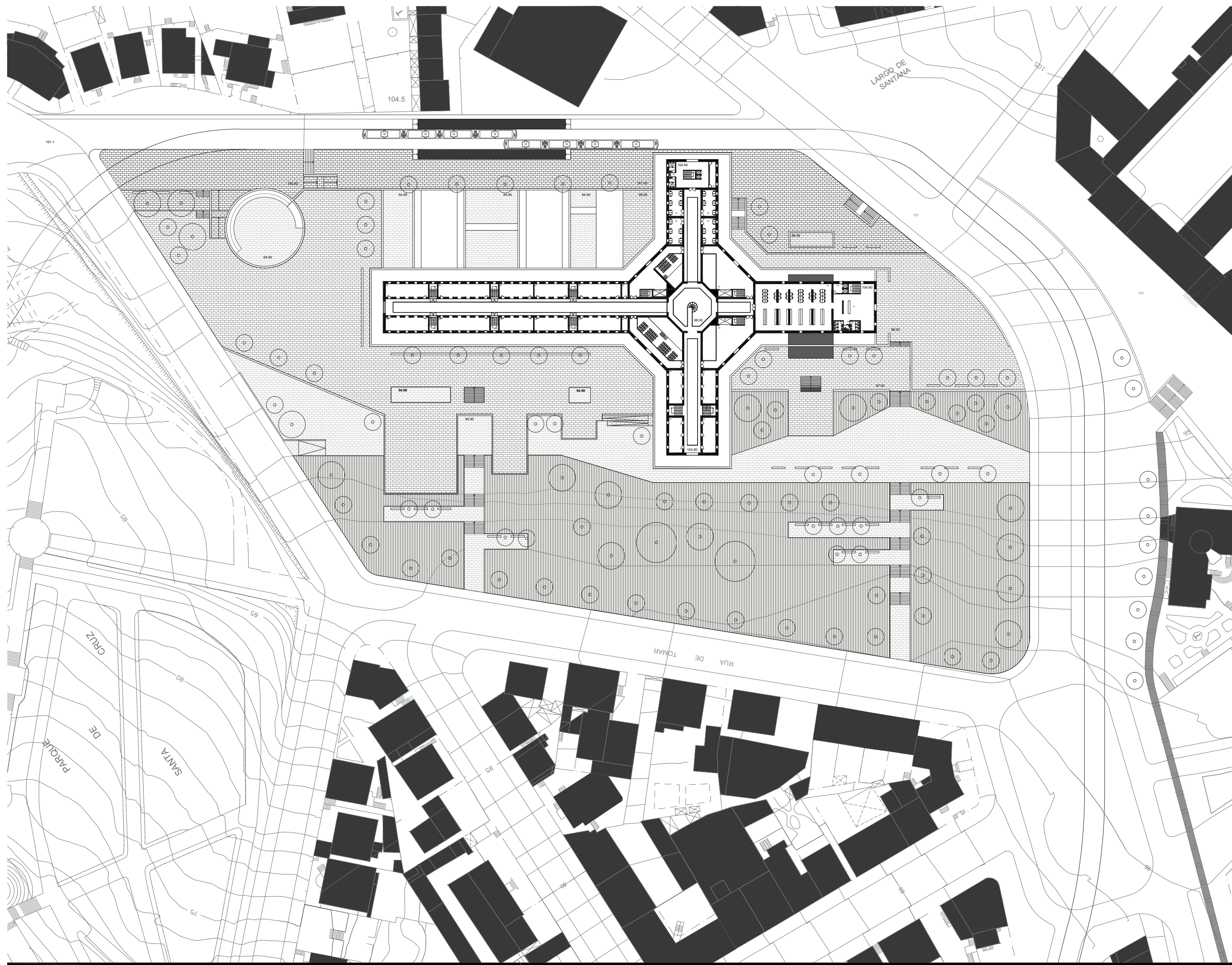
Pretende-se com este projecto a revitalização deste lugar esquecido da cidade.

4.3 | Proposta



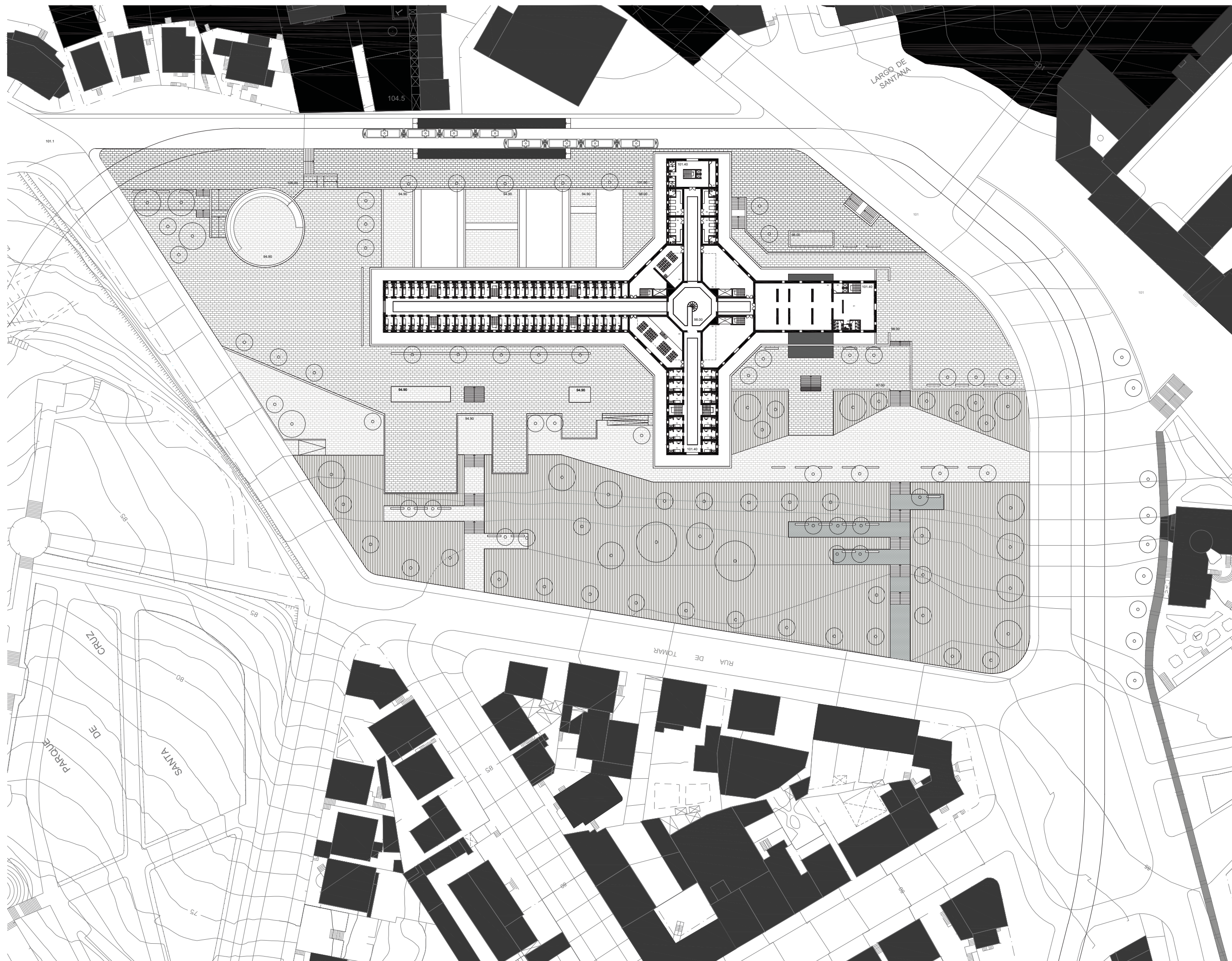


PLANTA DE COBERTURA
1/1000



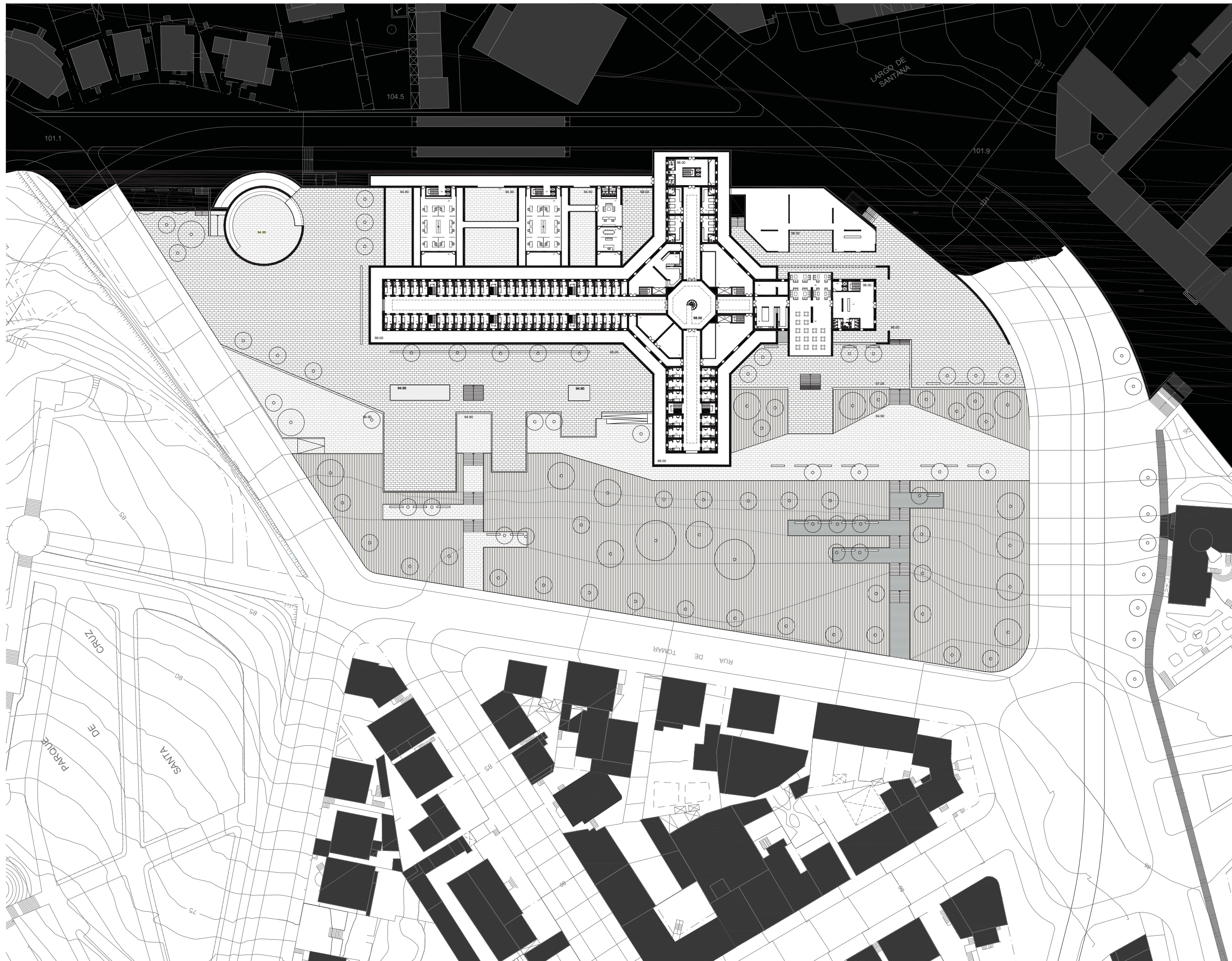
- LEGENDA**
- 01 - FOYER DA BIBLIOTECA
 - 02 - ACESSOS VERTICAIS
 - 03 - INSTALAÇÕES SANITÁRIAS
 - 04 - BIBLIOTECA
 - 05 - ARQUIVO DA BIBLIOTECA
 - 06 - SALA DE VISITAS
 - 07 - ARRUMOS
 - 08 - MONTA-CARGAS
 - 09 - SALA DE FORMAÇÃO

PLANTA COTA 106
1/1000



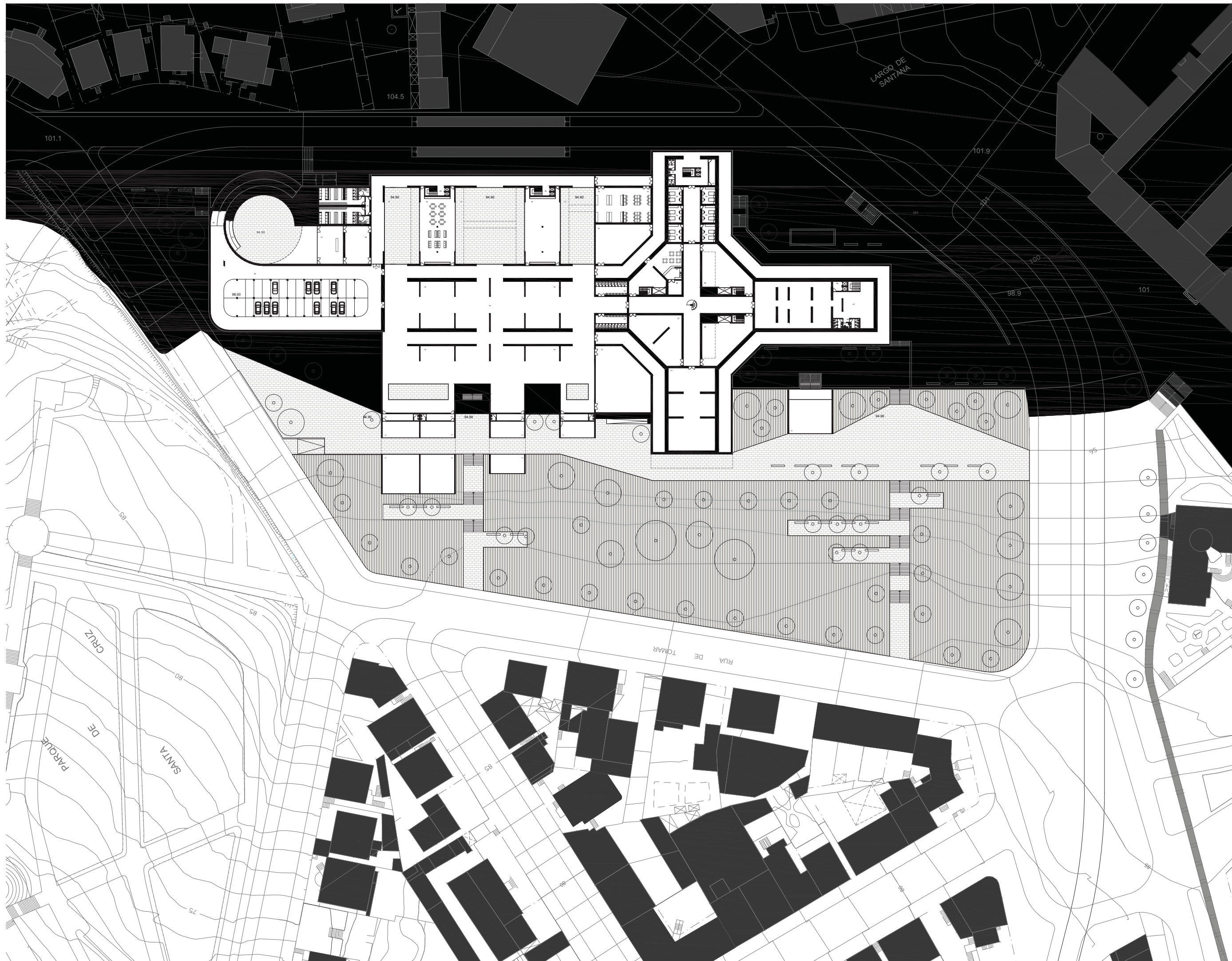
- LEGENDA**
- 01 - ACESSO MUSEU
 - 02 - ACESSOS VERTICAIS
 - 03 - INSTALAÇÕES SANITÁRIAS
 - 04 - MUSEU - ESPOSIÇÕES PERMANENTES
 - 05 - ARQUIVO DA BIBLIOTECA
 - 06 - ENFERMARIA
 - 07 - ARRUMOS
 - 08 - MONTA-CARGAS
 - 09 - SALA DE TEATRO
 - 10 - CELA

PLANTA COTA 103
1/1000



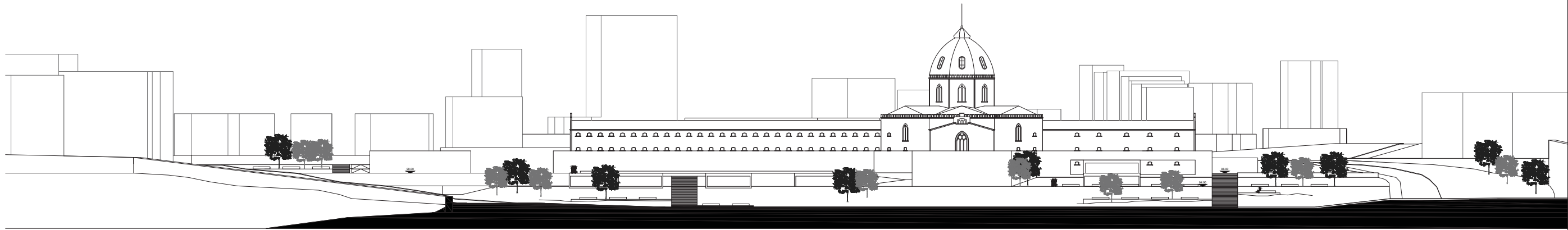
- LEGENDA**
- 01 - ENTRADA PRINCIPAL; ACESSO AO RESTAURANTE, AO MUSEU E À BIBLIOTECA
 - 02 - ACESSOS VERTICAIS
 - 03 - INSTALAÇÕES SANITÁRIAS
 - 04 - RESTAURANTE
 - 05 - BAR
 - 06 - COZINHA DO RESTAURANTE
 - 07 - ARRUMOS
 - 08 - MONTA-CARGAS
 - 09 - DESPENSA
 - 10 - CELA
 - 11 - ARQUIVO DA PENITENCIÁRIA
 - 12 - ENFERMARIA
 - 13 - COZINHA DA PENITENCIÁRIA
 - 14 - SAI (SERVIÇO DE AUDITORIA E INSPECÇÃO)
 - 15 - SALA DE TELECOMUNICAÇÃO
 - 16 - MUSEU - EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS
 - 17 - SECRETARIA DE DIRECÇÃO
 - 18 - SALA DE DIRECÇÃO
 - 19 - TERRAÇO
 - 20 - ADMINISTRAÇÃO

PLANTA COTA 100
1/1000

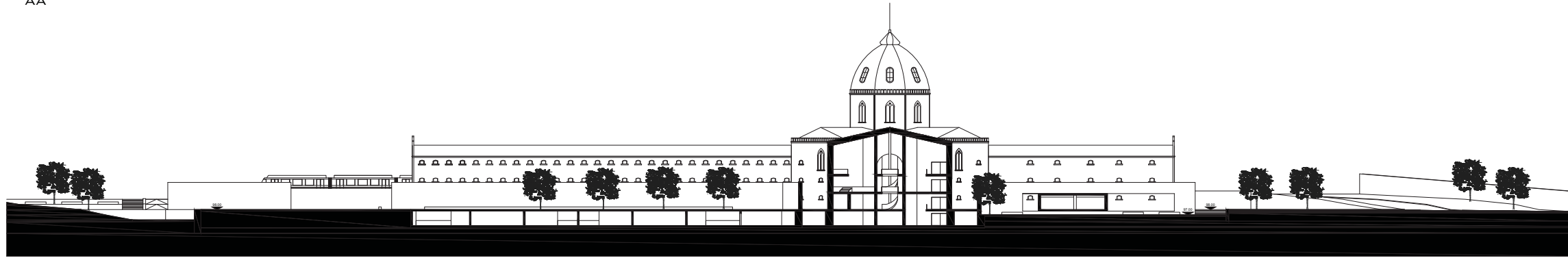


- LEGENDA**
- 01 - MUSEU - ESPOSIÇÕES PERMANENTES
 - 02 - ACESSOS VERTICAIS
 - 03 - INSTALAÇÕES SANITÁRIAS
 - 04 - DORMITÓRIO FUNCIONÁRIOS
 - 05 - BAR FUNCIONÁRIOS
 - 06 - DESPENSA
 - 07 - ARRUMOS
 - 08 - MONTA-CARGAS
 - 09 - ARQUIVO DA PENITENCIÁRIA
 - 10 - OFICINAS
 - 11 - LOJA
 - 12 - ARRUMOS DAS OFICINAS
 - 13 - ARMAZÉM
 - 14 - LAVANDARIA
 - 15 - ROUPARIA
 - 16 - ARMAZÉM DA COZINHA
 - 17 - PÁTIO PARA RECLUSOS
 - 18 - SALA DE CONVÍVIO PARA RECLUSOS
 - 19 - BALNEÁRIOS PARA FUNCIONÁRIOS
 - 20 - ZONA DE CONTROLO
 - 21 - FOYER DA PENITENCIÁRIA
 - 22 - ACESSO PEDONAL
 - 23 - ENTRADA DE RECLUSOS
 - 24 - ESTACIONAMENTO
 - 25 - ACESSO AUTOMÓVEL

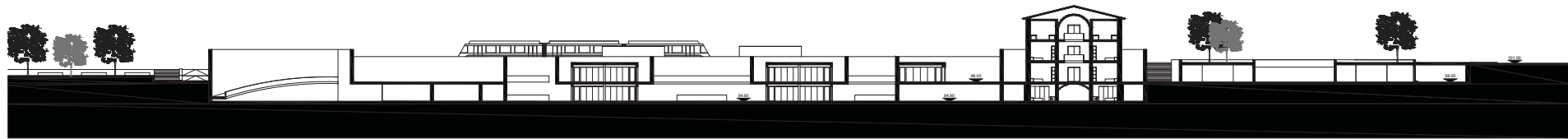
PLANTA COTA 96
1/1000



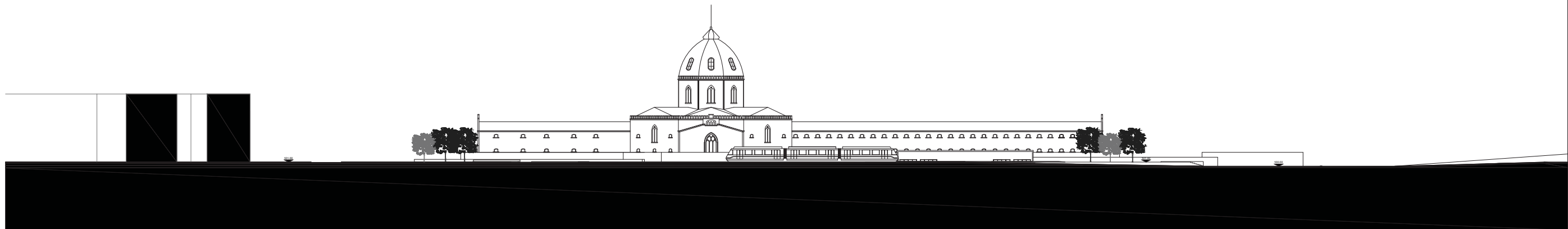
AA'



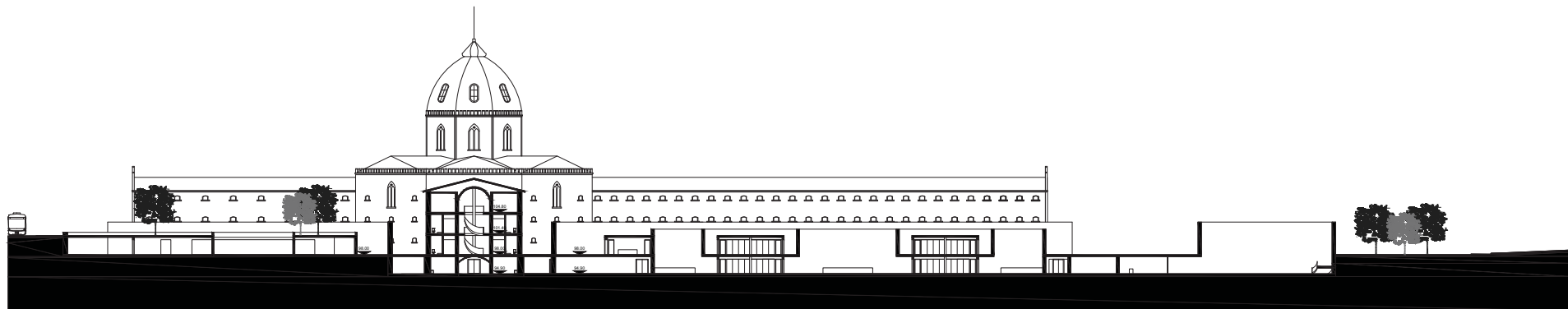
BB'



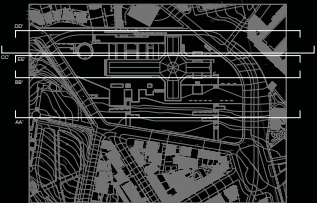
CC'



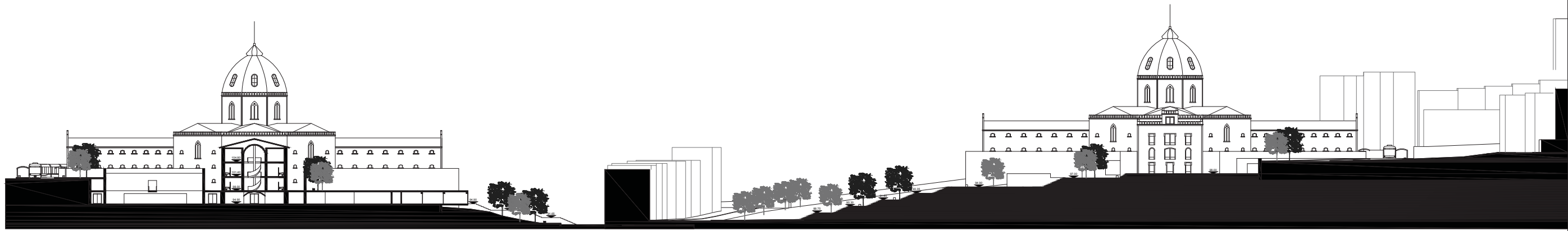
DD'



EE'

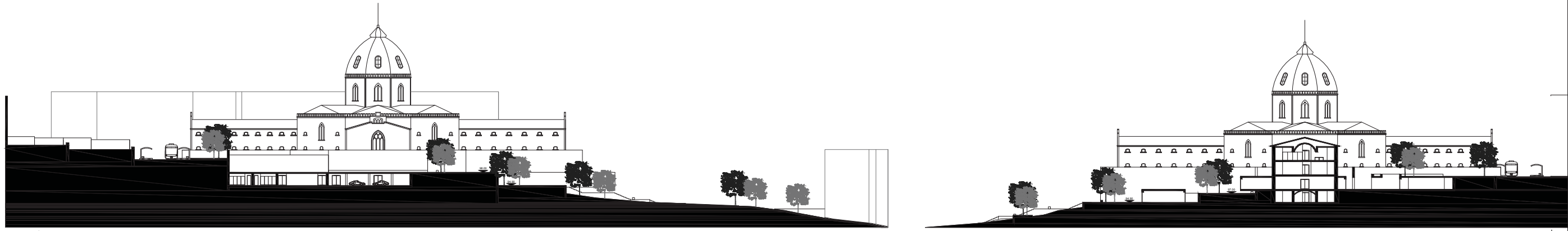


PERFIS_CORTES
1/1000



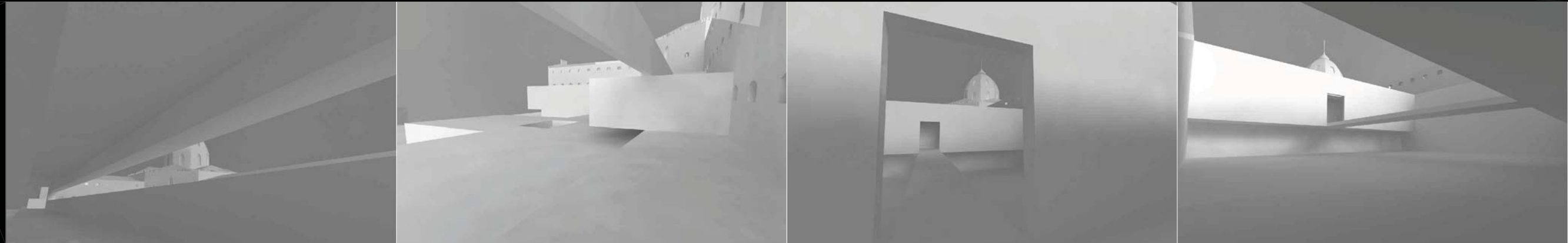
FF'

GG'

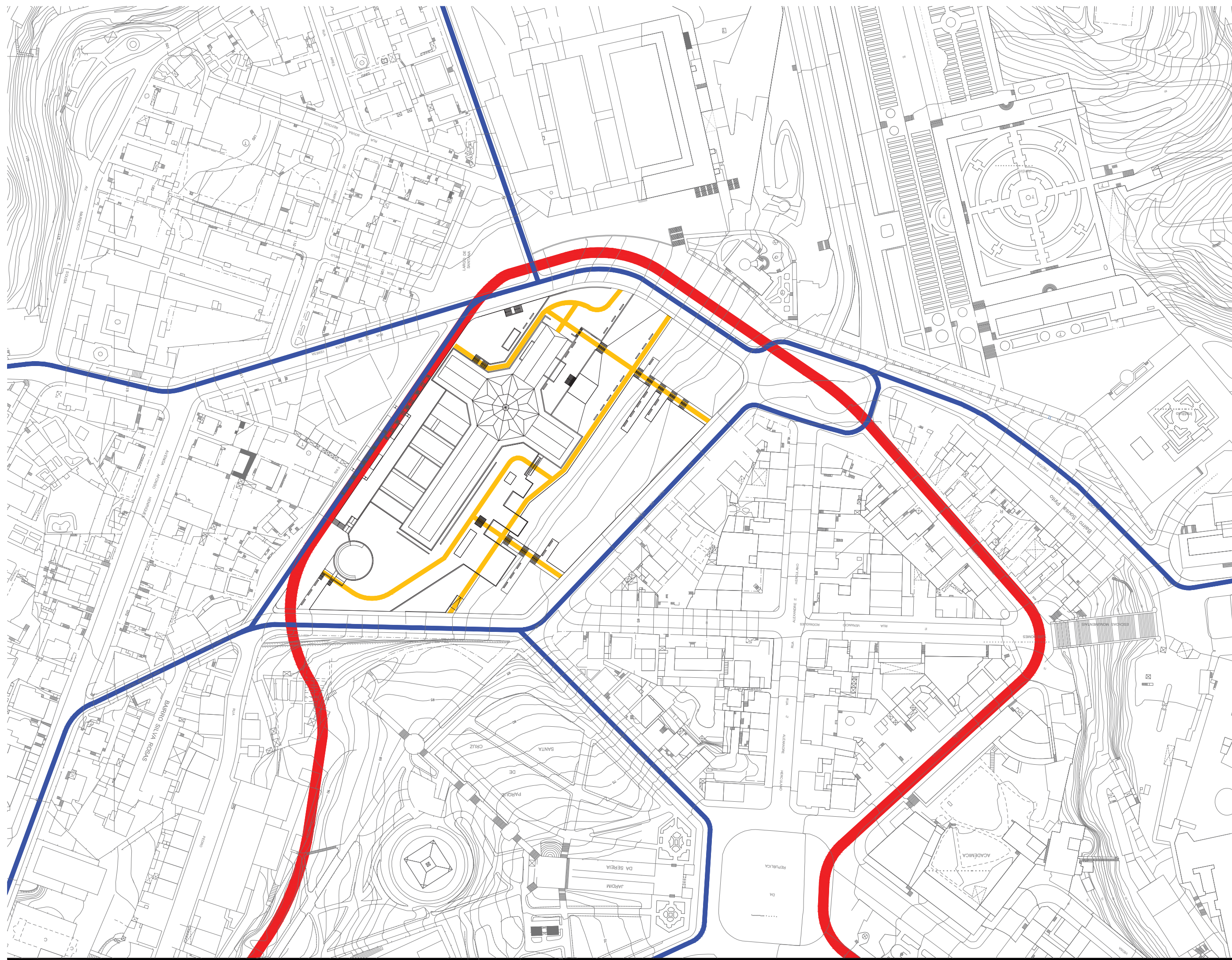


HH'

II'



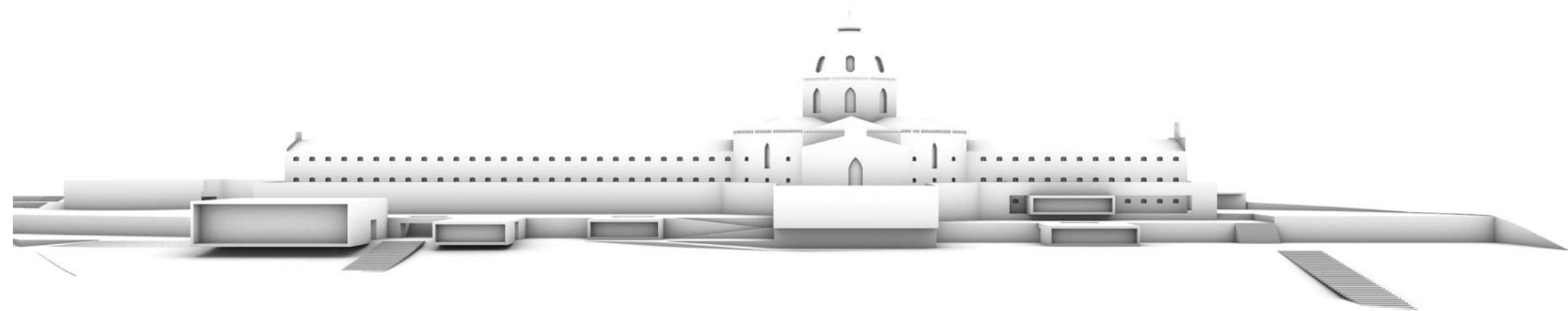
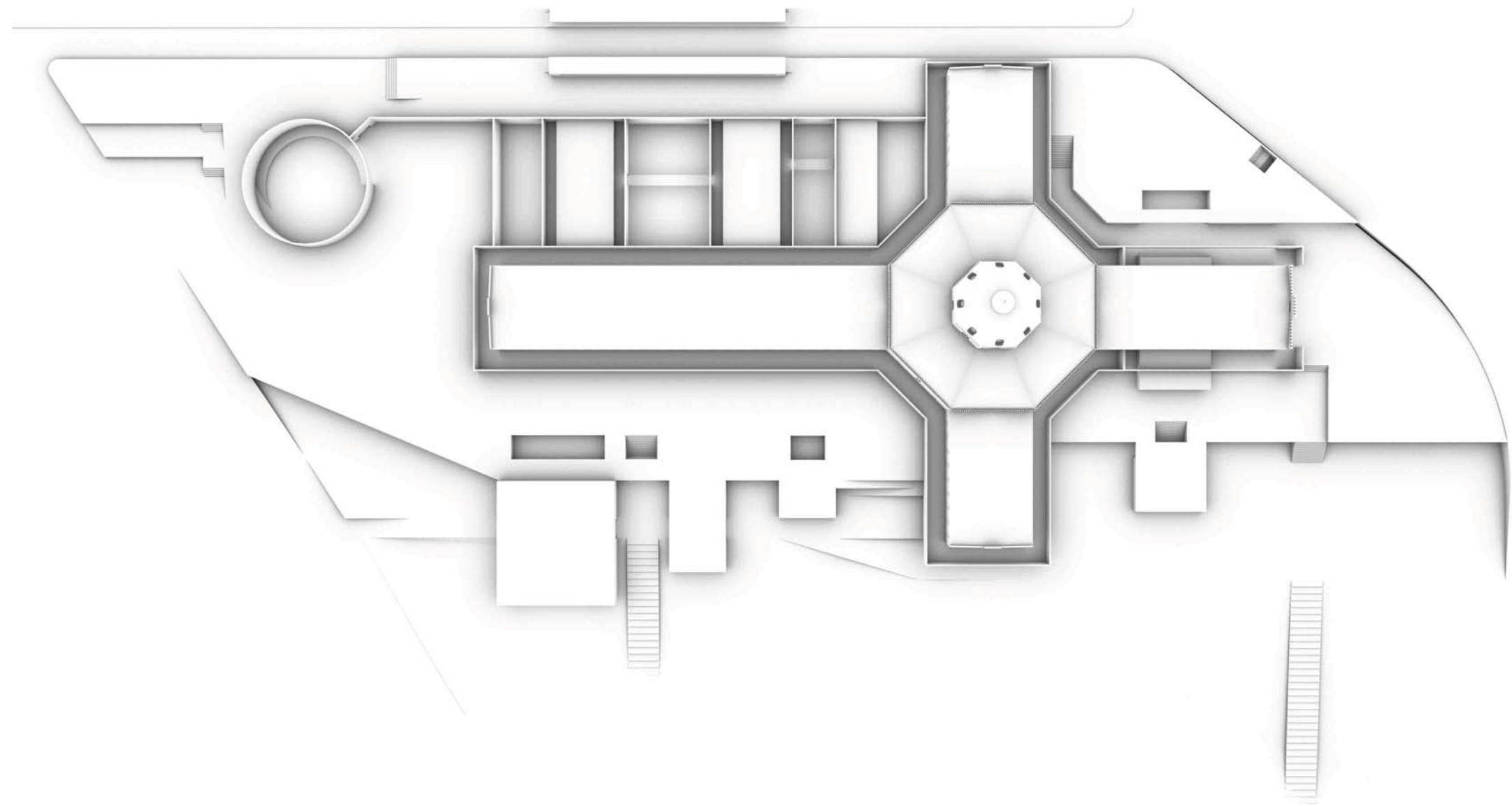
PERFIS_CORTES
1/1000

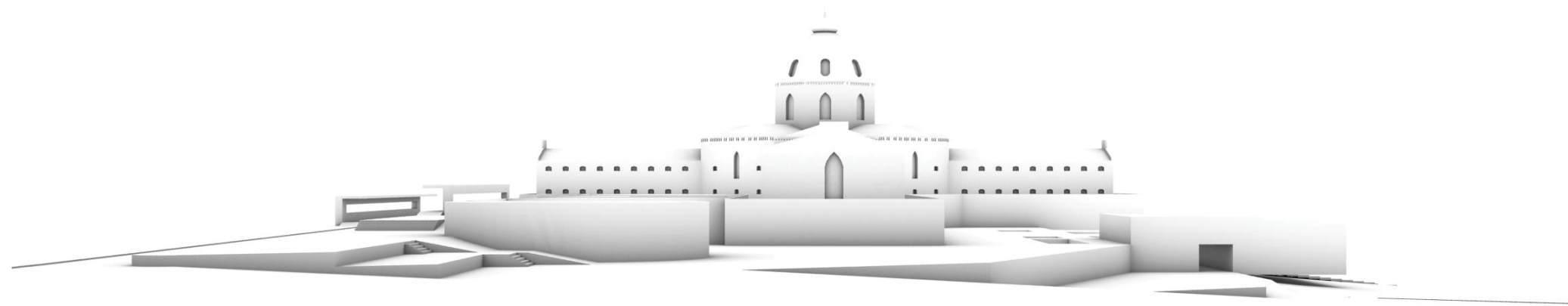
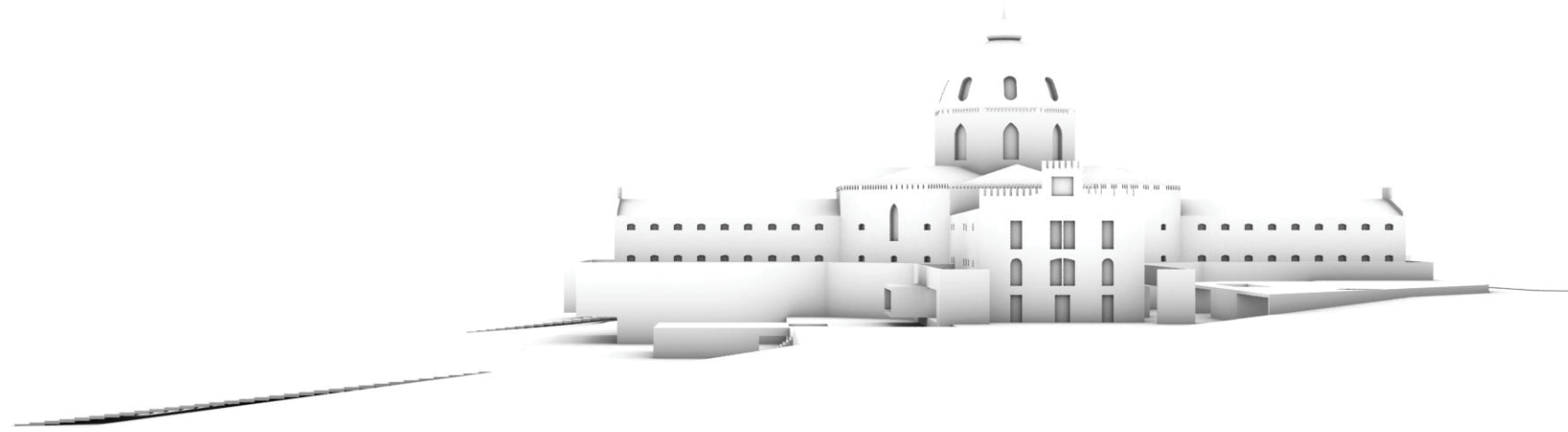


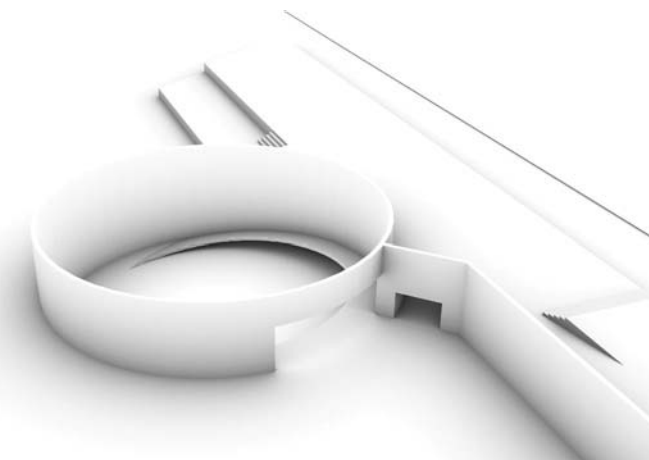
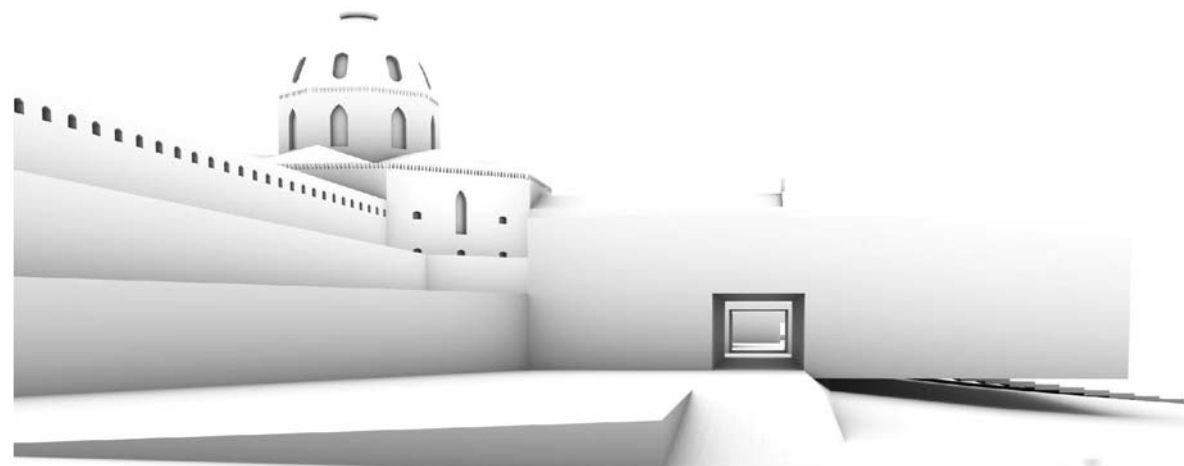
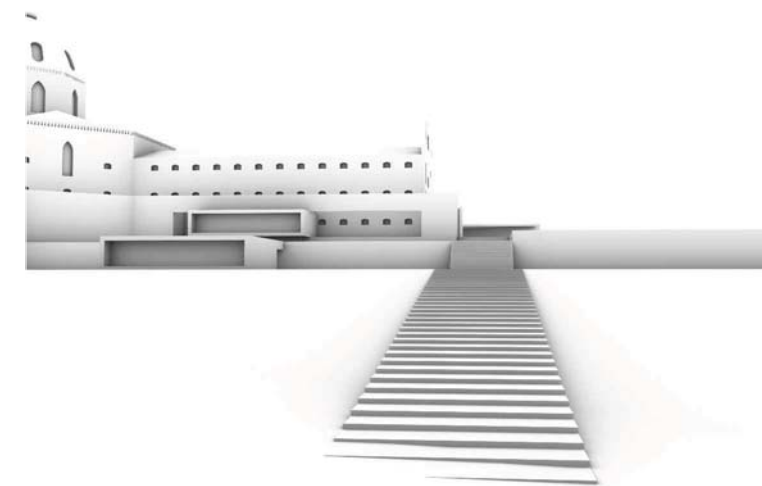
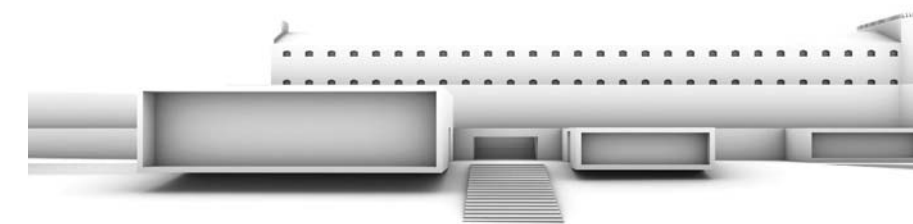
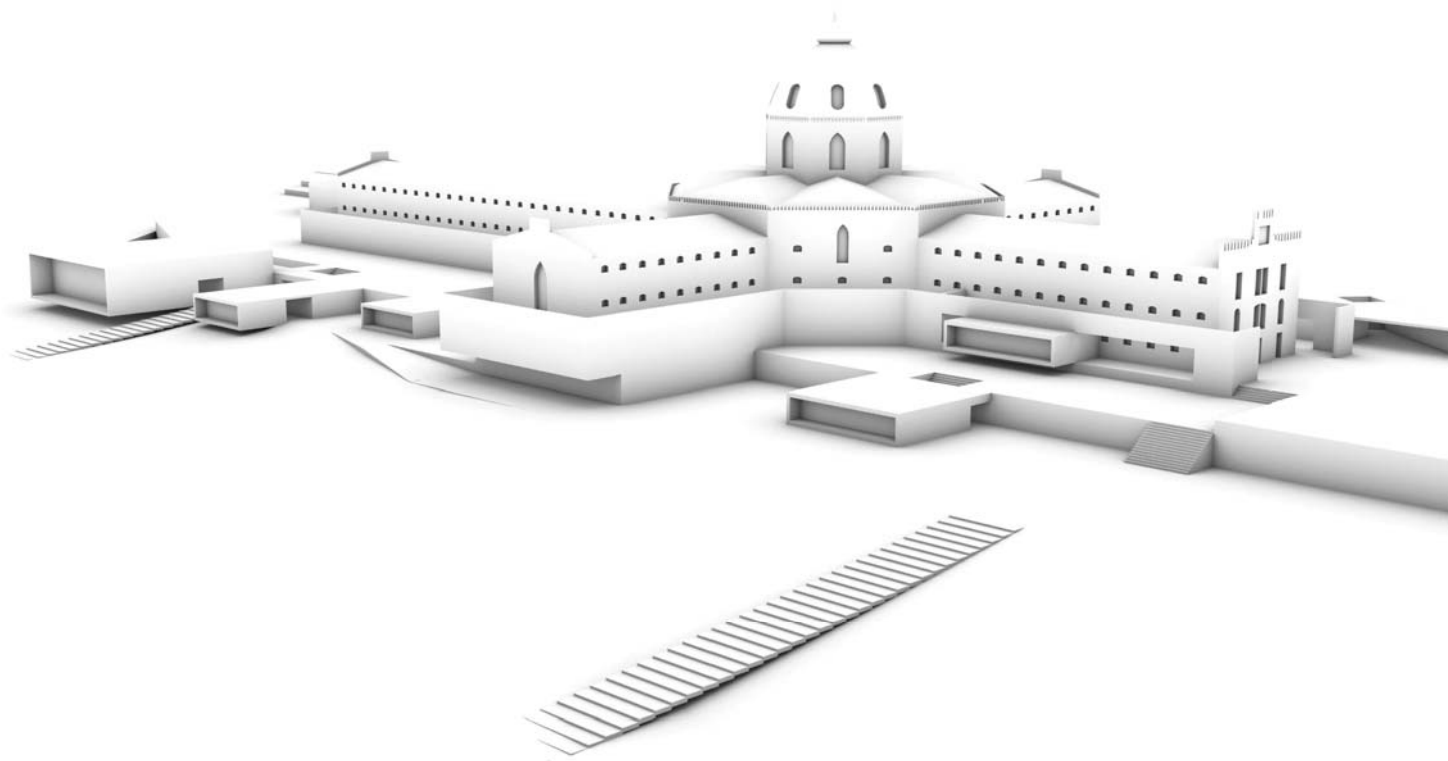
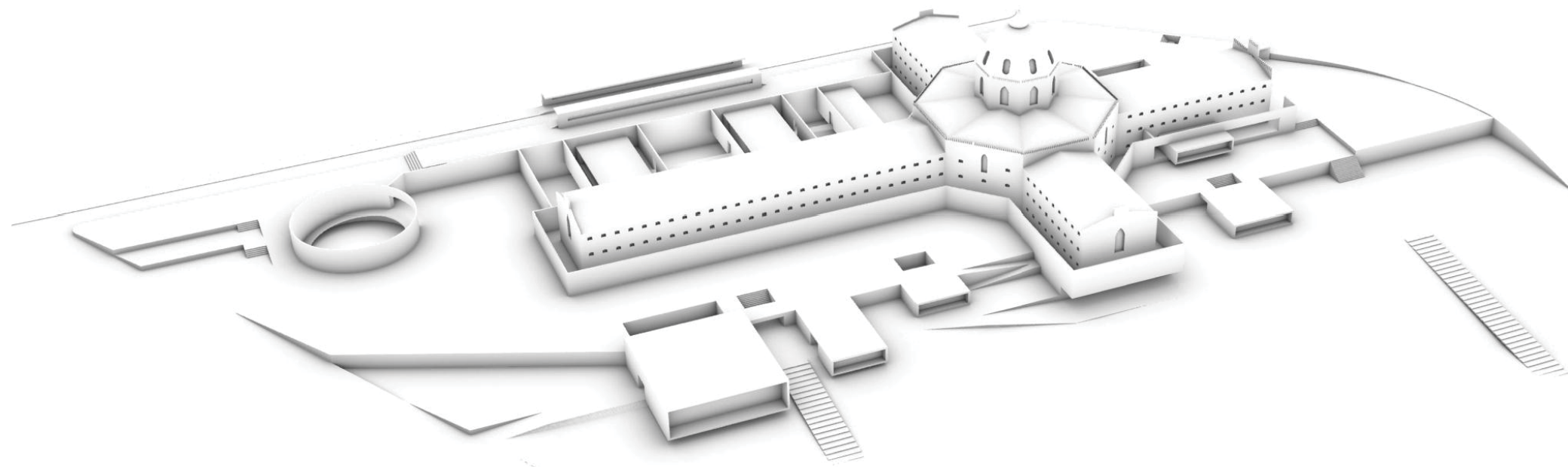
- CIRCULAÇÃO DE METRO
- CIRCULAÇÃO AUTOMÓVEL
- CIRCULAÇÃO PEDONAL

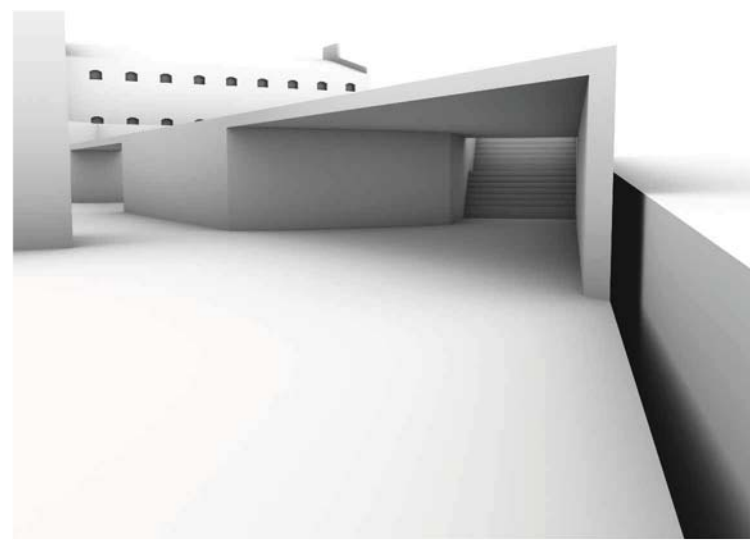
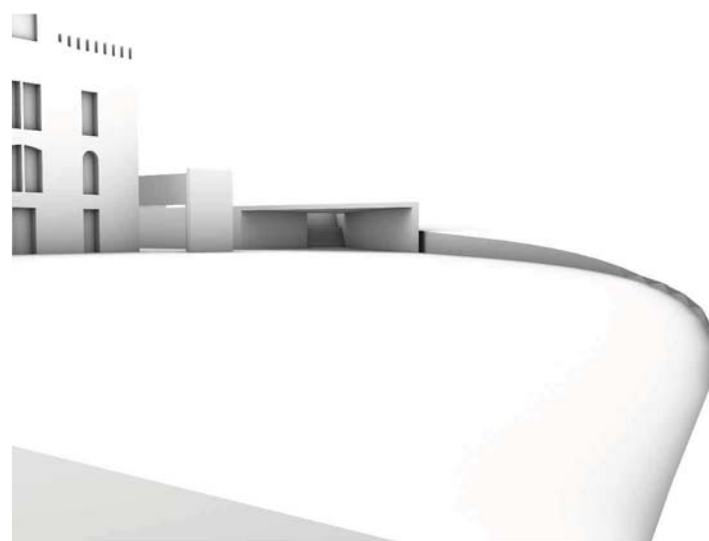
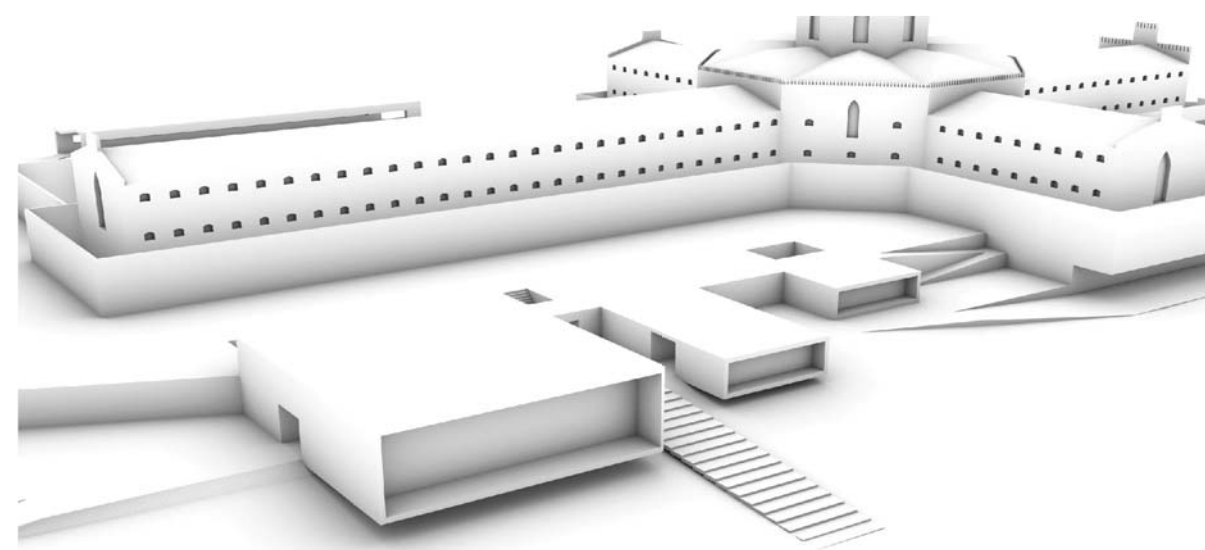
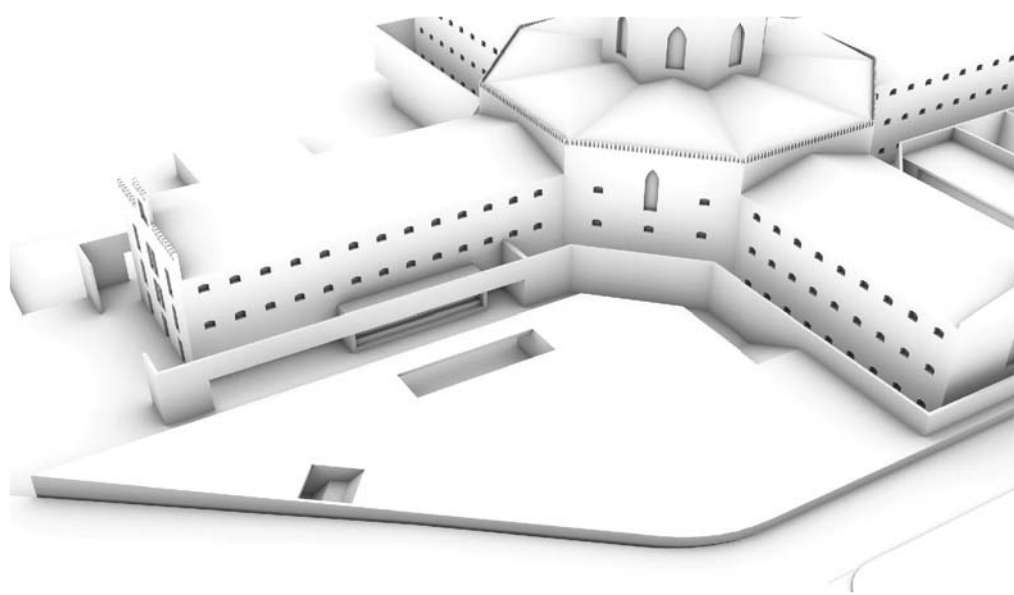
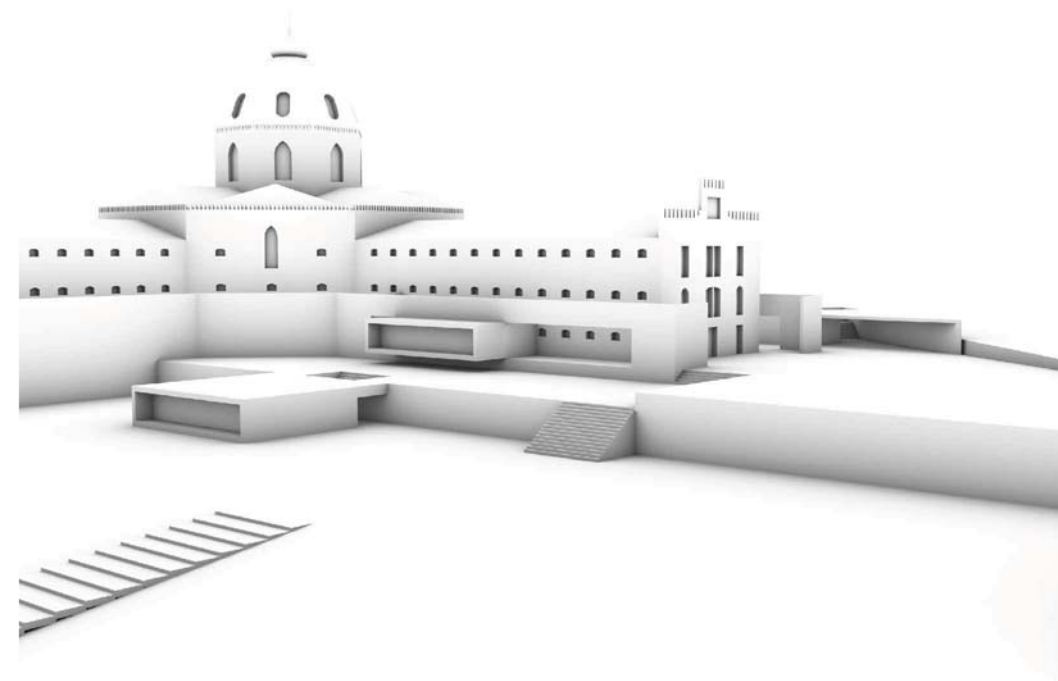
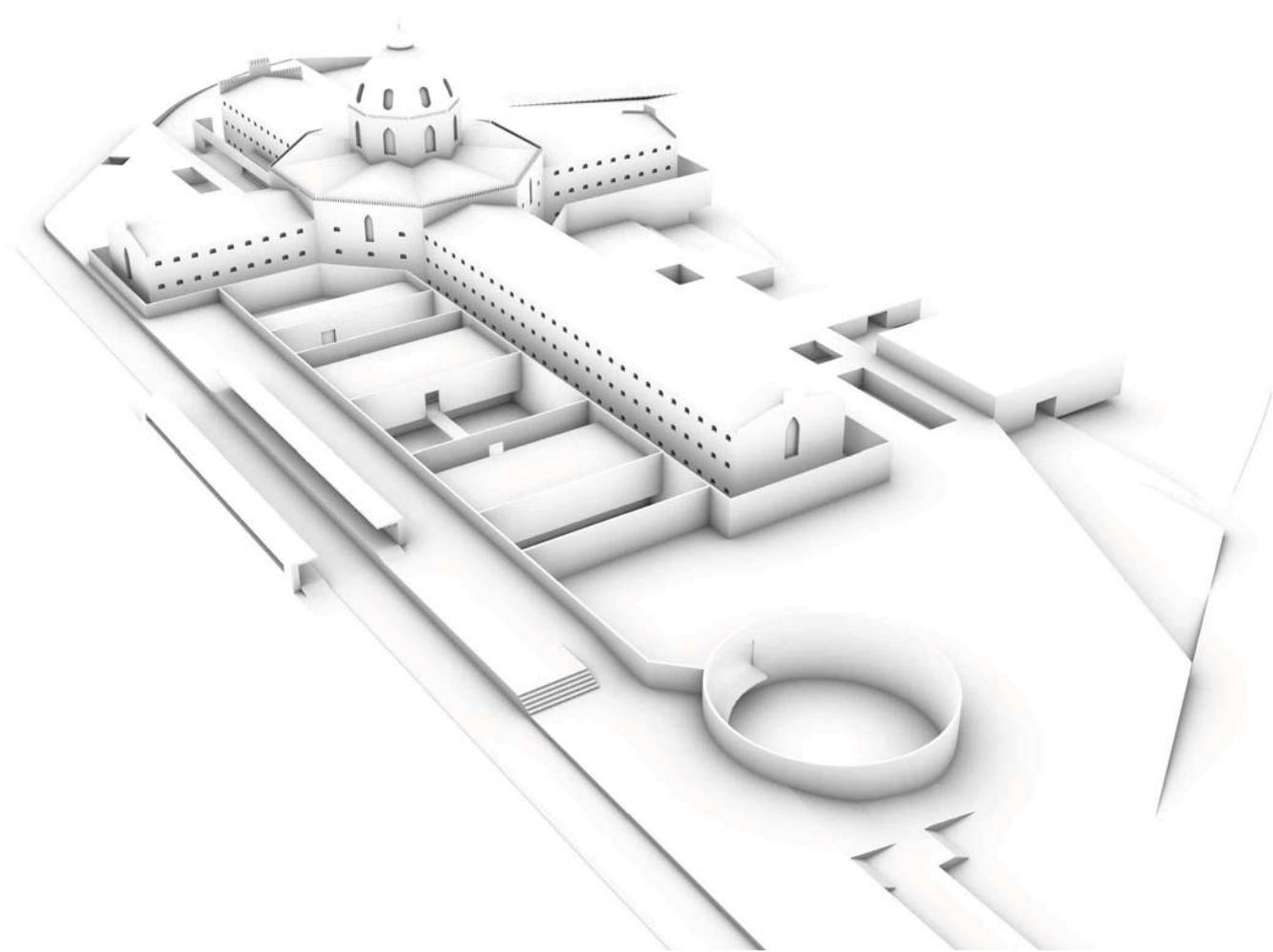
CIRCULAÇÕES











CONCLUSÃO

O objecto de estudo deste trabalho, aborda um tema complexo e delicado na cidade de Coimbra.

O quarteirão da Penitenciária, pela sua localização privilegiada na cidade e pela dimensão do espaço, torna-o cobiçado em várias frentes. Cabe-nos a nós, enquanto habitantes da cidade, com as competências e mestria que tivermos, termos um olhar crítico e agirmos em confronto. Apesar deste nosso ensaio ser um fruto meramente académico, exprimimos nestas páginas a nossa apreciação e contributo pessoal.

A Dissertação tinha como base a reabilitação da Penitenciária de Coimbra e sua envolvente próxima, propondo mudanças na cidade. Para termos uma atitude consciente do projecto, estudamos, visitamos e interpretamos vários temas fundamentais para o bom desenvolvimento do trabalho. Abordamos a cidade de Coimbra, focando-nos com mais empenho na zona de intervenção, contudo sempre com um pensamento abrangente de todos os movimentos e transformações sofridas ao longo dos tempos.

O tema da intervenção num edifício panóptico e prisional, foi assunto analisado por nós, com o intuito de tomarmos conhecimento de toda esta realidade, para levarmos a bom porto a nossa proposta. A comparação com intervenções deste tipo foi tida em conta no âmbito deste trabalho.

Pode concluir-se que a ousadia do conceito desta exposição, serve para despertar mentes e buscar novas soluções. Assertivas ou não, as interpretações são sempre válidas, marcando a nossa posição e deixando o nosso cunho por onde passamos.

No final desta nossa tarefa, sentimos que ampliamos o nosso conhecimento, o nosso respeito pelo património que interessa preservar e preenchemos a nossa bagagem com mais esta etapa.

Bibliografia

GAMITO, Ana Maria Baião – **Arquitectura Prisional em Portugal. A utopia carcerária. Coimbra** : [s. n.], 2001. 128 p. Prova Final de Licenciatura em Arquitectura apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

FOUCAULT, Michel – **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis : Vozes, 1993. 280 p.

MARÇAL, Hélder Manuel Jorge – **Projecto de reconversão da cerca e edifício da penitenciária de Coimbra**. Coimbra : [s. n.], 2003. 47 p Prova Final de Licenciatura em Arquitectura apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

QUEIROZ, Joana Filipa Saavedra – **Pedra sobre pedra: intervir no construído**. Coimbra : [s. n.], 2008. 109 p. Prova Final de Licenciatura em Arquitectura apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

TRIGUEIROS, Maria Conceição Bidarra de Melo – **Da prisão à cidade punitiva, utopia e realidade**. Lisboa : Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 2000. Tese de Doutoramento.

BENTHAM, Jeremy. **O panóptico ou a casa de detenção**. In: SOUZA, Tomaz Tadeu de (Org.) O panóptico. Belo Horizonte : Autêntica, 2000.

CIORAN, Henry. **História e utopia**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões: campanha de Canudos**. 37.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

KOOLHAAS, Rem, MAU, Bruce. **Small, medium, large, extra-large: office for metropolitan architecture**. Rotterdam: 010 Publishers, 1995.

KOOLHAAS, Rem. **Rem Koolhaas: urban projects (1985-1990)**. Barcelona : Quadrens d'Architectura, 1993.

Direcção-Geral dos Negócios de Justiça, Regulamento Provisório da Cadeia Geral Penitenciária do Distrito da Relação de Lisboa, Diário do Governo nº 273, de 29 de Novembro de 1884.

SILVA, João de Brito e, **"O Colégio de Tomar 1556-1713"** in Revista da Universidade de Coimbra vol. 9, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1933, p. 962-999.

LIMA, Raul Rodrigues, **Arquitectura Prisional** in Boletim da Administração Penitenciária e dos Institutos de Criminologia, nº9, 2º Semestre de 1961, pp. 117-255.

FAIRWEATHER, Leslie, **"The Evolution of the Prison"** in UNITED NATIONS SOCIAL DEFENCE RESEARCH INSTITUTE, Prison Architecture, Londres, s.d. [1975].

Direcção Geral dos Serviços Prisionais, Estabelecimento Prisional de Coimbra in Prisões em Revista, n.º 14, Julho 2000, pp. 30-31.

BANDEIRINHA, José António (2007), **"A propósito do Estabelecimento Prisional de Coimbra. Cadeias penitenciárias modernas, ovo de Colombo da ordem da política"**, Património estudos, 10, 26-36.

BANDEIRINHA, José António (2009), **"Poderá a arquitectura servir para justificar as funções às quais se destina?"**.

BANDEIRINHA, José António (2003), **“Revista NU #12 Onde está Coimbra?”**

BANDEIRINHA, José António (2004), **“Revista NU #26”**

Arquivo Nacional da Torre do Tombo (A.N.T.T.)

Mç 551; Mç 499; Mç 513; Mç 445; Mç 515;

IVES, George - **A History of Penal Methods: Criminals, Witches, Lunatics.** Montclair: Patterson Smith, 1970. P.171-172.

BECCARIA, Cesare. **Dos Delitos e das Penas.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998.

GARRIDO GUZMAN, Luis. **Manual de Ciencia Penitenciaria.** Madrid: Editoriales de Derecho Reunidas (Edersa), 1983.

MAGARIÑOS, Faustino Gudín Rodríguez - **Historia de las prisiones.** [Em linha]. [Consult. 20 Março 2011] Disponível em <http://ocw.innova.uned.es/ocwuniversia/derecho-constitucional/derechos-de-los-reclusos/pdf/ESTUDIO0.pdf>

MELLO, Adelino António – **“Estudos sobre o regimen penitenciário e sua aplicação em Portugal”**

Arrechea, Miguel; Julio, Ignacio, **“La arquitectura de la represión en el siglo XIX”**, in *Arquitectura y Orden. Ensayos sobre Tipologías arquitectónicas*, Valladolid, Univ. de Valladolid, Colegio Oficial de Arquitectos de León, 1988, pp. 89-109.

Revista da Universidade de Coimbra, vol.11, em honra de D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1933 - Planta do edifício do Colégio de Tomar e construções anexas

Websites consultados:

CAMPESTRINI, Bernadete; BARTH, Elaine Maria Luz – A prisão como instrumento da pena e de reabilitação. Disponível em WWW: <URL http://www.cce.ufsc.br/~fialho/Orienta/Prisional/capitulo_livro_trajetoria_historica.doc>

CLAUDINO, Rubinei Carlos – Fichamento do livro Vigiar e Punir. Disponível em WWW: <URL <http://www.asaf.org.br/artigos-ver.asp?codigo=60>>

COELHO, Joedison Rodrigues; SANTOS, Luciana Araújo – A transgressão penal e o mecanismo disciplinar: disciplina e controle do sujeito. Disponível em WWW: <URL <http://www.frb.br/ciente/DIR/DIR.UCSal.COELHO.etal.F2%20.pdf>>

FERNANDES, Elionaldo – O sistema penitenciário como fenómeno urbano. Disponível em WWW: <URL: http://www.redligare.org/IMG/pdf/sistema_penitenciario_fenomeno_urbano.pdf>

GIARDULLO, Paulo – O Panóptico: Foucault confirma Orwell. Disponível em WWW: <URL http://www.duplipensar.net/lit/g_orwell/2003-08-panoptico.html>

LIMA, Suzann Flávia Cordeiro de – A função social do espaço penitenciário. Disponível em WWW: <URL: http://bdtd.ufal.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=62>

LIMA, Suzann Flávia Cordeiro de – Arquitectura da penitenciária: a evolução do espaço inimigo. Disponível em WWW: <URL: <http://www.suzanncordeiro.com/arquitetura-penitenciaria-a-evolucaodo-espaco-inimigo>>

MISCIASCI, Elizabeth – A primeira prisão e como surgiram os presídios. Disponível em WWW: <URL: http://www.eunanet.net/beth/news/topicos/nasce_os_presidios.htm>

NEVES, Fátima Maria – Jérémy Bentham. Disponível em WWW: <URL: http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/glossario/verb_b_jeremy_bentham.htm>

OLIVEIRA, Fernanda Amaral de – Os modelos penitenciários no séc. XIX. Disponível em WWW: <URL: <http://www.virtu.ufjf.br/artigo%206%20a%201.pdf>>

POMBO, Olga – Panóptico. Disponível em WWW: <URL: <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/momentos/sociedade%20disciplinar/Paoptico.htm>>

SANTOS, Juarez Cirino dos – 30 anos de vigiar e punir (Foucault). Disponível em WWW: <URL: http://www.cirino.com.br/artigos/jcs/30anos_vigiar_punir.pdf>

SANTOS, Priscilla – Panóptico: a génese e as prisões. Disponível em WWW: <URL: http://blog.uncovering.org/archives/2007/06/panoptico_a_gen.html>

SILVA, Fabiana Nunes de Oliveira – Prisão, cidade e território. Disponível em WWW: <URL: http://www.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/tde_arquivos/7/TDE-2009-04-06T091158Z-1500/Publico/Fabiana%20Nunes%20de%20Oliveira%20Silva.pdf>

GONÇALVES, Pedro Correia - A era do humanitarismo penitenciário: As obras de John Howard, Cesare Beccaria e Jeremy Bentham. Disponível em WWW: <URL <http://www.revistas.ufg.br/index.php/revfd/article/viewFile/9792/6687>>

VAZ, Oscar de Viana – A pedra e a lei. Disponível em WWW: <URL http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/RAAO6WNG4M/1/a_pedra_e_a_lei.pdf>

AGOSTINI, Flávio, Ampliação de uma Prisão Panóptica. Disponível em WWW: <URL:<http://www.m3arquitetura.com.br/textos/AGOSTINI,%20Flavio.%20Ampliacao%20de%20uma%20prisao%20panoptica.pdf>.

OLIVEIRA, Fernanda Amaral de – Os modelos penitenciários no séc. XIX.

GARBELINI, Sandra Mara – Arquitectura prisional, a construção de penitenciárias e a devida execução penal.

LOPES, Ana Isabel e SANTOS, Sónia – Da Sociedade disciplinar à Sociedade de controle.

ARQUITECTURA:Justizzentrum Leoben (Áustria). [Em linha]. [Consult. 18 Dezembro 2010] Disponível em <http://georden.blogspot.com/2006/11/arquitectura-justizzentrum-leoben.html>

Arquitectura: Diseñar una cárcel: El reto profesional y ético de un arquitecto [Josef Hohensinn]. [Em linha]. [Consult. 18 Dezenbro 2010] Disponível em <http://www.arq.com.mx/noticias/Detalles/10015.html>

THOELE, Alexander - Witzwil: uma penitenciária 5 estrelas. [Em linha]. [Consult. 2 Fevereiro 2011] Disponível em http://www.swissinfo.ch/por/index/Witzwil:_uma_penitenciaria_5_estrelas.html?cid=7419490

CALDERÓN, Verónica - La cárcel más singular del mundo. [Em linha]. [Consult. 7 Abril 2011] Disponível em http://www.elpais.com/articulo/internacional/carcel/singular/mundo/elpepuint/20090424elpepuint_2/Tes

Noruega apresenta presídio ecologicamente correcto. [Em linha]. [Consult. 7 Abril 2011] Disponível em <http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,noruega-apresenta-presidio-ecologicamente-correto,42405,0.htm>

AGAREZ, Ricardo – Penitenciária de Coimbra: Ficha de classificação da DGEMN. [Em linha]. [Consult. 18 Janeiro 2011] Disponível em <http://micporcoimbra.blogspot.com/2006/07/penitenciria-de-coimbra-ficha-de.html>

Fontes de imagens:

Figura 1 - <http://reporterdecristo.com/instrumentos-de-tortura>

Figura 2 - http://www.eunanet.net/beth/revistazap/topicos/qd_inicioprisoes.htm

Figura 3 - <http://www.europeanjourneys.org/biogs/E000073b.htm>

Figura 4 - http://en.wikipedia.org/wiki/File:Tower_of_London_White_Tower.jpg

Figura 5 - [http://en.wikipedia.org/wiki/John_Howard_\(prison_reformer\)](http://en.wikipedia.org/wiki/John_Howard_(prison_reformer))

Figura 6 - <http://www.rightwords.eu/author-details/cesare-beccaria-bonesana>

Figura 7 - http://en.wikipedia.org/wiki/File:Jeremy_Bentham_by_Henry_William_Pickersgill_detail.jpg

Figura 8 - <http://en.wikipedia.org/wiki/File:Panopticon.jpg>

Figura 9 - <http://mauoscar.files.wordpress.com/2010/07/vista-presidio-inspirado-na-eastern-state-penitentiary.jpg>

Figura 10 - <http://www.portalentretextos.com.br/colunas/recontando-estorias-do-dominio-publico/oscar-mostra-nos-a-eastern-state-penitentiary-da-filadelfia-pensilvania,236,4586.html>

Figura 11 - <http://dailyitem.com/archive/x1448908229>

Figura 12 - http://www.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/tde_arquivos/7/TDE-2009-04-06T091158Z-1500/Publico/Fabiana%20Nunes%20de%20Oliveira%20Silva.pdf

Figura 13 - <http://www.nelachezrien.org/les-persifleurs-du-mal/2010/07/02/episode-05-avec-maitre-jacques-verges/>

Figura 14 - <http://en.wikipedia.org/wiki/File:Panopticon.jpg>

Figura 15 -

http://www.oma.eu/index.php?option=com_projects&view=project&id=734&Itemid=10

Figura 16 -

http://www.oma.eu/index.php?option=com_projects&view=project&id=734&Itemid=10

Figura 17 - KOOLHAAS, Rem, (1995), p.238

Figura 18 - KOOLHAAS, Rem, (1995), p.249

Figura 19 - KOOLHAAS, Rem, (1995), p.248

Figura 20 - KOOLHAAS, Rem, (1995), p.250

Figura 21 - <http://arquitecturavigo.blogspot.com/2008/01/antiguo-palacio-de-justicia-hoy-museo.html>

Figura 22 - <http://sr4.ardan.es/GAELIC/EXT2/Imagenes/OBRAS/PDF/1.pdf>

Figura 23 – <http://arquitecturavigo.blogspot.com/2008/01/antiguo-palacio-de-justicia-hoy-museo.html>

Figura 24 – <http://sr4.ardan.es/GAELIC/EXT2/Imagenes/OBRAS/PDF/1.pdf>

Figura 25 – <http://arquitecturavigo.blogspot.com/2008/01/antiguo-palacio-de-justicia-hoy-museo.html>

Figura 26 – <http://sr4.ardan.es/GAELIC/EXT2/Imagenes/OBRAS/PDF/1.pdf>

Figura 27 – <http://arquitecturavigo.blogspot.com/2008/01/antiguo-palacio-de-justicia-hoy-museo.html>

Figura 28 - <http://sr4.ardan.es/GAELIC/EXT2/Imagenes/OBRAS/PDF/1.pdf>

Figura 29 – <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=523319>

Figura 30 -

<http://www.bing.com/maps/#JnE9LmJhZGFqb3oIN2Vzc3QuMCU3ZXBnLjEmYmI9MzkuMTE1NDQ1MDA1MzE3MyU3ZS01Ljc5NjI4OTAyMDk5NjEIN2UzOC43NzA5ODI3OTI0NTg3JTdILTYuNTQ0MDQ1OTc5MDAzOTE=>

Figura 31 – http://alicerces1.blogspot.com/2008_06_01_archive.html

Figura 32 -

http://www.aytobadajoz.es/imagenes/ayto/2007_08/500_51.mu_eiac.jpg

Figura 33-

http://santaremeaevolucao.blogspot.com/2009_05_01_archive.html

Figura 34-

http://santaremeaevolucao.blogspot.com/2009_05_01_archive.html

Figura 35 – <http://www.hohensinn-architektur.at/justizzentrum-leoben.php#>

Figura 36 – <http://www.hohensinn-architektur.at/justizzentrum-leoben.php#>

Figura 37 – <http://www.hohensinn-architektur.at/justizzentrum-leoben.php#>

Figura 38 – <http://www.hohensinn-architektur.at/justizzentrum-leoben.php#>

Figura 39 - <http://www.hohensinn-architektur.at/justizzentrum-leoben.php#>

Figura 40 - <http://www.hohensinn-architektur.at/justizzentrum-leoben.php#>

Figura 41 – http://www.blogdocavalcanti.com/2009_06_01_archive.html

Figura 42 – http://www.blogdocavalcanti.com/2009_06_01_archive.html

Figura 43 – http://www.blogdocavalcanti.com/2009_06_01_archive.html

Figura 44 - http://maps.google.com/maps?client=safari&rls=en&oe=UTF-8&um=1&ie=UTF-8&q=Her+Majesty's+Prison+High+Down,+Sutton,+Inglaterra&fb=1&hq=her+majesty's+prison+high+down&hnear=0x4875e280183c1fe7:0xda26308044d5ef66,Sutton,+Greater+London,+UK&ei=1VksTt7PFYOHJhQeQ5sWqCw&sa=X&oi=local_result&ct=image&ved=0CAQQtgM&cid=0,0,123289921253178486

Figura 45 - [regimes2.asp?nameofprison=HMP_HIGH_DOWN](http://www.theclinkcharity.com/regimes2.asp?nameofprison=HMP_HIGH_DOWN)

<http://www.theclinkcharity.com/>

Figura 46 – Revista da Universidade de Coimbra, vol.11, em honra de D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1933 - Reprodução das fachadas Sul e Oeste do edifício do Colégio de Tomar, extraída de uma velha fotografia da cidade.

Figura 47 – Revista da Universidade de Coimbra, vol.11, em honra de D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1933 - Colégio de Tomar (fachada meridional)

Figura 48 – Revista da Universidade de Coimbra, vol.11, em honra de D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1933 - Colégio de Tomar (fachada ocidental)

Figura 49 - Revista da Universidade de Coimbra, vol.11, em honra de D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1933 - Colégio de Tomar (fachada oriental e setentrional)

Figura 50 – Revista da Universidade de Coimbra, vol.11, em honra de D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1933 - Planta do edifício do Colégio de Tomar e construções anexas

Figura 51 - Revista da Universidade de Coimbra, vol.11, em honra de D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1933 - Planta do Colégio da Ordem de Cristo ou de Tomar

Figura 52 - Livro “Estudos sobre o regimen penitenciário e a sua applicação em Portugal”, página 93, Adelino Antonio das Neves e Mello, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1880.

Figura 53 –

<http://www.bing.com/maps/#JnE9LmNvaW1icmEIN2Vzc3QuMCU3ZXBnLjEmYmI9NTcuODkzMTQzNjgzMjkyOCU3ZTM4LjY2MzY2NDgxODUIN2UxMi42NDMzNjA2NjI5MDY1JTdILTU3LjA0OTIyNTgwNjU=>

Figura 54 -

<http://www.bing.com/maps/#JnE9LmNvaW1icmEIN2Vzc3QuMCU3ZXBnLjEmYmI9NTcuODkzMTQzNjgzMjkyOCU3ZTM4LjY2MzY2NDgxODUIN2UxMi42NDMzNjA2NjI5MDY1JTdILTU3LjA0OTIyNTgwNjU=>

Figura 55 –

<http://www.bing.com/maps/#JnE9LmNvaW1icmEIN2Vzc3QuMCU3ZXBnLjEmYmI9NTcuODkzMTQzNjgzMjkyOCU3ZTM4LjY2MzY2NDgxODUIN2UxMi42NDMzNjA2NjI5MDY1JTdILTU3LjA0OTIyNTgwNjU=>

Figura 56 -

<http://www.bing.com/maps/#JnE9LmNvaW1icmEIN2Vzc3QuMCU3ZXBnLjEmYmI9NTcuODkzMTQzNjgzMjkyOCU3ZTM4LjY2MzY2NDgxODUIN2UxMi42NDMzNjA2NjI5MDY1JTdILTU3LjA0OTIyNTgwNjU=>

Figuras 57, 58, 59, 60,61,62 – imagens do autor

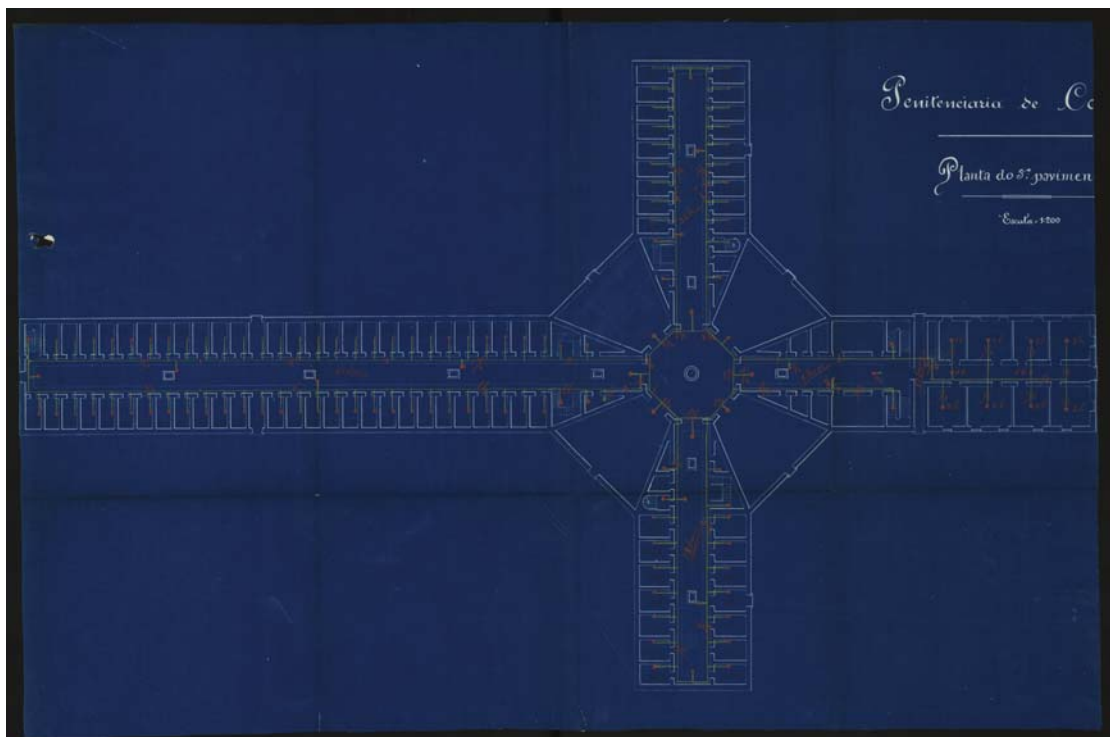
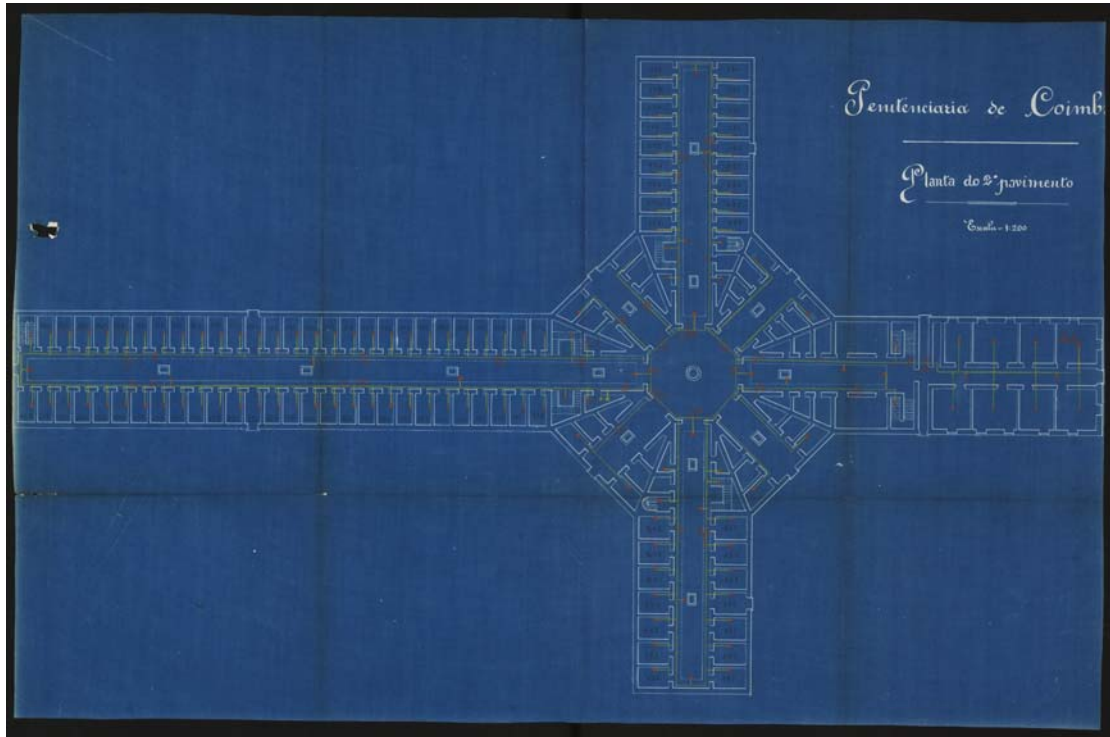
Figuras 63,64,65,66,67,68 - imagens do autor

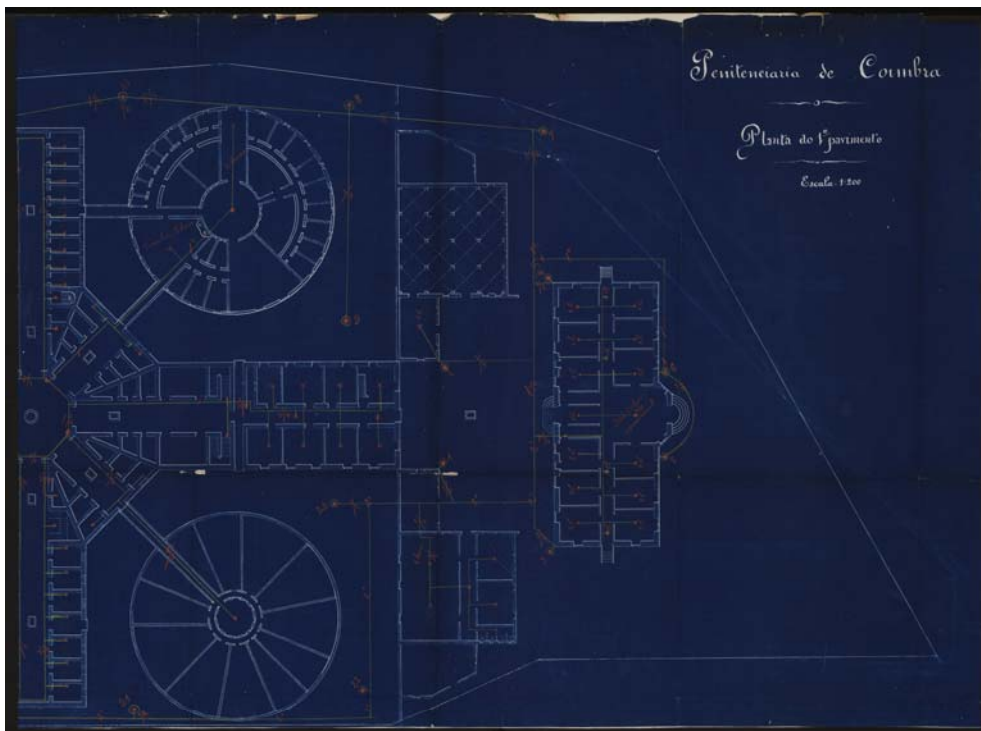
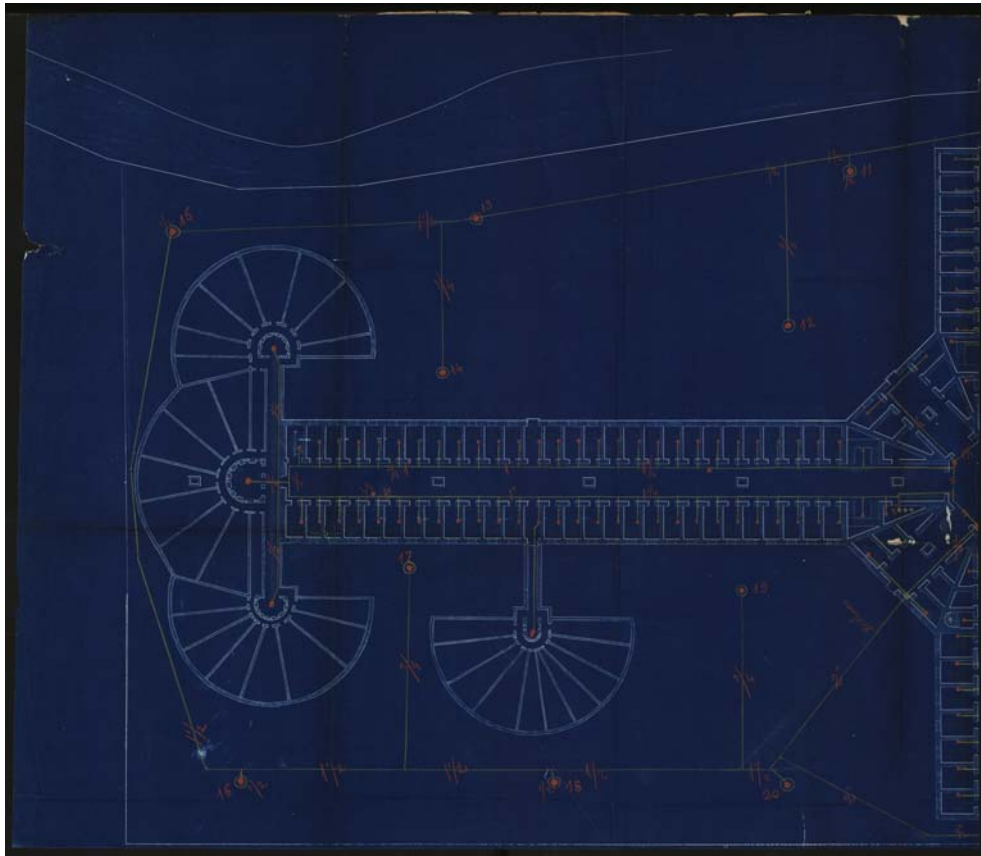
Figuras 69,70,71,72,73,74 - imagens do autor

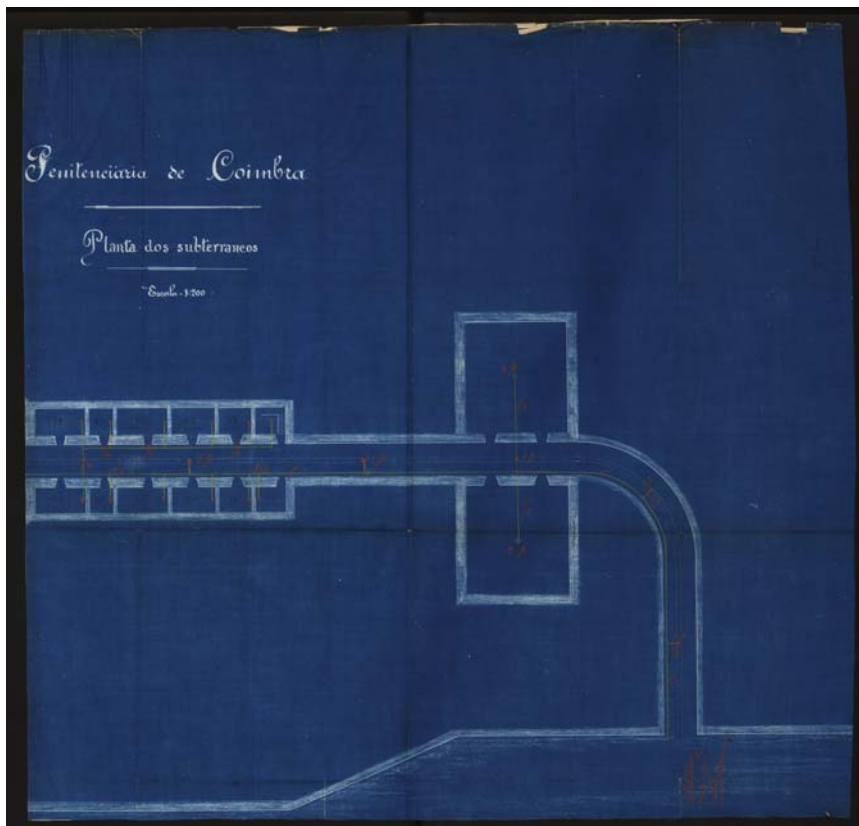
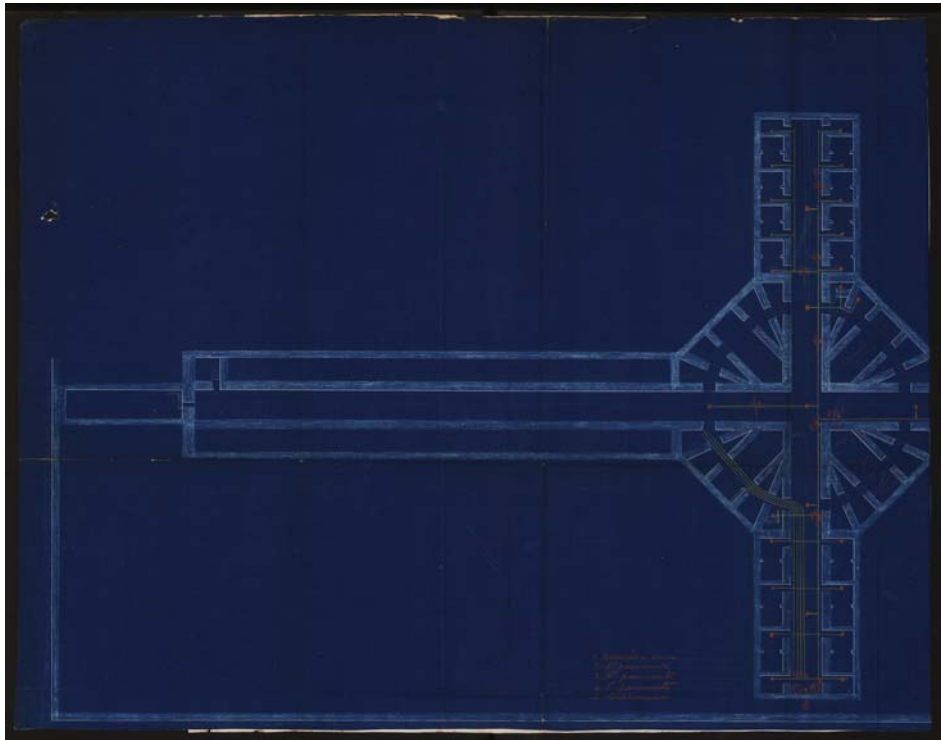
Figuras 75,76,77,78,79,80 - imagens do autor

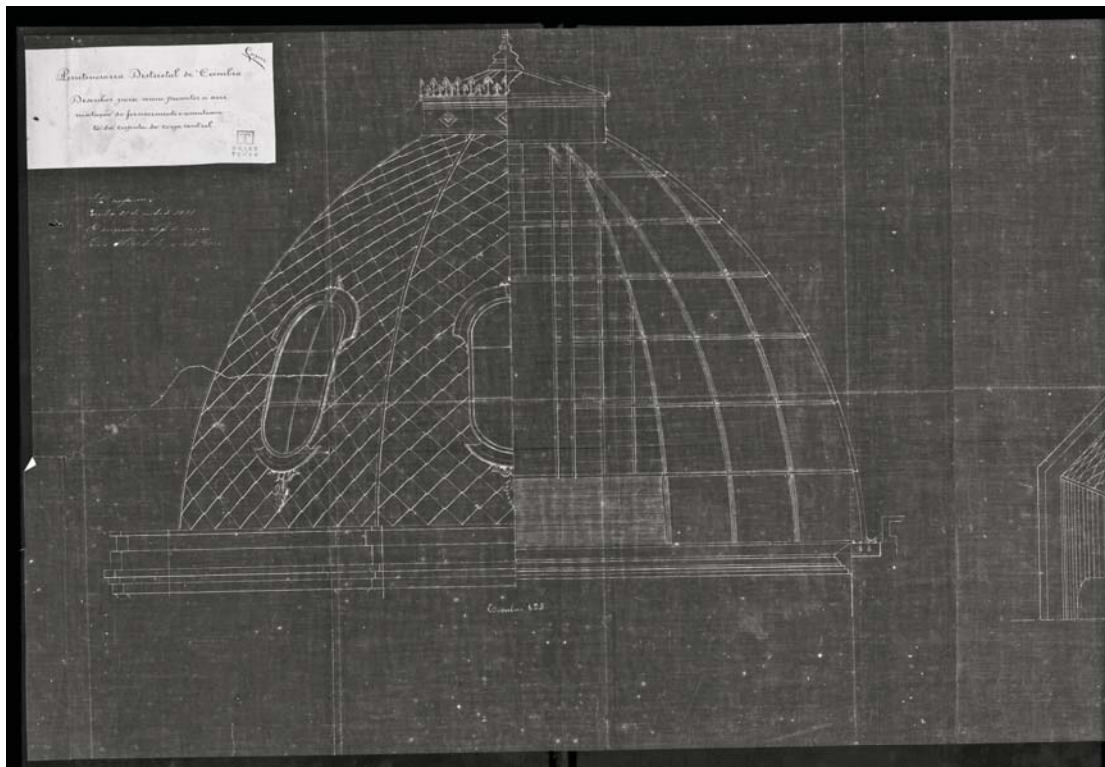
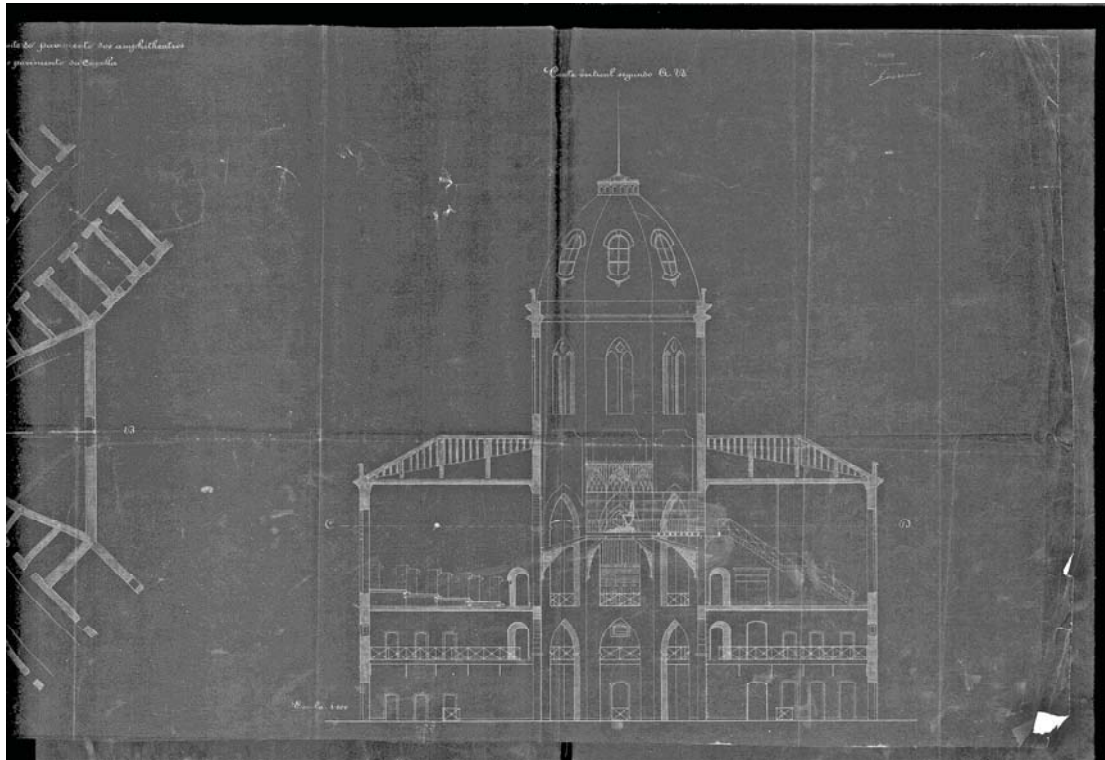
Figuras 81,82,83,84,85,86 - imagens do autor

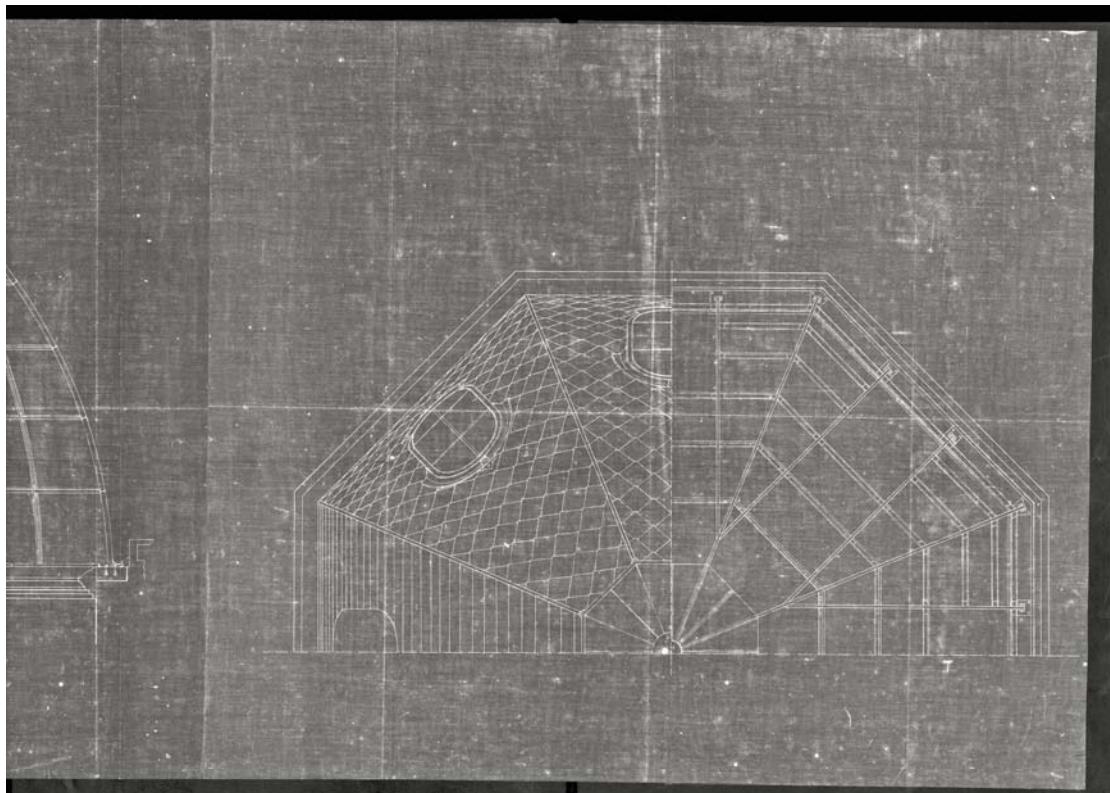
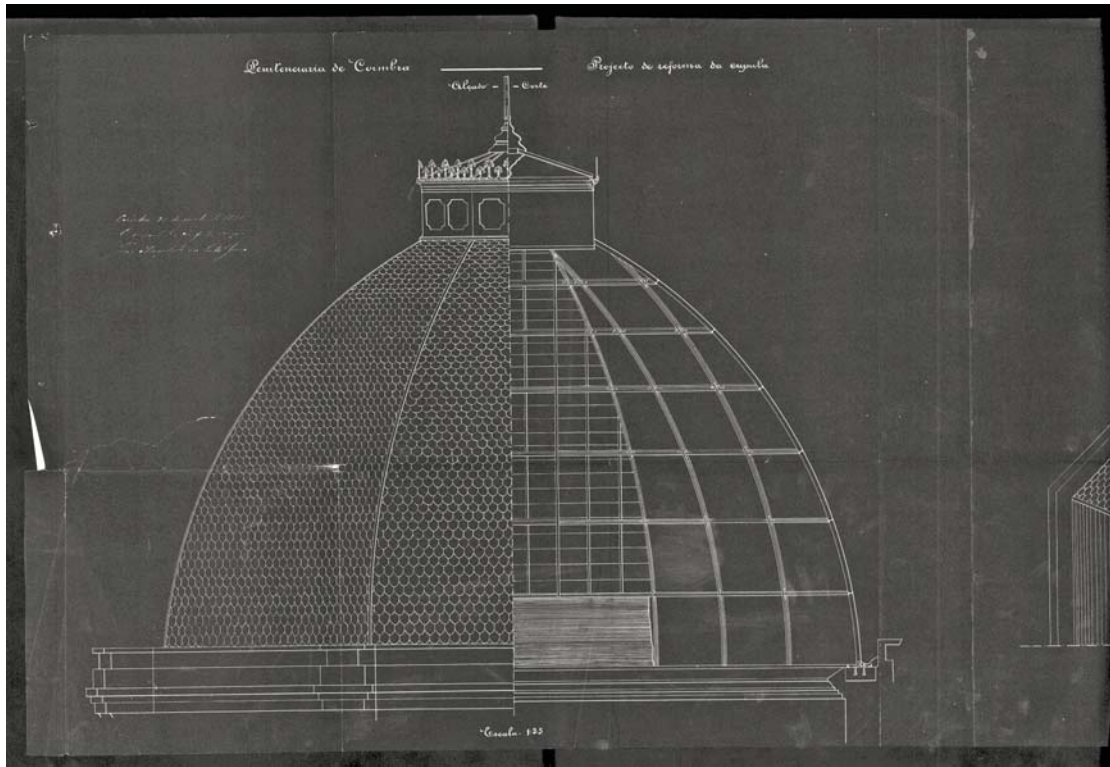
Figuras 87,88 – imagens do autor

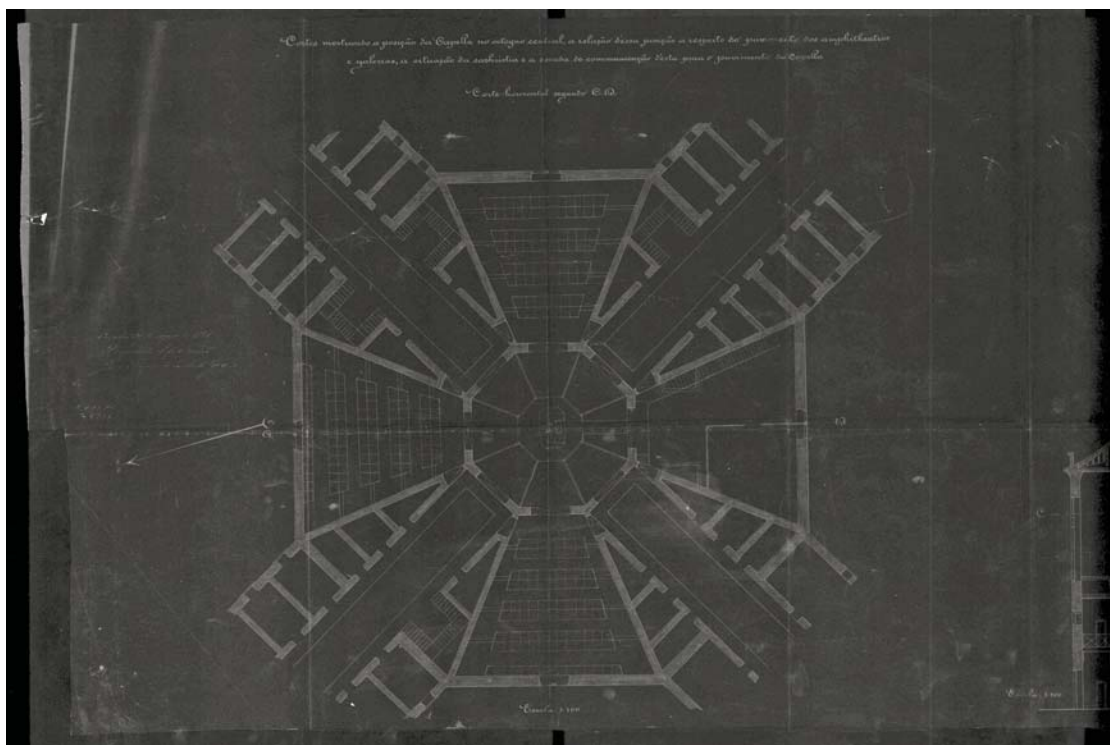
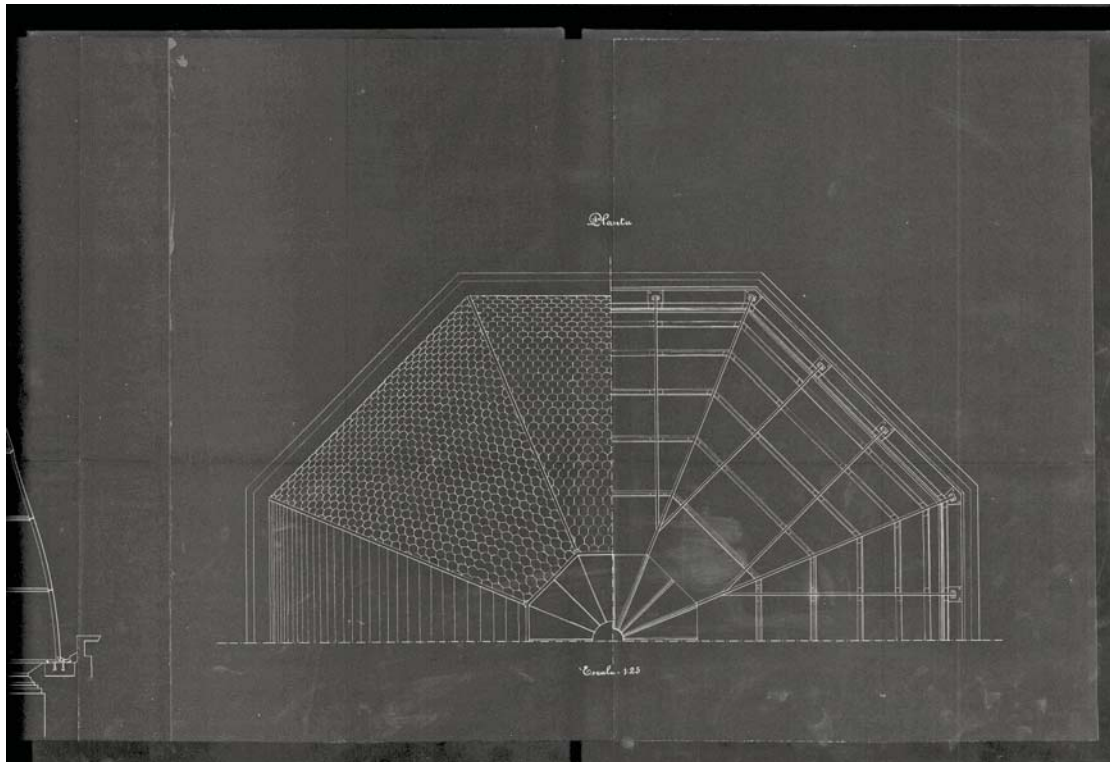


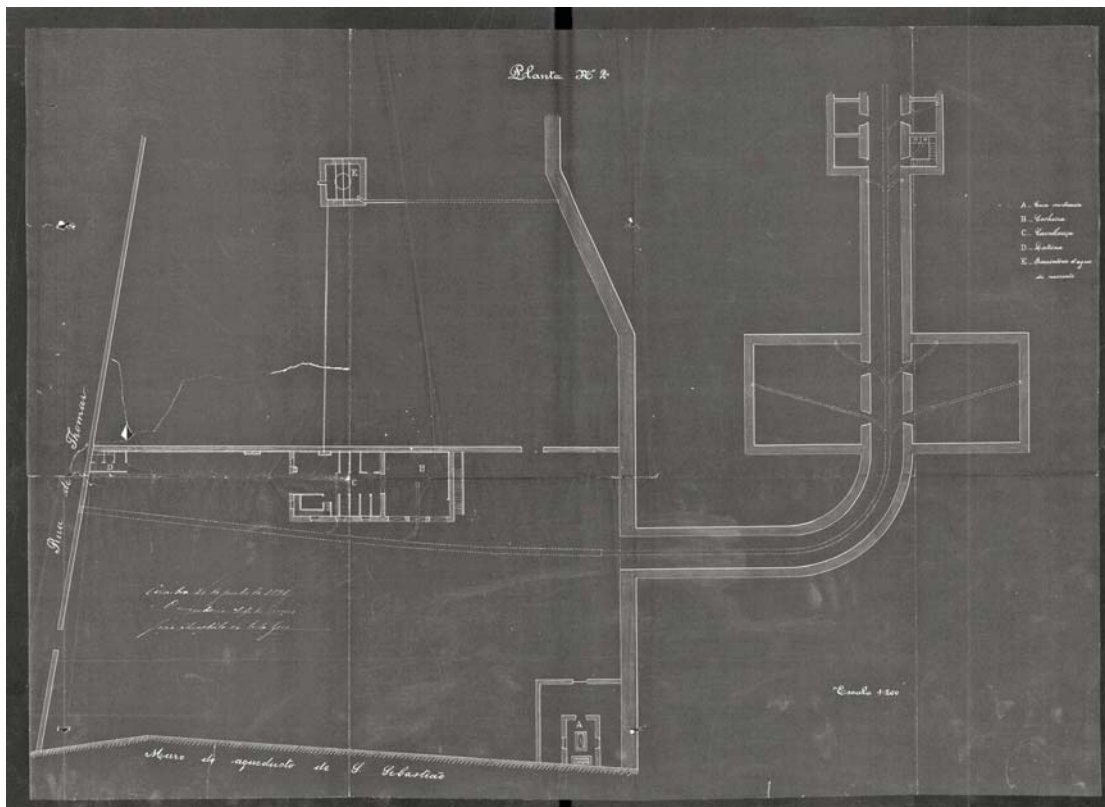
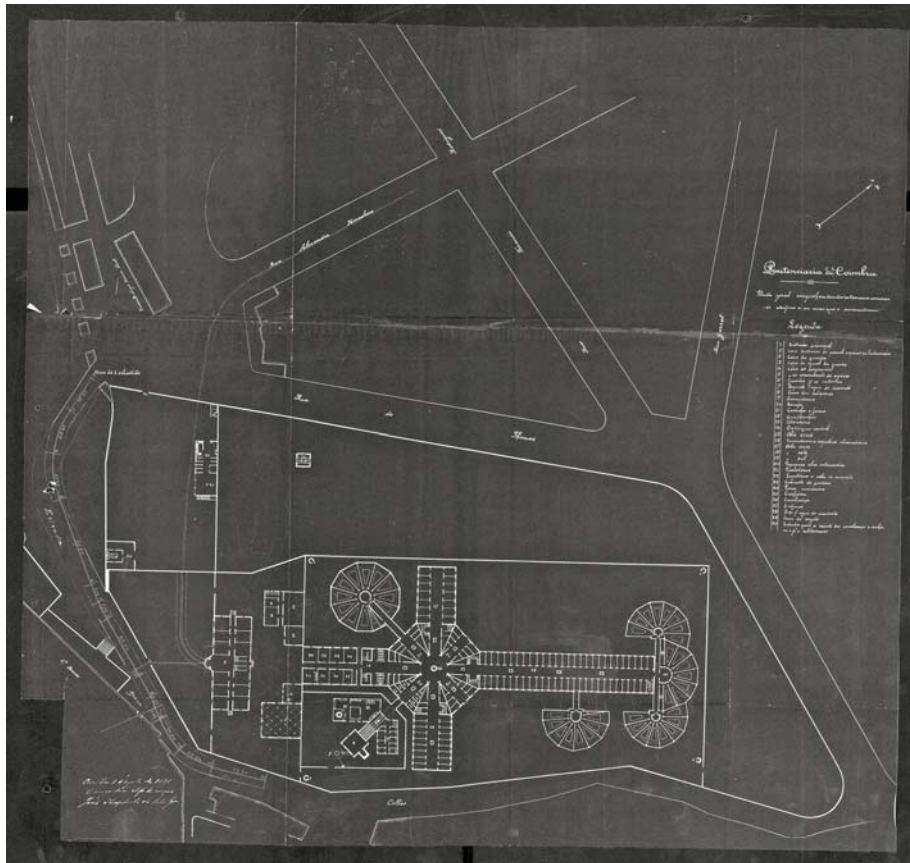












254
Inspeção dos Serviços de Obras Publicas do Districto de Lisboa

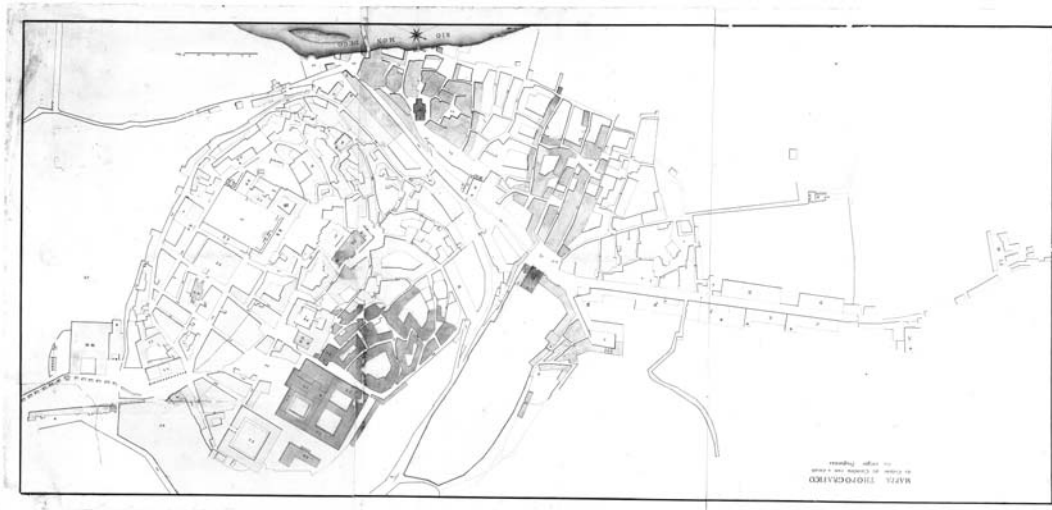


Processo n.º 70

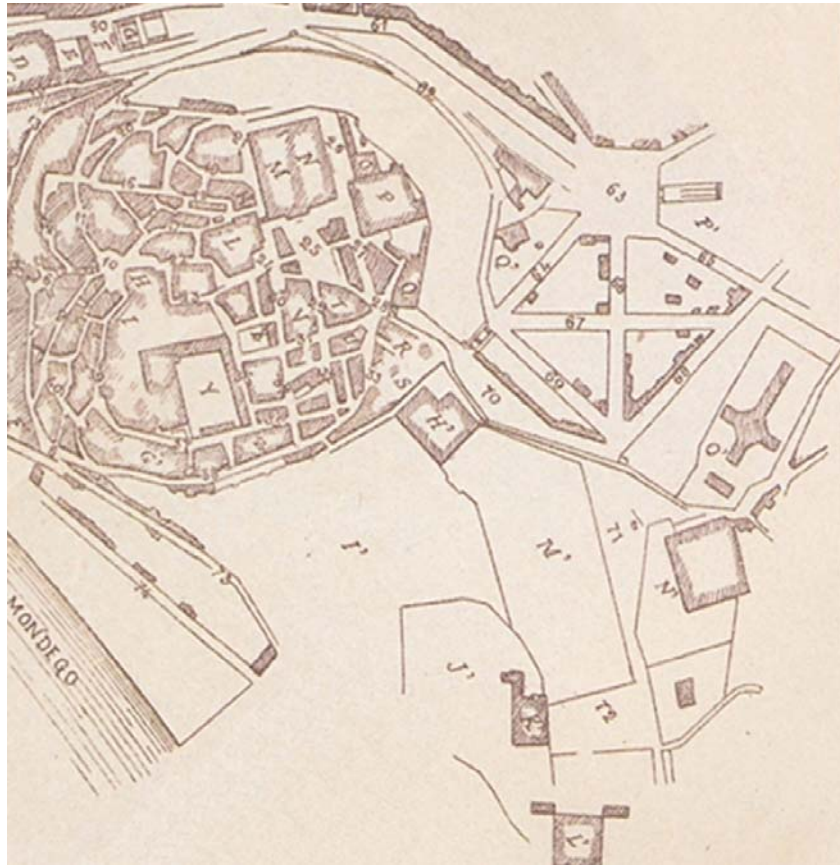
Ano de 1898

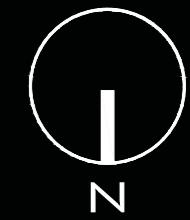
Construção do edificio da Penitenciaria de Coimbra

Capitulo 3.º c

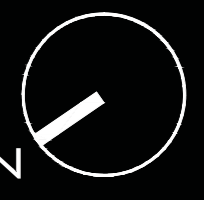
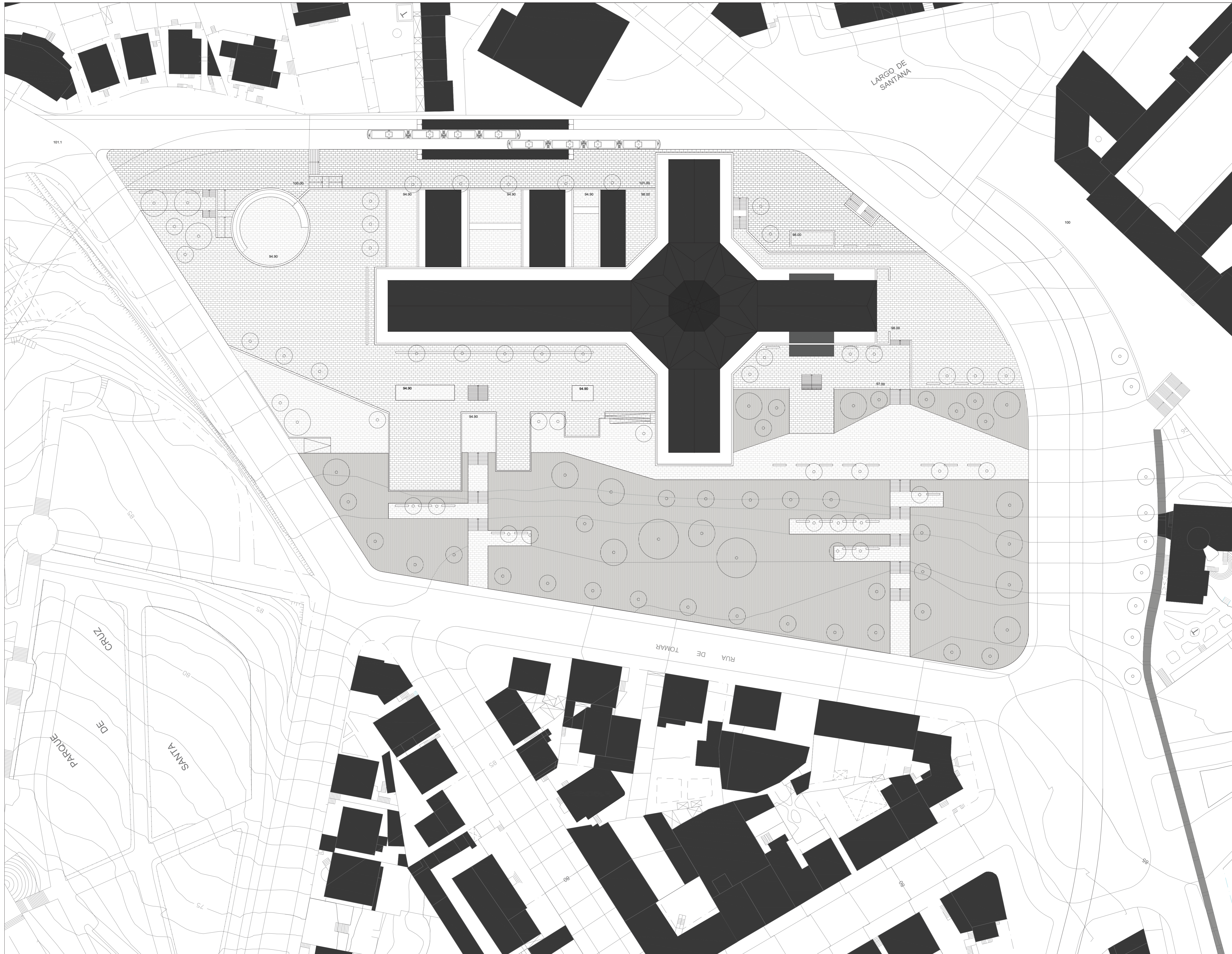




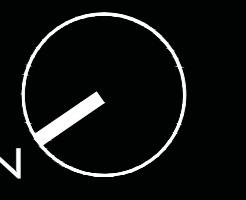
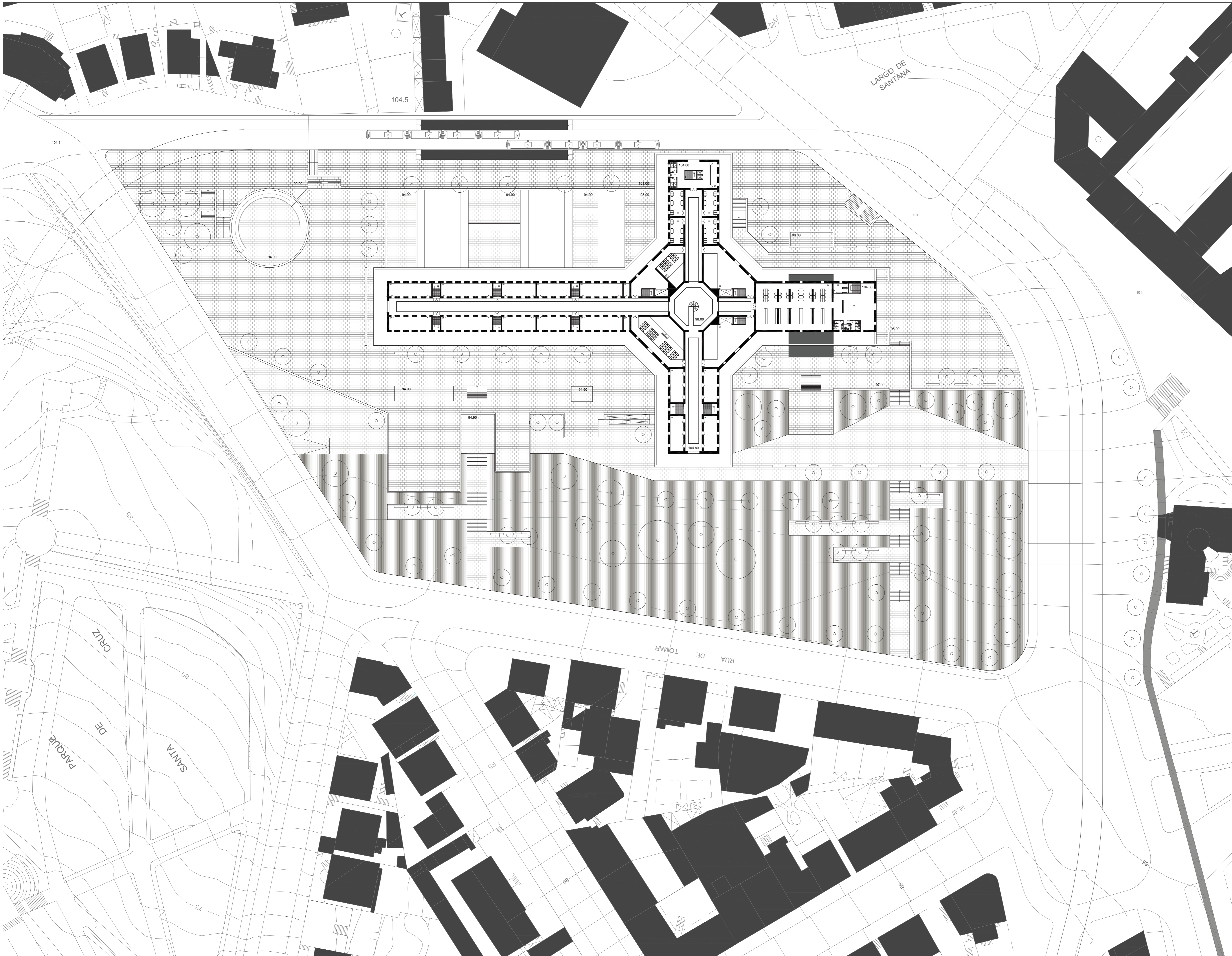




PLANTA DE IMPLANTAÇÃO
1/1000



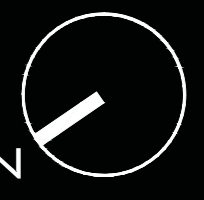
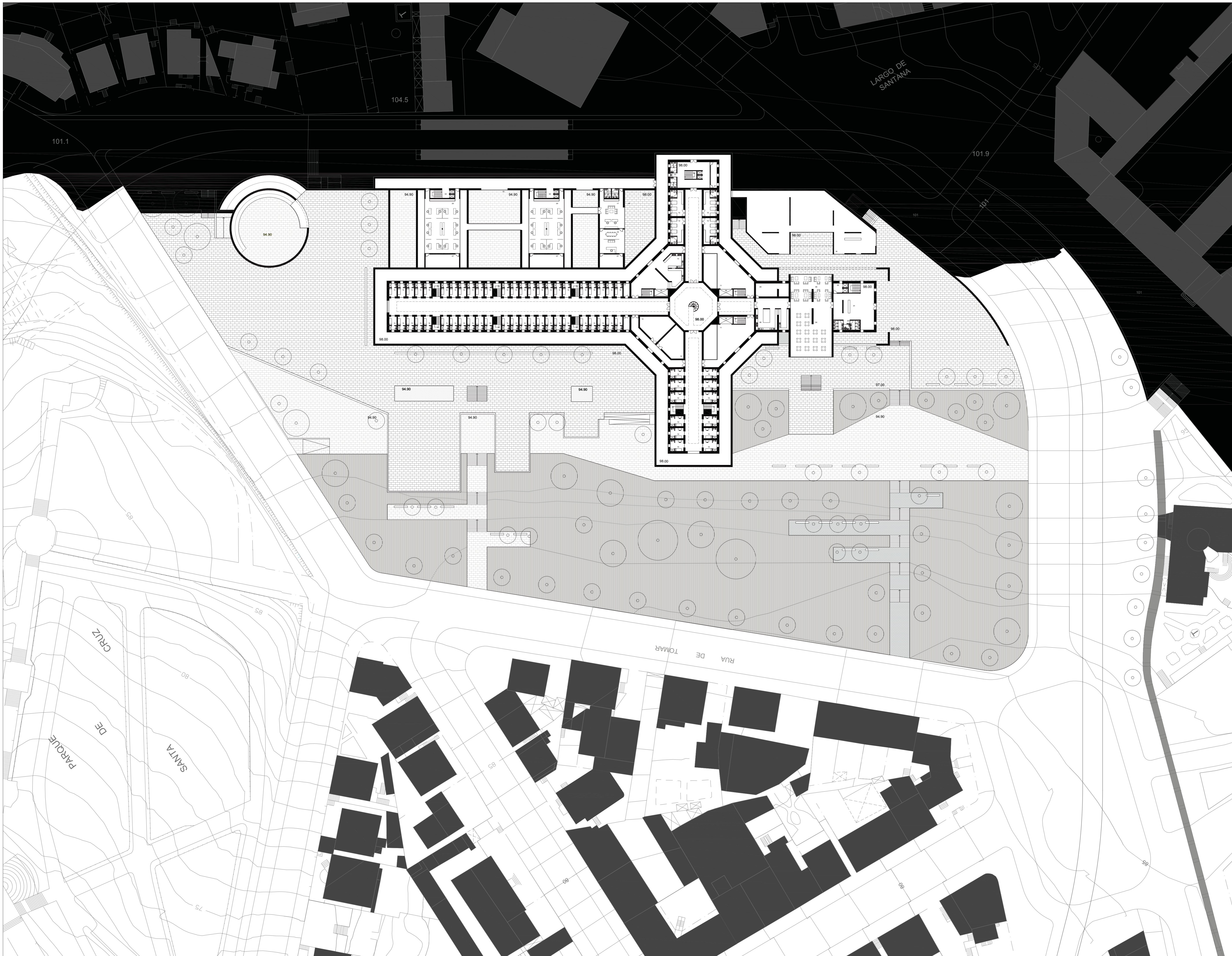
PLANTA DE IMPLANTAÇÃO
1/500



LEGENDA

- 01 - FOYER DA BIBLIOTECA
- 02 - ACESSOS VERTICAIS
- 03 - INSTALAÇÕES SANITÁRIAS
- 04 - BIBLIOTECA
- 05 - ARQUIVO DA BIBLIOTECA
- 06 - SALA DE VISITAS
- 07 - ARRUMOS
- 08 - MONTA-CARGAS
- 09 - SALA DE FORMAÇÃO

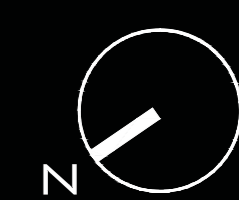
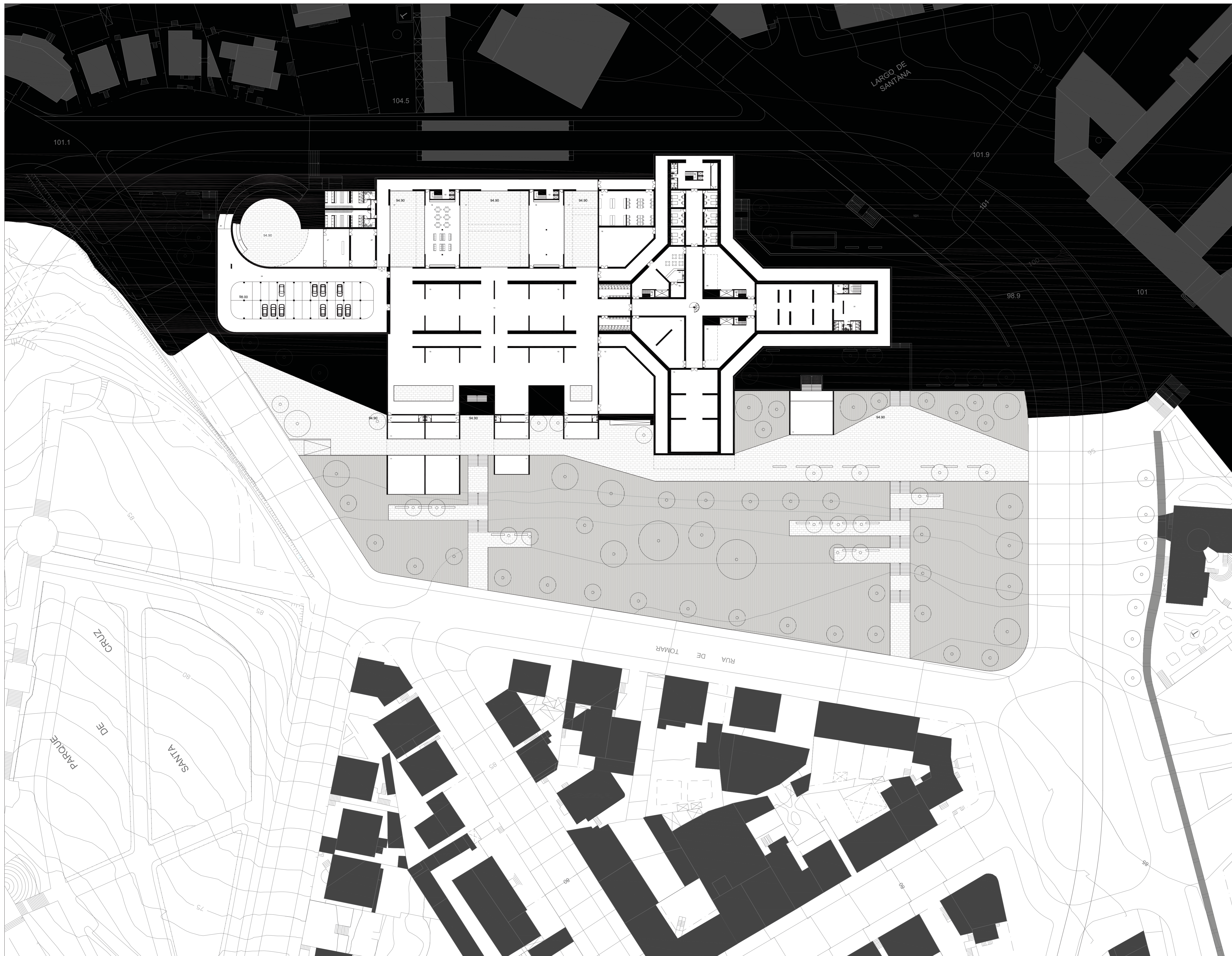
PLANTA_GOTA 106
17500



LEGENDA

- 01 - ENTRADA PRINCIPAL; ACESSO AO RESTAURANTE, AO MUSEU E À BIBLIOTECA
- 02 - ACESSOS VERTICAIS
- 03 - INSTALAÇÕES SANITÁRIAS
- 04 - RESTAURANTE
- 05 - BAR
- 06 - COZINHA DO RESTAURANTE
- 07 - ARRUMOS
- 08 - MONTA-CARGAS
- 09 - DESPESA
- 10 - CELA
- 11 - ARQUIVO DA PENITENCIÁRIA
- 12 - ENFERMARIA
- 13 - COZINHA DA PENITENCIÁRIA
- 14 - SA (SERVIÇO DE AUDITORIA E INSPEÇÃO)
- 15 - SALA DE TELECOMUNICAÇÕES
- 16 - MUSEU - EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS
- 17 - SECRETARIA DE DIRECÇÃO
- 18 - SALA DE DIRECÇÃO
- 19 - TERRAÇO
- 20 - ADMINISTRAÇÃO

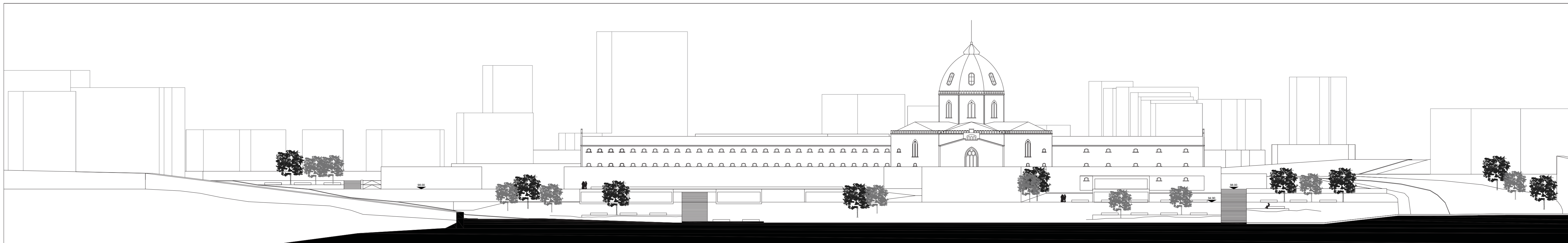
PLANTA_COTA 100
17500



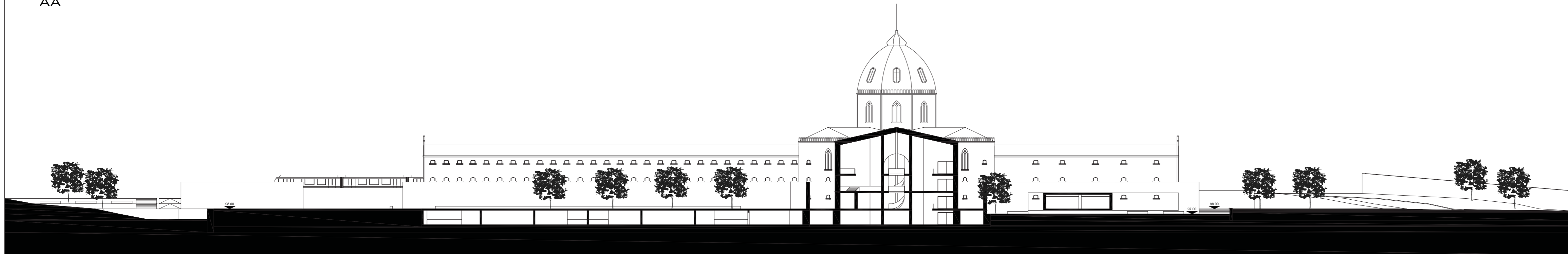
LEGENDA

- 01 _ MUSEU - ESPOSIÇÕES PERMANENTES
- 02 _ ACESSOS VERTICAIS
- 03 _ INSTALAÇÕES SANITÁRIAS
- 04 _ DORMITÓRIO FUNCIONÁRIOS
- 05 _ BAR FUNCIONÁRIOS
- 06 _ DESPENSA
- 07 _ ARRUMADOS
- 08 _ MONTA-CARGAS
- 09 _ ARQUIVO DA PENITENCIÁRIA
- 10 _ OFICINAS
- 11 _ LOJA
- 12 _ ARRUMOS DAS OFICINAS
- 13 _ ARMAZÉM
- 14 _ LAVANDARIA
- 15 _ ROUPARIA
- 16 _ ARMAZÉM DA COZINHA
- 17 _ PÁTIO PARA RECLUSOS
- 18 _ SALA DE CONVÍVIO PARA RECLUSOS
- 19 _ BALNEÁRIOS PARA FUNCIONÁRIOS
- 20 _ ZONA DE CONTROLO
- 21 _ FOYER DA PENITENCIÁRIA
- 22 _ ACESSO PEDONAL
- 23 _ ENTRADA DE RECLUSOS
- 24 _ ESTACIONAMENTO
- 25 _ ACESSO AUTOMÓVEL

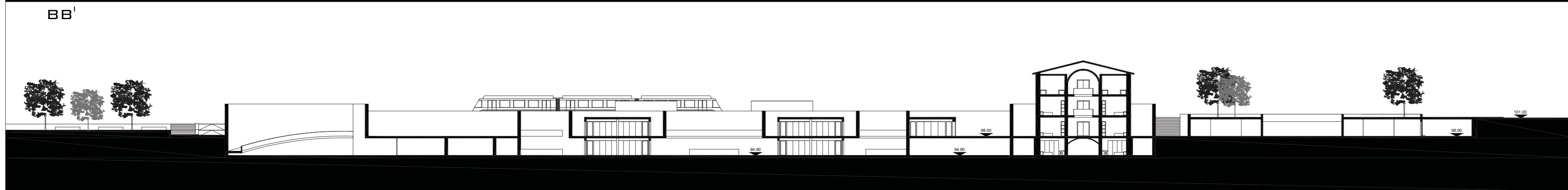
PLANTA_COTA 96
1/500



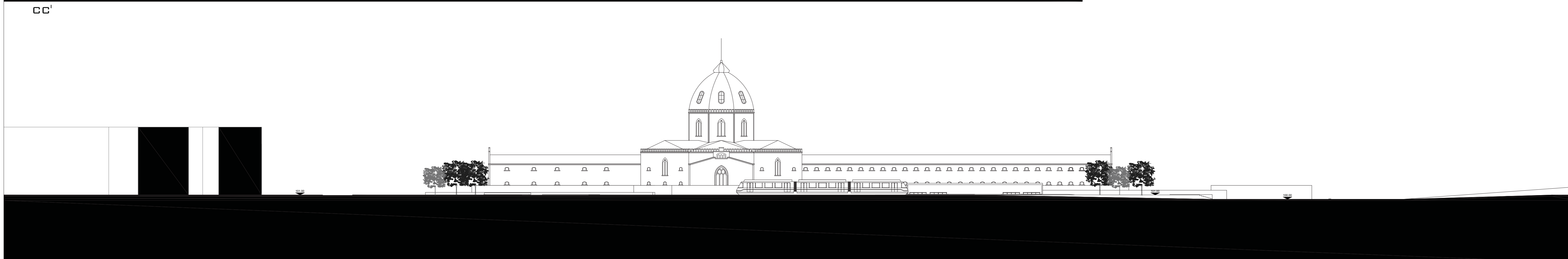
AA'



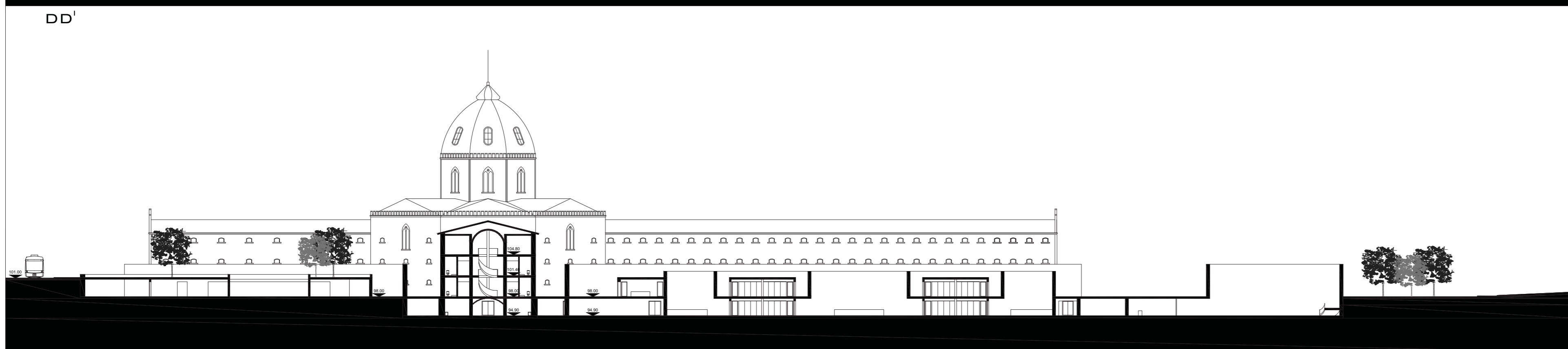
BB'



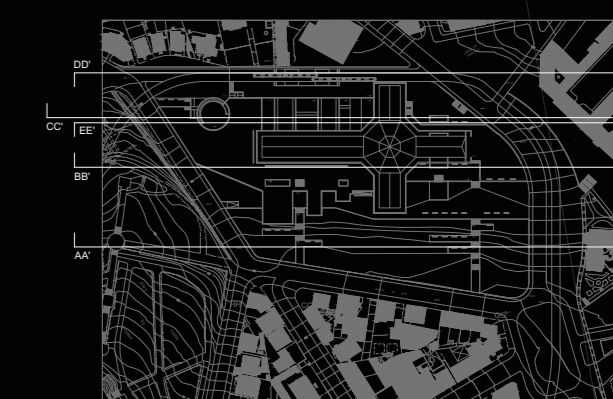
CC'



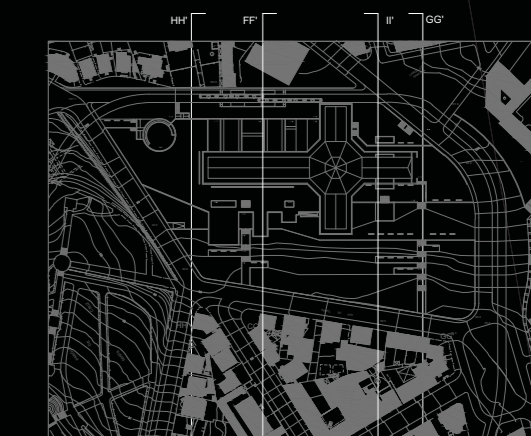
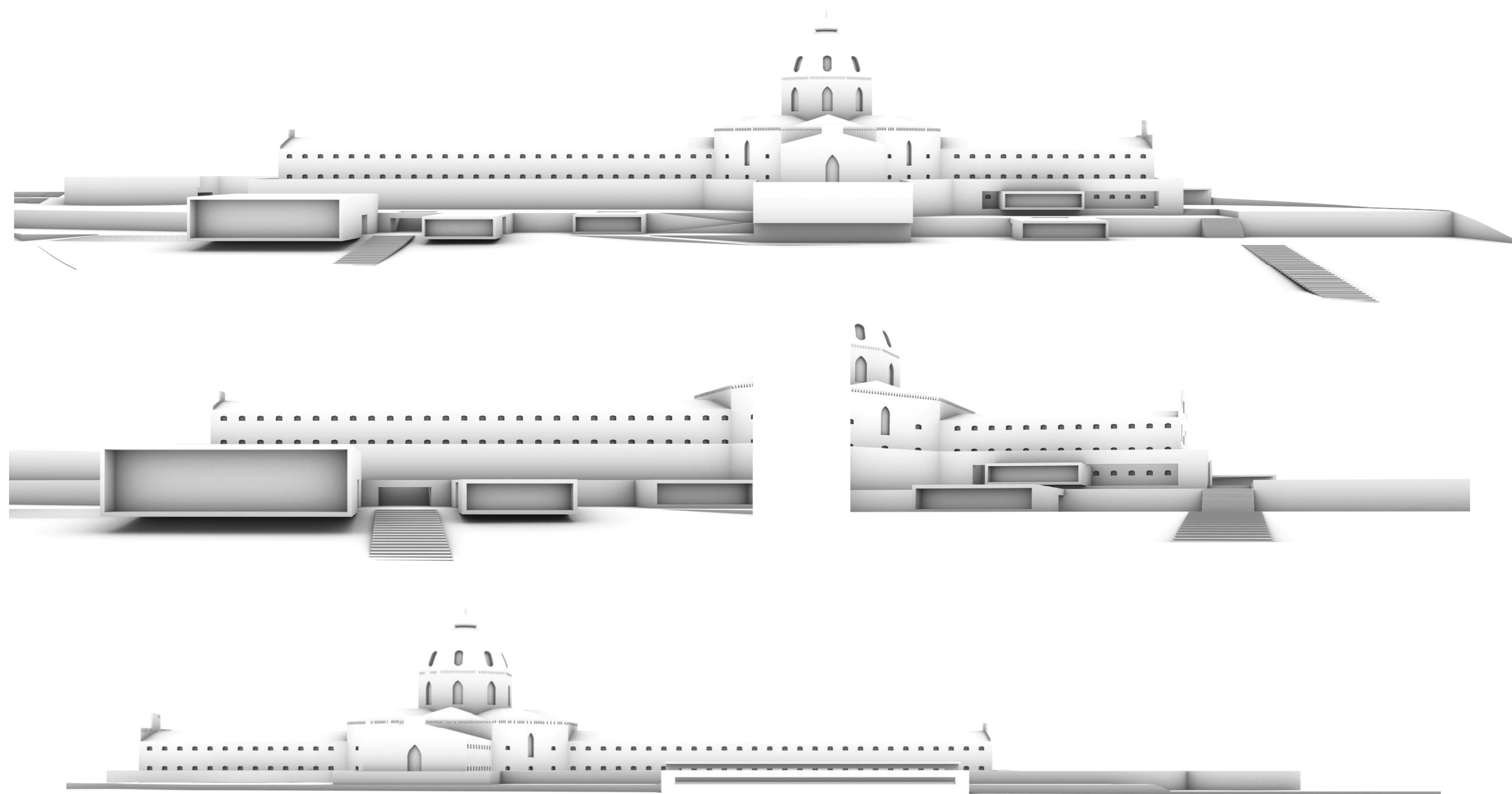
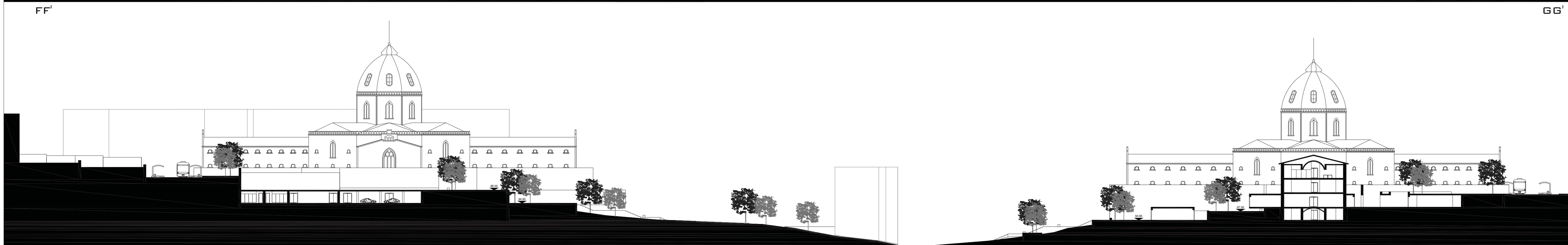
DD'



EE'



PERFIS_CORTES
1/1500



PERFIS_CORTES
1/1500

